



UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA | DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

CIDADE, ESPAÇO PÚBLICO E CORPO
ÁGUA ENQUANTO GERADOR DE ESPAÇO

ANA CATARINA SERAFIM DE SOUSA GRAÇA

ORIENTADORES:
ARQ. INÊS LOBO
ARQ. JOÃO VAZ
ARQ. JOAQUIM MORENO

OUTUBRO DE 2013

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por acreditarem sempre em mim, pela sua paciência e pela disponibilidade demonstrada ao longo deste percurso de cinco anos.

Aos professores pelo acompanhamento, pela disponibilidade demonstrada na realização deste trabalho, a Arq. Inês Lobo, o Arq. João Vaz e o Arq. Joaquim Moreno.

Aos meus amigos que partilharam este percurso e toda a sua dinâmica, em especial, Fábio Fonseca, Miriam Valente e Rita Cabrelon.

CIDADE, ESPAÇO PÚBLICO E CORPO . ÁGUA ENQUANTO GERADOR DE ESPAÇO

008	ABSTRACT .pt
009	ABSTRACT .en
013	INTRODUÇÃO
015	ÁGUA CIDADE
019	AQUEDUTO
023	O CASTELO, AS ÁGUAS LIVRES E O ALVIELA
029	ÁGUA ESPAÇO PÚBLICO
033	DO VAZIO AO PONTO DE ENCONTRO
037	DA SOMBRA AO HABITAR A RUA
041	CASO DE ESTUDO . CASCO ANTIGUO DE BANYOLES . MIAS ARCHITECTES
043	ÁGUA CORPO
047	O CORPO PROTAGONISTA DO ESPAÇO BANHO
053	CASO DE ESTUDO . TERMAS DE VALS . PETER ZUMTHOR
057	O CORPO PROTAGONISTA DO ESPAÇO TEATRAL
061	CASO DE ESTUDO . PEDRO E INÊS . OLGA RORIZ
063	CONCLUSÃO

CIDADE | AQUEDUTO | BAIRRO . UMA INTERVENÇÃO EM MONSANTO

067	ÁGUA AQUEDUTO CIDADE
071	PLANTA DE ESTRATÉGIA . CIDADE AQUEDUTO MONSANTO
073	TIME LINE
075	ESTRATÉGIA GRANDE ESCALA
	DA CASA DE ÁGUA A PORTA DA CIDADE NO PARQUE
077	ÁGUA BAIRRO ESPAÇO PÚBLICO
079	ESTRATÉGIA PEQUENA ESCALA
	BAIRRO DA LIBERDADE . BAIRRO DA SERAFINA
081	INTERVENÇÃO BAIRRO DA LIBERDADE BAIRRO DA SERAFINA
	ESPAÇO PÚBLICO . TERMAS . TEATRO
083	INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO
088	ÁGUA TERMAS TEATRO CORPO
087	ÁGUA TERMAS CORPO
097	ÁGUA TEATRO CORPO
113	ÍNDICE DE IMAGENS
123	BIBLIOGRAFIA

CIDADE, ESPAÇO PÚBLICO E CORPO

ÁGUA ENQUANTO GERADOR DE ESPAÇO

ABSTRACT .pt

A água é o elemento que define a cidade de Lisboa; pode ser pensada como o motor de desenvolvimento da cidade, mas foi pensada para estruturar a cidade e não para ser utilizada para servir a cidade.

A água foi durante muitos séculos, um problema de escassez na cidade apesar da sua abundância no rio Tejo, daí a importância fundamental que as fontes e chafarizes desempenharam no desenvolvimento da cidade, dado que permitiram ao homem o acesso a água potável com o mínimo de condições para o seu uso, o mínimo de salubridade.

O presente ensaio constitui um estudo sobre a evolução dos sistemas de abastecimento de água à cidade e a água como processo de transformação quer para o espaço público, quer para o homem.

Os sistemas de abastecimento de água à cidade ao longo dos anos revelaram diferentes transformações na cidade, sendo a mais relevante o Aqueduto das Águas Livres, que surge como resposta à necessidade de resolver o problema de falta de água na cidade, devido ao crescimento da população para fora da muralha da cidade.

O aqueduto é um complexo sistema de captação e canalização da água de forma a abastecer a cidade de Lisboa. Este sistema de abastecimento produz hierarquização, privatização e controle na sua distribuição.

A água como processo de transformação quer para o espaço público, quer para o homem, vai produzir hierarquização social, ou seja, a água não se torna num problema de higienização para o homem, mas sim de regeneração e de socialização. O corpo torna-se protagonista do espaço e do tempo.

A “água | cidade”, “água | espaço público” e a “água | corpo” são conceitos que se pretendem investigar e revelar neste ensaio, através de como a água produz uma relação com a cidade, o espaço público e o homem.

Palavras-chave: **Água, Cidade, Espaço Público, Corpo**

The water is the element that defines the city of Lisbon; can be thought of as the engine of development in the city, but was thought to structure the city and not to be used to serve the city.

The water was for many centuries, a problem of shortage in the city despite its abundance in the river Tejo, from there the basic importance that the sources and fountains played in the development of the city, given that they had allowed to the man the access the drinking water with the minimum of conditions for its use, the minimum of salubrity.

The present essay is a study on the evolution of the systems of water supply to the city and the water as transformation process wants for the public space, wants for the man.

The systems of water supply to the city throughout the years had disclosed to different transformations in the city, the most relevant being the Aqueduct of the Free Waters, that appears as reply to the necessity to decide the problem of water shortage in the city, to the growth of the population outside of the city wall.

The aqueduct is a complex system of captation and canalization of the water to supply the city of Lisbon. This system of supplying produces hierarchy, privatization and control in its distribution.

The water as transformation process wants for the public space, wants for the man, goes to produce social hierarchy, that is, the water does not become a hygienic problem for the man, but yes of regeneration and socialization. The human body becomes protagonist of the space and the time.

The “water | city”, “water | public space” and “water | human body” are concepts that we want to investigate and reveal in this assay, thought as water produces a relationship with the city, yhe public space and the man.

Key-words: **Water, City, Space Public, Human body**

"La vida procede del agua, y la salud, la eterna juventud, se guarda en una fuente. La relación de la arquitectura con el agua es permanente desde sus orígenes; donde abundaba el agua surgieron los asentamientos humanos." ¹

Enrique Domínguez Uceta. España balnearia De las termas a los spas urbanos

¹ UCETA, Enrique Domínguez. España balnearia De las termas a los spas urbanos. *Arquitectura Viva*. Madrid: Arquitectura Viva. ISSN 0214-1256. Nº 127, p. 21. Revista bilingüe español – inglés. Tit. Inglés: Thermal Spain From Baths to Urban Spas.

INTRODUÇÃO

A presente reflexão teórica explora e analisa a relação de três elementos, - cidade, espaço público e corpo - com a água, sendo esta a geradora de espaço, tanto ao nível da grande escala – a cidade, como da pequena escala – o espaço público, e ainda a escala do edifício – o corpo.

A formação de cidades através da ocupação no território por parte do homem, sempre esteve ligada à água. A abundância e/ou carência da mesma influenciou a organização e desenvolvimento das cidades, pois estas eram construídas perto de nascentes de água, para aproveitamento da mesma para o quotidiano do homem, tendo de arranjar mecanismos para a sua captação e transporte até aos pontos de recolha da mesma existentes nas cidades – os chafarizes.

O espaço público é um espaço fundamental da cidade, é o espaço de convívio. Assim, através dele pretendo reflectir como o mesmo interfere na vida do homem e quando associado a infra-estruturas e a espaços de água, contribui para o lugar onde está implantado e que permite ao homem conviver e relacionar-se com o outro.

O tema do corpo associado a água, está relacionado com os edifícios propostos para a parte prática desta dissertação, o banho público e o teatro, que quando associados a espaços de água transformam o homem através da regeneração e da socialização, e tornam o corpo através dos seus movimentos protagonista do espaço.

Cidade, Espaço Público e Corpo, quando associados a água, transformam a percepção que o homem tem do espaço.



A água é um bem essencial e um factor determinante no desenvolvimento das cidades, surgiu na vida do homem na civilização egípcia, mas é a civilização romana que cria formas de controlo e distribuição de águas as cidades. A maior parte das cidades terá surgido perto dos rios, para que fosse possível o fornecimento de água para consumir e para a irrigação dos campos de cultivo e gado.

A água foi por vezes escassa e o seu aproveitamento teve que ser controlado e transportado até aos locais onde era necessária para abastecer a população. Os pontos de acesso à água, são pontos fundamentais para a cidade, pois geram praças, espaços não edificados, ou seja um espaço público de convívio e partilha.

Vitrúvio, elege a água como sendo o elemento mais importante, por este satisfazer muitas das necessidades quotidianas, mas também por ser gratuita.

“ Pois a água é sumamente necessária para a vida, para as comodidades e para o uso quotidiano. (...)”²

Vitrúvio. Tratado de Arquitectura. 2006.

² VITRÚVIO. Tratado de Arquitectura. Trad. M. Justino Maciel. Lisboa: IST PRESS, 2006. p. 294. Tít. Orig.: *De Architectura de Vitrúvio*. ISBN 972-8469-43-8.

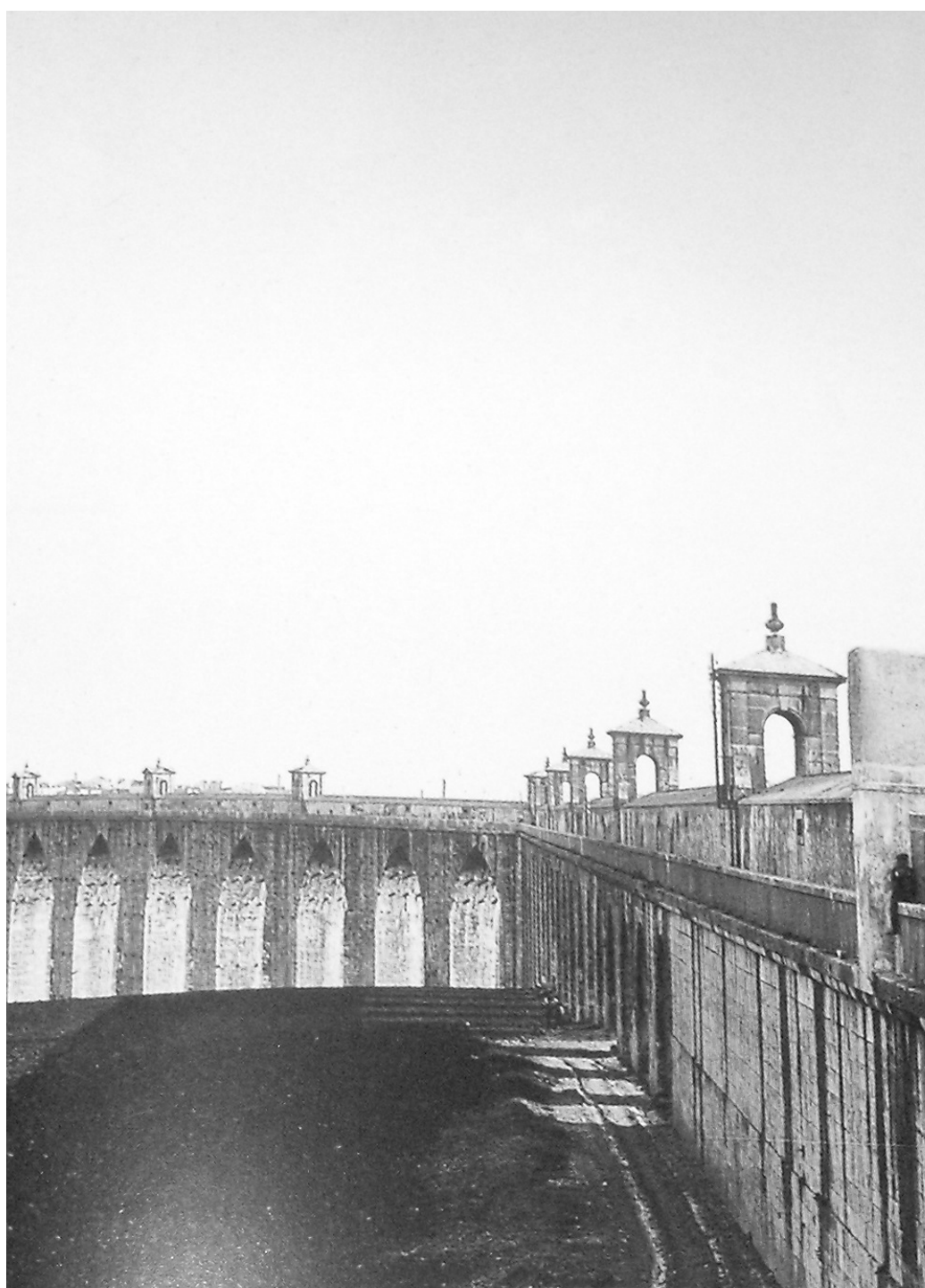


Fig. 02
O PASSEIO DOS ARCOS DO AQUEDUTO DAS
ÁGUAS LIVRES

“(...) ENG. antiga e elevada estrutura de alvenaria constituída por uma ou mais ordens de arcadas sobrepostas e erguida para servir de suporte a um canal que, aberto em toda a extensão do seu coroamento, se destinava a conduzir a água sobre vale ou outra depressão do terreno. HIDROL. canal, ao ar livre ou subterrâneo, para conduzir a água por gravidade de um lugar para outro. ETIM. latim aquaeductus, us ou aquae ductus `condução, o acto de transportar a água, o meio pelo qual se transporta a água, aqueduto ` , de aquae, gen. Sing. De aqua, ae “água” e ductus, us `condução, transporte (...)”³

Formação, Captação, Aduação, Transporte, Distribuição são termos que definem o sistema do aqueduto e seu abastecimento de água as cidades.

O aqueduto tem como objectivo o transporte de água entre dois pontos, lugares de abundância de água para lugares com falta de água, percorrendo grandes distancias usando a gravidade como método de condução da água e adaptando-se a morfologia do terreno, podendo este incluir estruturas subterrâneas.

A civilização romana cria diversas formas de controlo de água nas cidades, através de aquedutos, canais, tanques e cisternas.

³ HOUAISS, António.; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2005. p. 767.



Fig. 03
INTERIOR DO AQUEDUTO AQUA APPIA

AQUEDUTO AQUA APPIA

O primeiro aqueduto construído pelos romanos, o Aqua Appia, dependia antes da sua construção da água do rio Tibre e de alguns poços, fontes ou cisternas onde a água da chuva era armazenada.

O Aqueduto Aqua Appia foi mandado construir pelos censores Appio Claudio Cieco e Caio Plauzio Venox no ano de 312 a.C, captando água das nascentes ao longo da Via Prenestina.

Os romanos na sua construção necessitaram de fazê-lo de forma subterrânea, devido a altitude da sua fonte e de forma a protegê-lo durante as guerras Sármatas. O Aqueduto entra em Roma perto da Porta Maior, dirigia-se ao Celio e Aventino e terminava perto da Porta Trigémina, no fórum Boario.



Fig. 04
AQUEDUTO DE SEGÓVIA . ESPANHA

AQUEDUTO ROMANO DE SEGÓVIA

O sistema de distribuição de água em Segóvia é feito por um dos aquedutos romanos, mandado construir durante os séculos I e II d.C, no governo dos imperadores romanos Vespasiano e Trajano, para transportar água das montanhas até a cidade velha. A água do rio Frio era transportada para a cidade e filtrada por uma sequência de tanques ao longo do percurso que purificavam a água.

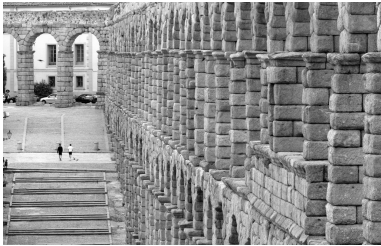


Fig. 05
AQUEDUTO DE SEGÓVIA . ESPANHA

AQUEDUTO DOS PEGÕES ALTOS

No início da construção do Aqueduto de Pegões existia nos terrenos envolventes ao Convento de Cristo inúmeras cisternas que recolhiam a água. A inexistência de fontes próximas e a necessidade do uso sistemático de água, levou a um estudo em toda a zona envolvente do convento, que permitiu concluir que a cinco quilómetros de distância, existiam nascentes que reuniam todas as características para serem aproveitadas.

O aqueduto foi mandado construir, em 1593, pelo rei Filipe II de Espanha, Filipe I de Portugal, e concluído no reinado de Filipe III, seu filho, no ano de 1614, a obra e todo o seu plano são da responsabilidade do arquitecto e engenheiro Filipe Terzi.

O objectivo da construção do aqueduto é resolver o problema de abastecimento de água ao Convento de Cristo, abastecendo a sua cisterna situada no claustro principal do convento e tornar este autónomo a nível de água potável.

AQUEDUTO DA ÁGUA DA PRATA

O Aqueduto da Água da Prata terá sido edificado entre 1531 e 1537, por iniciativa do rei D. João III, que terá responsabilizado pela obra o arquitecto Francisco de Arruda, para a construção da infra-estrutura de abastecimento de água a Évora.

Esta infra-estrutura foi custeada pela nobreza e permitiu transportar água desde as nascentes da Nossa Senhora da Graça do Divor, na Herdade da Prata, até a cidade de Évora, onde terminava numa fonte na Praça Grande da cidade, actual Praça do Giraldo.

O aqueduto, ao longo do seu percurso de dezoito quilómetros, era abastecido por diversas nascentes e ao chegar à cerca da cidade, na Rua Nova de Santiago, o arquitecto Francisco de Arruda construiu uma caixa de água, de planta rectangular. A partir do momento em que passa a cerca da cidade o aqueduto percorre-a toda, abastecendo diversos chafarizes e fontes, para que a população se possa servir desta água.



Fig. 06

AQUEDUTO DE PEGÕES . TOMAR



Fig. 07

AQUEDUTO DE ÉVORA



Fig. 08
ÁGUA LIVRE EM BELAS

O CASTELO, ÀS ÁGUAS LIVRES E O ALVIELA

Lisboa, tem origem na colina do Castelo, na sua encosta em direcção ao rio, devido a proximidade do porto e das nascentes de água potável, presentes na encosta sudoeste da colina. Estas nascentes de água potável foram conservadas no Chafariz d’El Rei e no Chafariz dos Cavalos, que mais tarde, depois da construção da muralha fernandina, passou a chamar-se Chafariz de Dentro, que por sua vez, a partir do século XVI, deram origem, ao Chafariz dos Paus ou da Aguada e ao Chafariz da Praia.

Durante a Idade Média, o homem extraía e armazenava as águas para abastecer-se em poços ou em cisternas, que satisfaziam as necessidades dos indivíduos. O mesmo não se passou durante a época de ocupação romana, devido aos hábitos de higiene e de conforto são obrigados a construir infra-estruturas bastantes superiores às que existiam até ao momento e que satisfazem os indivíduos.

A nova infra-estrutura que os romanos edificam é o aqueduto, que transporta água dos arredores da cidade, para abastecimento de balneários, termas e fontes. Do primeiro sistema de abastecimento de água romano, existem poucos vestígios, e, grande parte por este ser subterrâneo, apenas existe um troço da muralha a poente da Mãe de Água Nova, em Belas e onde este terminava perto da Porta de Santo André.

“O aqueduto romano, por ser subterrâneo, por isso de mais difícil conservação, cedo deve ter sido abandonado, até porque, com a retracção da população após as grandes convulsões que se seguiram à queda do império romano, foi-se tornando desnecessário. A uma população, menos numerosa e exigente, poderia apresentar-se como um luxo supérfluo.” ⁴

Os bairros que cresciam para fora da muralha, para ocidente, recorriam ao reservatório existente no subsolo de um sector da Baixa Pombalina da época romana, que se pensa ter estado ligado ao aqueduto romano. O núcleo central da cidade, a colina do Castelo, as quantidades de água que dispunham eram insuficientes, mas com a construção da muralha fernandina a situação melhorou, introduzindo dentro dos muros da cidade novas nascentes de água.

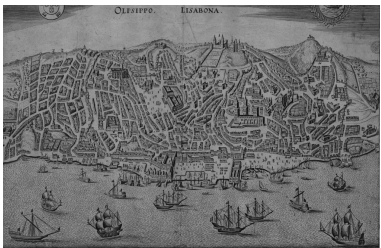


Fig. 09
PANORÂMICA DE LISBOA

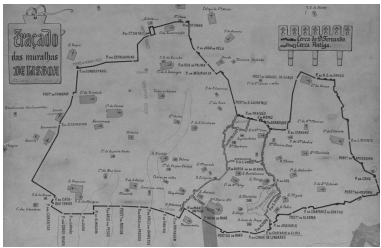


Fig. 10
TRAÇADO DAS MURALHAS

⁴ MOITA, Irisalva. *D. João V e o Abastecimento de Água Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990. 1v, p. 12.

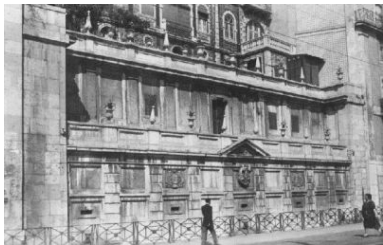


Fig. 11
CHAFARIZ D'EL REI



Fig. 12
CHAFARIZ DE DENTRO



Fig. 13
AQUEDUTO DA AMOREIRA . ELVAS

A grande expansão da cidade durante a Dinastia de Avis, acompanhada da explosão demográfica que Lisboa atinge na época dos Descobrimentos, é possível uma revisão do sistema de distribuição de água potável, devido as exigências de abastecimento das embarcações e os hábitos de higiene surgidos no Renascimento, que acentuaram a falta de água na cidade.

As primeiras preocupações, em melhorar o irregular abastecimento de água potável a Lisboa, remontam ao reinado de D. João II, que 1487 manda fazer obras no Chafariz d'El Rei, aumentando o número de bicas e mais tarde, em 1494, no Chafariz de Dentro.

D. Manuel preocupado com o abastecimento de água a Lisboa, conclui as obras iniciadas no reinado anterior, e por iniciativa real, propõe captar água fora da cidade, através da construção de um aqueduto, com origem na fonte do Chafariz do Andaluz que conduziria até ao Rossio, local onde se pretendia construir um chafariz receptor, o Chafariz do Rossio, concluído em 1606.

Francisco de Holanda, em 1571, na sua obra “Da Fabrica que falece a cidade de Lisboa”, questiona porque é que esta tinha apenas dois chafarizes, denunciando a carência de abastecimento de água à cidade e chamando a atenção para existência de um aqueduto romano que havia satisfeito as necessidades da população, dominado “Água Livre”.

Carta de Francisco de Holanda a El - Rei D. Sebastião, em 1571 “E Lisboa, onde todos bebem água, não tem mais que um estreito chafariz para toda a gente, e outro para os cavalos (...) E deve de trazer a Lisboa Água Livre que de duas léguas dela trouxeram os Romanos a ela, por condutos, debaixo da terra subterrâneos, furando muitos montes e com muito gasto e trabalho, não sendo Lisboa sua (...) E ganhe Vossa Alteza esta honra de fazer este benefício a Lisboa (ou lho faça fazer) de restituir esta fonte de Água Livre, que assim se chama, a esta cidade que morre de sede, e não lhe dão água.”⁵

D. João III, por influência de Francisco de Holanda, pensou trazer a Lisboa, a Água Livre de Belas, retomando o antigo aqueduto romano e inspirando-se no Aqueduto da Amoreira, de Elvas, de 1530.

⁵ SILVA, Victor Cóias. Água e património construído. *Pedra e Cal*. Lisboa: GECORPA. Ano V, nº 18 (Abr./Mai./Jun.), p. 4.

D. Filipe II, Filipe III de Espanha, foi o impulsionador para a concretização do Aqueduto das Águas Livres ao instituir a 4 de Novembro de 1589, o real de água, que seria um imposto sobre bens alimentares (vinho, carne, sal e azeite) de primeira necessidade para custear as despesas da construção do aqueduto. Na cidade, as atenções convergiam no sentido de aumentar o caudal dos chafarizes de Alfama, na esperança de que parte da água fosse levada a outros pontos da cidade. No século XVI, a zona ocidental da cidade e sobretudo a mais alta, o Bairro Alto, era a mais carenciada de água, tornando ainda mais urgente a resolução do problema da falta de água na cidade.

O aumento crescente da população e o desenvolvimento da cidade para ocidente, fizeram aumentar a necessidade de água potável, fazendo com que o senado fizesse pressão para trazer a Água Livre, sendo a única medida para resolver a carência de água que a cidade tinha no momento.

A proposta para um novo sistema de abastecimento de água, foi uma iniciativa da dinastia filipina, mas o que se observou na cidade, foram pequenas intervenções, como o alargamento do caudal do Chafariz d'El Rei, que tinha a função de abastecer as embarcações do comércio das índias.

Cláudio Gorgel do Amaral, envia uma proposta em 1728, ao rei D. João V, onde chama a atenção do rei para a situação catastrófica que se vivia em Lisboa, principalmente a ocidente, devido à falta de água. A partir desta proposta inicia-se o projecto do Aqueduto das Águas livres, que pretendia dar resposta as necessidades permanentes de abastecimento de água a cidade, sem antes D. João V, socorrer-se dos engenheiros e arquitectos mais reputados da sua corte, António Canevari, o Coronel Manuel da Maia e o arquitecto João Frederico Ludovici, para lhe tirar dúvidas em relação a dois pontos: a existência de água suficiente para trazer para Lisboa e a viabilidade do aqueduto no seu sistema de transporte de água.

O alvará de 12 de Maio de 1731, emitido por D. João V concedeu a proposta, desde as nascentes até Lisboa, ao arquitecto António Canevari, que mais tarde será afastado após uma comissão analisar as obras realizadas na Água Livre, iniciadas em Agosto de 1731 e constatar existirem erros graves.

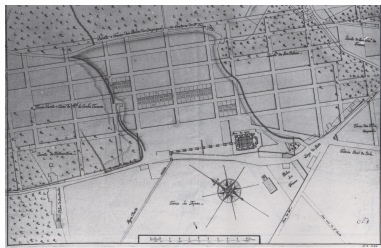


Fig. 14

PLANTA DAS AMOREIRAS . CARLOS MARDEL

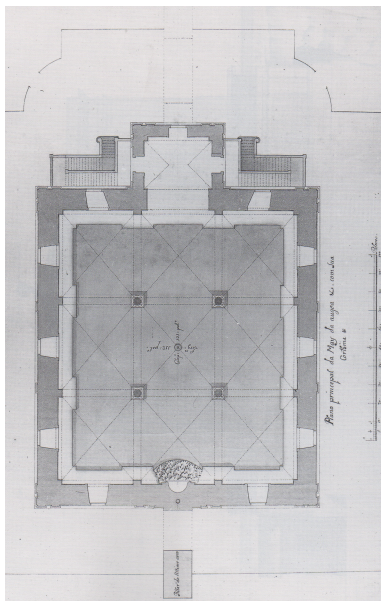


Fig. 15

PLANTA DA MÃE DE ÁGUA . CARLOS MARDEL

A partir da carta de 12 de Julho de 1732, ficaria registado que se haveria de seguir o traçado de Manuel da Maia. Existem alterações que foram feitas no traçado do aqueduto por este, em que se propõe a existência de dois canos em vez de um cano, como meio de evitar futuros cortes de água à cidade. Manuel da Maia defendia que os canos deviam ser fabricados de pedra inteira, para não sofrerem o desgaste das águas e para maior pureza das águas.

Entre Outubro de 1745 e Março de 1746, já se trabalhava na obra da Casa da Água no Rato, onde Carlos Mardel, acabou por fixar o reservatório geral da distribuição da rede de Lisboa.

“A Arca da Água, Depósito Geral ou Mãe de Água das Amoreiras, como é comumente conhecida, é uma construção quadrangular, de grande simplicidade exterior, recebendo a água do alto da arcada que com ela se liga, através duma cascata que a lança num tanque que ocupa o centro interior do recinto, à volta do qual se dispõe um passeio.”⁶

A Mãe de Água das Amoreiras é o primeiro grande depósito de armazenamento de água da cidade vindo da Água Livre e concebido para celebrar a entrada de água na cidade, projectado pelo arquitecto Carlos Mardel que começou em 1745 até 1763, ano do seu falecimento. O projecto é retomado por Reinaldo Manuel dos Santos em 1732, que introduziu algumas alterações no plano inicial, quer ao nível exterior, quer ao nível interior. É a partir deste depósito de água que partem três galerias subterrâneas de distribuição de água a diversos pontos da cidade, a Galeria das Necessidades, a Galeria da Esperança e a Galeria do Loreto, e ainda uma quarta galeria, a Galeria de Santa Ana, que começa no Arco do Carvalhão.

A Água Livre chega a cidade em 1748 ainda antes de estar concluído o conjunto monumental das Amoreiras. D. João V morre, em Julho de 1750, a tempo de ter visto as Águas Livres chegarem a Lisboa, mas não a sua distribuição pelos diversos pontos de recolha de água na cidade, os chafarizes.

O aqueduto era obra da cidade, feita à custa do povo e para seu benefício, não havia qualquer desvio na utilização das águas do aqueduto que não fosse para alimentar os chafarizes públicos da cidade.

⁶ MOITA, Irlisvalva. *D. João V e o Abastecimento de Água Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990. 1v, 45 p.

No final do século XIX, o fornecimento de água era ainda bastante deficiente, dependendo em grande parte dos chafarizes.

Em 1880, o sistema do Aqueduto das Águas Livres torna-se insuficiente para servir a população da cidade de Lisboa, que devido ao seu aumento, conduz ao desenvolvimento de novas exigências de higiene urbana, reforçando a necessidade de criar novas condições de abastecimento de água. O Aqueduto do Alviela, torna-se o novo sistema de abastecimento de água que servirá a população, encontrando na Estação dos Barbadinhos, o seu ponto receptor.

A concepção do canal do Alviela, deve-se a Carlos Zeferino Pinto Coelho, que adquiriu a sua experiência no tempo em que viveu em Paris, tendo contactado com o sistema de abastecimento domiciliário de água parisiense e que o influenciou no sistema de abastecimento de água a cidade de Lisboa.

ÁGUA | ESPAÇO PÚBLICO



O espaço público é o elemento fundamental para a estruturação da cidade desde a sua origem. É o espaço das afectividades e dos encontros no quotidiano, das relações sociais devendo garantir a sua apropriação por diferentes grupos culturais e sociais, e é o elo de ligação entre a cidade e o homem.

Este espaço é bastante antigo, pois nas cidades gregas e romanas, na Antiguidade Clássica, este espaço de encontro, de socialização, de circulação era o palco para os diversos acontecimento da cidade.

Este espaço de partilha é o mecanismo fundamental para a socialização da vida urbana, sendo a qualidade destes lugares de encontro, o elemento importante para que exista interacções entre os homens. Sem estes espaços de encontro, de contacto, a cidade torna-se pobre, pois não existe o convívio entre os indivíduos.

O espaço público quando associado a água, torna-se em lugar de excepção. Neste capítulo pretende-se reflectir sobre a presença dos chafarizes nos espaços públicos e de como uma rua, com a presença da água ou da sua estrutura de transporte, transforma o modo de habitar o lugar.



Fig. 17
CHAFARIZ DA ESPERANÇA

Lisboa, durante o século XVIII, assistiu a uma profunda transformação do seu espaço público, com a construção do Aqueduto das Águas Livres, que pretendia responder as necessidades permanentes do abastecimento de água a cidade.

A água constitui um elemento essencial à estruturação e transformação do espaço público, sendo este um prolongamento da cidade e um local de encontro e socialização.

O Aqueduto das Águas Livres transforma a cidade, o tecido urbano, introduzindo chafarizes na cidade e sistemas de galerias de distribuição subterrâneas e galerias de adução aos vários chafarizes.

Os chafarizes localizam-se num espaço de partilha da cidade, para que todos os indivíduos, sem excepção, possam ter acesso a água. Estes definem a existência de mais de uma bica de água e a possibilidade do homem aceder directamente à água que dela sai gratuitamente.

Os pontos de acesso à água são pontos cruciais para a cidade, gerando praças e largos, espaços não edificados. Estes espaços que são vazios na cidade, são espaços de encontro e convívio entre a população.

O aqueduto, as galerias de adução e os chafarizes constituem um sistema, um equipamento público de abastecimento de água, que deveria oferecer de modo equilibrado a todos os indivíduos o mesmo serviço. Mas tal não veio acontecer visto que estes mostram claramente a distinção social no abastecimento de água ao homem. Embora não exista documentação, nem referências à distinção nos reservatórios e galerias de distribuição de água na cidade, o mesmo não se pode dizer em relação aos chafarizes da cidade, visto existirem algumas bicas que a câmara reservou para o uso exclusivo dos aguadeiros, por exemplo, no Chafariz do Intendente.

O mais antigo chafariz da cidade, o Chafariz d'El Rei, terá sido antes da construção do Aqueduto das Águas Livres, a principal fonte de água que o homem dispunha na cidade. Situado no Terreiro do Trigo, o Chafariz d'El Rei saciava a sede a todos os habitantes e abastecia os navios. Mas o acesso às suas seis bicas dispostas ao longo da muralha da cidade eram reguladas, pois a cada bica correspondia um estatuto social da população da cidade.



Fig. 18
CHAFARIZ D'EL REI



Fig. 19
CHAFARIZ D'EL REI

“Assim, a primeira bica a contar do lado da ribeiro foi reservada a pretos, forros (escravos a quem o senhor dera a liberdade), mulatos e índios cativos do sexo masculino; a segunda destinava-se aos mouros das gales e para as aguadas. E, uma vez cheios os barris, destinava-se aos negros e mulatos que enchiam na primeira bica. A terceira e a quarta eram para as mulheres e homens brancos; a quinta para mulheres negras, mulatas, índias forras e cativos; e na sexta abasteciam-se mulheres e moças brancas.”⁷

Estes vestígios permitem formar uma ideia de como estes equipamentos públicos interferem na população, visto que a água é um bem essencial para todos os homens e como já referido, um elemento gratuito e que satisfaz muitas das necessidades do quotidiano, sendo que esta não devia de hierarquizar socialmente o homem no seu abastecimento.

No início do século XVIII, a maioria da população para se abastecer de água, tinha que se dirigir aos chafarizes espalhados pela cidade, pois eram poucos os edifícios que dispunham de água. Os aguadeiros suprimiam as crescentes necessidades de abastecimento de água, pois estes distribuíam a água em barris por toda a cidade. As famílias com menos posses, não podendo pagar aos aguadeiros, abasteciam-se directamente nos chafarizes. Estes eram pontos de encontro de várias famílias que interagiam, que socializavam, mas por vezes era também ponto de brigas para a obtenção de água.

Existiam diversas galerias de distribuição de água a partir do aqueduto, galerias de adução aos chafarizes: a Galeria do Loreto que corria pela Rua da Escola Politécnica e terminava no Largo de São Carlos, abastecia o Chafariz da Rua do Século (antiga Rua Formosa), o Chafariz do Largo do Carmo e o Chafariz do Loreto (demolido entre 1853 e 1854); a Galeria da Esperança que abastecia o Chafariz do Arco de São Mamede, o Chafariz de São Bento e terminava no Chafariz da Esperança; a Galeria das Necessidades, destinava-se a abastecer o Convento das Necessidades, que alimentava o Chafariz da Estrela, o Chafariz da Praça da Armada, o Chafariz de Campo de Ourique e o Chafariz das Janelas Verdes; a galeria de Santa Ana, abastecia de água a parte oriental da cidade, e levava água ao Chafariz da Cruz das Almas, ao Chafariz de São Sebastião da Pedreira, ao Chafariz de Entrecampos, ao Chafariz da Cruz do Tabuado, ao Chafariz do Campo de Santa Ana e terminava no Chafariz do Intendente.

⁷ CASTELO – BRANCO, Fernando. *Lisboa Seiscentista*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. ISBN 972-24-0793-7. p. 99.

Os chafarizes, equipamentos públicos da cidade, permitem perceber como o homem se apropriava deles e do seu espaço público, quer para abastecimento de água, quer para ponto de reunião, de encontro, de palco para os mais diversos fins. A construção de chafarizes na cidade gerou grandes arranjos urbanísticos no espaço público, visto criarem e reestruturarem praças e largos.

O espaço público, quer como a água, são elementos fundamentais ao crescimento da cidade, sendo que a água ao inserir-se no espaço público, vai transforma-lo num lugar de lazer, de observação, num lugar de encontro, quer para a recolha de água, quer simplesmente para conversar.



Fig. 20
CHAFARIZ PRAÇA DO TEATRO . BANYOLES . ESPANHA



Fig. 21
SOMBRA DO AQUEDUTO . AQUEDUTO DE SEGÓVIA

Rua significa “via pública urbana ladeada de casas, prédios, de muros ou jardins” ⁸, dentro de uma cidade, de um bairro. A rua constrói cidade e por isso acolhe a sua vida pública, o espaço escolhido pelo homem para socializar, para reunir com os outros.

Alison e Peter Smithson, arquitectos ingleses, vão reflectir sobre os elementos que constituem cidade – a casa, a rua e o bairro, e como estes podem transformar o homem.

Esta dupla de arquitectos inicia a sua prática na arquitectura numa situação em que os modelos/princípios da arquitectura moderna eram postos em causa pelos jovens arquitectos que participavam nos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna). Estes jovens arquitectos que participavam nos CIAM, criticavam o progresso político e crítico do movimento moderno, propondo uma aproximação mais ao indivíduo, enquanto elemento da sociedade, porque os arquitectos modernistas trabalhavam para um homem ideal, enquanto que os arquitectos jovens desejavam trabalhar para um homem comum, tentando procurar o ideal de “habitat”. Durante 1952 3 1956, Alison e Peter Smithson participam no Independent Group (IG), criado no London Institute of Contemporary Arts, cujos os principais interesses estava no estudo das relações entre as artes e os elementos da cultura de massas, tendo como participantes diversos arquitectos, artistas e escritores, tais como, o fotógrafo Nigel Henderson, o crítico Reyner Banham.

Os Smithson foram eleitos para serem membros do CIAM 9, de 1953, em Aix-en-Provence, onde o tema era a Carta do Habitat. Neste congresso eles questionaram a continuidade da Carta de Atenas e propõem um nova “hierarquia de associações humanas” em substituição a esta, ou seja, levantaram uma série de discussões sobre novos conceitos, como as relações entre o homem e a cidade, entre o homem e o espaço da rua, do ambiente que o acolhe.

Estes arquitectos criticam a cidade funcional que proponha a seguinte hierarquia – a habitação, o trabalho, a cultura do corpo e da mente, e a circulação, da Carta de Atenas, para conceitos onde pretendiam uma arquitectura mais próxima do que eles consideravam a realidade das relações entre os homens, onde propõem a seguinte hierarquia – a casa, a rua, o bairro e a cidade.

⁸ HOUAISS, António.; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2005. p. 7093.

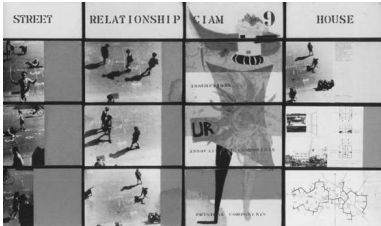


Fig. 22

"URBAN RE-IDENTIFICATION" .
ALISON E PETER SMITHSON

Para Alison e Peter Smithson, a inter-relação entre as escalas, entre os elementos da cidade, casa, rua e bairro são essenciais, visto que a rua e a associação humana que esta proporciona, são vistas como o novo elemento organizador de espaço público. Os Smithson apresentam neste congresso do CIAM, a grelha “urban re-identification”, onde ilustram a casa, a rua, o bairro, a cidade, com imagens de crianças a brincar na rua e a desenhar no chão com fotografias de Nigel Henderson.

A rua para os Smithson era mais do que um simples ponto de passagem, era antes o palco para a expressão social e individual do homem, na qual se gera a identidade, os laços sociais, e que pode e deve ser usada espontaneamente e informalmente pelo homem.

BAIRRO DA LIBERDADE | BAIRRO DA SERAFINA

A rua é o espaço de partilha e o palco para as diversas expressões do homem na cidade, no bairro. No Bairro da Liberdade e da Serafina, local de estudo e intervenção, como já referido, a rua principal é a Rua dos Arcos das Águas Livres, rua construída tendo em atenção os arcos do aqueduto e incorporando-os na rua. Esta rua é o espaço público escolhido pelo homem para socializar e ocupar a sombra do aqueduto. Os sucessivos arcos do aqueduto permitem uma série de espaços descontínuos, mas ao mesmo tempo cria lugares de estar e de excepção na cidade.

Estes elementos, os arcos do aqueduto criam diversos espaços de habitar a rua, “novos chãos” que permitem novos usos e diferentes perspectivas do lugar, atribuindo ao bairro um lugar de excepção na cidade, visto ser o único espaço na cidade que usufrui da sombra desta grande infra-estrutura que marcou a cidade ao longo dos anos.

O Bairro da Liberdade surgiu nos finais do séc. XIX e início do séc. XX, acompanhando o processo de industrialização da cidade, tendo a época o Vale de Alcântara como um dos mais importantes pólos da cidade. A primeira ocupação do bairro está ligada a chegada de imigrantes para a industrialização do Vale de Alcântara, implicando a sua fixação nesta zona de fronteira da cidade de Lisboa. O bairro desenvolve-se após a primeira Grande Guerra (1914/1918) com a afluência da população rural para Lisboa, devido à procura de melhores condições de vida, na década de 30, surge o Bairro da Serafina.



Fig. 23

HABITAR O AQUEDUTO . BAIRRO DA SERAFINA

BAIRRO DA MALAGUEIRA

O Bairro da Malagueira, em Évora, projectado pelo arquitecto Siza Vieira, tem como referencia o Aqueduto da Água de Prata e a sua transformação na cidade de Évora. O aqueduto, já analisado anteriormente, quando atravessa a cerca da cidade, converte-se num elemento estruturante, marcando o traçado da rua principal, pois os seus arcos ou separam casas, ou constituem um rua ou são ocupados por baixo, com casas.

O arquitecto Siza Vieira projectou o Bairro do Malagueira em 1977, na periferia da cidade de Évora, tendo como premissas conseguir uma relação entre o espaço construído e a paisagem, estabelecendo uma ligação com o já existente Bairro de Santa Maria e a rua na definição de espaço público. Como referência ao aqueduto de Évora que atravessa a paisagem a norte do bairro, o arquitecto Siza Vieira constrói uma conduta, galeria técnica e espinha dorsal, que determina a estrutura de todo o plano para o bairro.

A conduta é uma infra-estrutura territorial de serviço, que contem água, luz, entre outros, que permite distribuir as diversas instalações as casas que foram construídas costas com costas, à semelhança com o aqueduto de Évora, cujos vãos, os arcos, a cidade foi ocupando.

A partir da conduta principal ramificam-se as condutas secundárias, e estas dividem espaços, proporcionam relações entre cheios e vazios, abertos e fechados, que marcam novos espaços de estar e de encontro. A conduta é formalizada num canal elevado de infra-estruturas, que se assume como uma “rua porticada”, que proporciona um percurso a sombra e um lugar de estar de excepção.

Entre o Bairro de Santa Maria e o Bairro da Malagueira, Siza Vieira criou um espaço público central, que é marcado por um lago já existente, e onde ele cria diversos espaços com a água, quer no pavimento, quer criando estruturas com água onde as crianças possam brincar.

Evidentemente não se sabe se o arquitecto Siza Vieira, ao construir esta conduta, esta “rua coberta”, cujo a sua sombra é ocupada pelo homem para palco de diversos acontecimentos, se inspirou e tomou como referência, tal como tinha feito com o aqueduto de Évora, a Rua dos Arco das Águas Livres, no Bairro da Serafina, visto que esta é também uma “rua coberta” e ponto de encontro dos moradores, lugar privilegiado para observar a cidade e o parque.

No Bairro da Serafina e no Bairro da Malagueira os espaços de serviços, mercearia, cafés, distribuem-se ao longo destas “ruas cobertas”, tornando-se estas como lugares da vida urbana, como sendo a rua principal e estruturante do bairro, a espinha dorsal.



Fig. 24
HABITAR O AQUEDUTO DE ÉVORA



Fig. 25
PLANTA GERAL DE ÉVORA E DA MALAGUEIRA

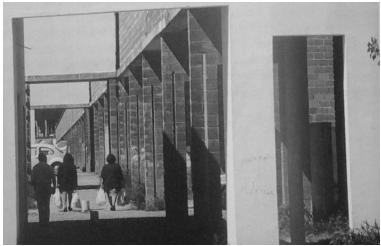


Fig. 26
SOMBRA DA CONDUTA NO BAIRRO DA MALAGUEIRA



Fig. 27
PRAÇA MAJOR . BANYOLES . ESPANHA

Fig. 28
PRAÇA DA FONTE . BANYOLES . ESPANHA

CASO DE ESTUDO

CASCO ANTIGUO DE BANYOLES . MIAS ARQUITECTES

O caso de estudo a investigar é o Casco Antiguo de Banyoles, do atelier MIAS ARQUITECTES, situado em Banyoles, numa província de Girona, uma comunidade autónoma da Catalunha, Espanha.

A selecção deste caso de estudo tem como objectivo estudar a relação que o homem tem com a água e como esta se relaciona com o espaço público da cidade.

O projecto situa-se na cidade velha, que corresponde à parte da cidade de traçado medieval e pretende a recuperação do espaço público, que é organizado através de uma sequência de praças, a praça principal que se estende às ruas e pequenas praças, que vão ser recuperadas através da abertura de canais. A recuperação do espaço público faz-se da recuperação da rede de canais de drenagem subterrâneo do Lago Banyoles, tornando-os visíveis no espaço público da cidade, através da adição da água.

Os canais são recuperados nos seus caminhos originais, deixando em aberto pequenas “poças de água” ou superfícies de água, ou reconstruídas nas ruas onde outrora circulava a água, podendo ter canais em ambos os lados da rua.

Antigamente, os canais transportavam água potável mas ao longo do tempo, transformaram-se em esgotos escondidos sobre o asfalto. Os arquitectos propõem o tratamento da água e a recuperação do espaço público através da repavimentação em pedra calcária e de cortes na pedra de revestimento para revelar a água que flui nos canais no subsolo, que em tempos corria na cidade.

As aberturas no pavimento proporcionam às crianças brincarem como se estivessem diante de uma “poça de água”. O canal utiliza a topografia inclinada para construir uma pequena piscina de água ou o canal desaparece e emerge como um fonte ou superfície continua de água.

Banyoles, com a recuperação do seu espaço público volta a incorporar no traçado da cidade a presença da água, quer visual, quer sonora.

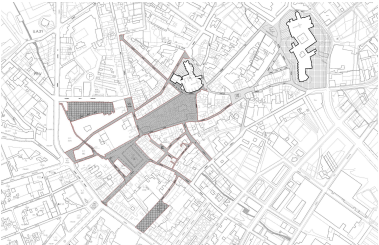


Fig. 29
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO E INTERVENÇÃO

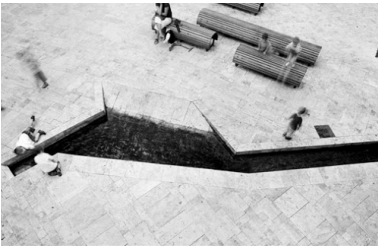


Fig. 30
PRAÇA MAJOR



Fig. 31
PRAÇA DO TEATRO



Fig. 32
PRAÇA DA FONTE

ÁGUA | CORPO



“ O homem articula o mundo através do seu corpo. (...) O mundo articulado pelo corpo é um espaço vivido, habitado.” ⁹

Tadao Ando

O corpo torna-se protagonista do espaço da água, do tempo em que ocorre. Neste capítulo pretende-se relacionar a água e o corpo na presença quer do banho, quer do teatro, pois ambos são propostos na parte prática desta dissertação.

O banho e o teatro são conceitos que andam desde sempre ligados entre si, pois os corpos são presença nos seus espaços, transformando-os em lugares de encontro, de socialização, de bem estar, são lugares de lazer na cidade desde a antiguidade clássica. Quer o banho, quer o teatro, teatralizam a vida do homem no quotidiano.

A água e o corpo através dos movimentos tornam-se elementos que interagem no espaço, do banho e do teatro.

“os corpos não apenas se movem no espaço mas também criam espaços produzidos por e através dos seus movimentos.” ¹⁰

⁹ FRAMPTON, Kenneth. Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica. Trad. André Martins Barata. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. 31 p.
Tit. Orig.: *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in the Nineteenth and Twentieth Century*. ISBN 972-8305-62-1.

¹⁰ AGUIAR, Douglas Vieira de. Espaço, Corpo e Movimento: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitectura. *ARQtexto* Em Linha. Nº 8 (2006), p. 91.
Consult. 24 Jun. 2013. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/22238>

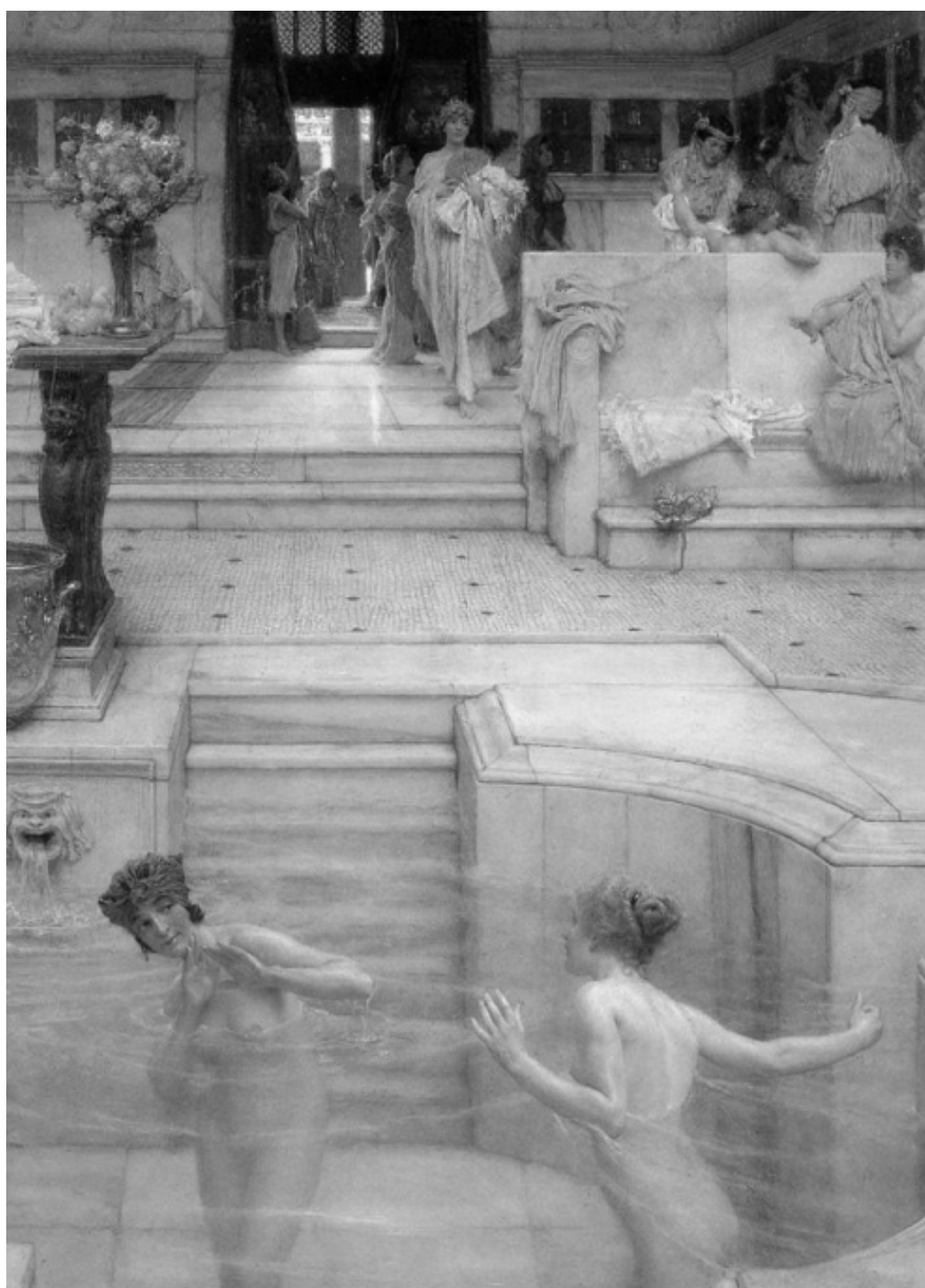


Fig. 34
"FAVOURITE CUSTOM"

A água desde cedo esta associada à purificação da mente, à regeneração do corpo, os espaços associados aos banhos permitem uma experiência espacial e sensorial, de ritualização do homem, do culto do corpo, são espaços que garantem a redescoberta da identidade do homem.

Vitrúvio, no Tratado de Architectura no seu livro VIII, acerca do tema da água, enuncia as diferentes propriedades da água, os seus efeitos no corpo e os espaços ideais para o banho. O *laconium* (sauna) e o *tepidarium* (banho quente) são para Vitrúvio os espaços de banho ideal, enunciando ainda o *frigidarium* (banho frio) como o banho de limpeza, tornando-se este espaço, o espaço central e de luxo, nas termas na civilização romana.

Na época romana existiam dois tipos de banhos de acesso público: as *thermae* (termas) e os *balnea* (balneários), que se tratavam de edifícios semelhantes do ponto de vista funcional, dado se encontrarem vocacionadas para a prática do banho. As *thermae* (termas) são espaços que aparecia em Roma como grandes edificações à custa de capitais públicos, enquanto que, os *balnea* (balneários) são edificações de dimensões bastante mais reduzidas e encontravam-se na posse de famílias abastadas.

Os banhos públicos constituem uma prática no quotidiano do homem, representando um ritual de ocupação do tempo livre, pois são espaços onde os indivíduos se encontram para conviver, mas também são espaços de prazer e lazer, passaram a constituir os principais locais de convívio social das cidades romanas por todo o Império.

No Império Romano, os aquedutos tiveram um papel fundamental no abastecimento de água aos banhos, visto que estes mais do que serem um hábito de higiene para o homem, representavam um contexto de sociabilidade, ao contrario dos banhos gregos, que estiveram na sua origem, que estavam bastante mais ligados às praticas desportivas que tinham lugar no *gymnasium*. Os primeiros banhos que surgem na civilização romana, imitam as salas de banho colectivas gregas, que associavam a presença da água à religião e à saúde.

Os banhos pressupõem a existência de aquedutos que garantissem o seu abastecimento diário, ou seja, um sistema de abastecimento de água limpa ao edifício, capaz de garantir o seu funcionamento. A cidade tinha que possuir estruturas que garantissem o abastecimento dos banhos, uma vez que não era apenas necessário encher os espaços de banho, mas também assegurar a regular renovação de água.



Fig. 35
CONVÍVIO

Os banhos públicos tornaram-se uma actividade fundamental no dia-a-dia dos homens, na civilização romana, constituindo um importante desenvolvimento das relações sociais, pois o ruído e a agitação são constantes, e os homens que afluem aos banhos ansiavam entregar-se aos seus múltiplos prazeres: quer à higiene, ao bem estar físico como à prática de exercício. A associação entre o banho e o exercício tinha como objectivo preparar o corpo para um melhor proveito dos prazeres do banho. Os banhos privados, são integrados nas casas e tornaram-se um modo de ostentação de riqueza dos seus proprietários, visto que se tornam uma forma de socialização dos proprietários com os seus familiares e amigos.

Os romanos herdaram dos gregos o culto das águas como fonte de saúde e de bem estar para o homem.

As primeiras termas abrir ao público em Roma foi as de Agripa e não se destinavam apenas a um espaço de cura e de repouso do corpo, mas acima de tudo a um espaço de prazer para o corpo. O espaço de banho mandado construir sobre o monte Aventino, no século III, pelo Imperador Caracalla, permitia que três mil pessoas se banhassem ao mesmo tempo.

O banho obedecia a um ritual destinado a proporcionar ao corpo prazer e regeneração, ou seja, o homem percorria uma série de espaços e desfrutava dos diversos ambientes que cada um destes lhe proporcionava, existindo nestes espaços diversos tipos de temperatura da água. O homem começava por ser liberto das suas roupas, que eram confiadas a um escravo no *apodyterium*, passando depois para *unctorium*, onde era untado com óleos perfumados, podendo depois dirigir-se a um espaço de exercício, o *spheristerium*, onde consagrava algum tempo a prática de exercício para o seu bem estar. O *laconicum* é o espaço de ar quente de onde o homem saía com o seu corpo coberto de suor para depois entrar numa sequência de espaços de água, o *caldarium*, uma ampla banheira de água muito quente para relaxar os músculos, o *tepidarium*, uma banheira de água morna para arrefecer progressivamente o corpo, destinada a assegurar a transição para o banho frio, o *frigidarium*. No final o homem depois do seu corpo estar liberto de todas as impurezas, passava pelo *destrictarium* para que o corpo fosse envolvido novamente por óleos perfumados.

Para os romanos, os banhos proporcionavam um bem estar e relaxamento do corpo, que significava “manifestação de uma cultura no qual o prazer, aliado à saúde do corpo e da mente, tinha pleno direito de cidadania” ¹¹.

¹¹ AZEVEDO, Clara; VASCONCELOS, Lucia. *Termas Portuguesas*. Lisboa: Edições INAPA, 1995. ISBN 972-9019-83-5. p. 7.

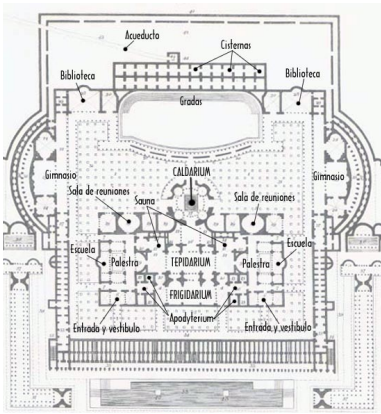


Fig. 36
TERMAS DE CARACALA . ROMA

Em Roma, os banhos públicos para além de terem associados a higiene e o culto do banho, integravam outros espaços dedicados ao lazer e ao bem estar do corpo, tais como, ginásio, biblioteca e salas de conversação. Os romanos descobriram que a regeneração do corpo nos espaços de banho, estava associada ao choque térmico da alteração da água quente para a água fria.

O culto do banho está associado a diversas actividades como, a religião, o lazer e a prática de exercício ou área da saúde. Os romanos criaram o hábito do banho, com as *thermae* (termas) que foram criadas para efeitos de relaxamento do corpo, mas também para efeitos sociais e terapêuticos, enquanto que, os árabes criaram as *hammam*, locais de banhos públicos que eram associados à religião islâmica.

Na época muçulmana, os *hammam*, banhos públicos, existiam em muitas cidades e tiveram influência romana, serviam para a higiene e beleza do corpo do homem, mas também para locais de convívio social. Os banhos árabes eram pagos, tais como, os banhos romanos, sendo o dinheiro para manutenção dos mesmos, no caso dos banhos árabes, a manutenção era feita por *tayyab*, rapazes funcionários dos banhos que asseguravam a limpeza dos diversos espaços de banho e que regulavam a água, o calor e o vapor.

No *hamma*, os homens e as mulheres não podiam permanecer juntos, caso não existissem espaços distintos, os homens frequentavam o banho de manhã e as mulheres à tarde.

Na Idade Média, o culto do corpo e os banhos eram proibidos, pois a água era vista como uma ameaça para o corpo. A higiene do homem era simbolizada pelo vestuário que revestia o seu corpo, onde a limpeza e a brancura do mesmo reflectia a sua higiene.

No século XIX, a mentalidade do homem caracteriza-se pelos ideias de higiene e salubridade, entendidos como um factor e sinal de progresso, que se modifica na prática dos banhos, enquanto processo de higiene do corpo. Os problemas de saúde que começaram a surgir com a Revolução Industrial, logo a partir do fim do século XVIII, com a sobrelotação de pessoas nas cidades e com a falta de higiene, verificou-se uma propagação de epidemias, o que levou a uma profunda alteração na organização e sistemas que proporcionavam ao homem, uma melhor higienização. Se antes o banho era visto como um lugar de prazer e de encontro, após a Revolução industrial o banho tinha que ser encarado como um bem essencial comum a todos os homens e que deve fazer parte da rotina diária do homem, como forma de preservação da sua saúde e bem estar.



Fig. 37
HAMMAN AL ANDALUS . ESPANHA



Fig. 38
GRANDE PISCINE DE BROUSSE

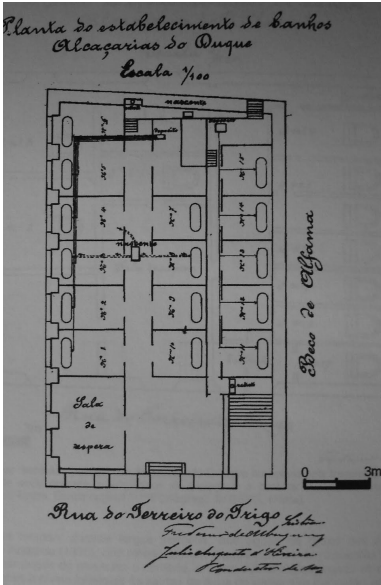


Fig. 39
PLANTA DAS ALÇAÇARIAS DO DUQUE

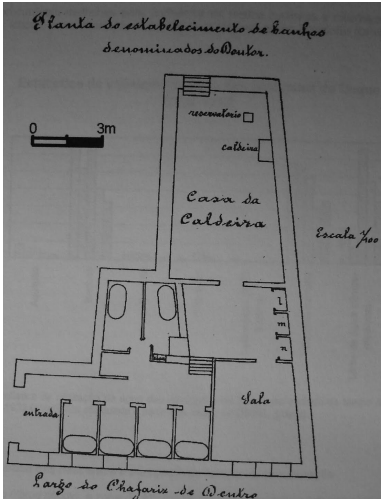


Fig. 40
PLANTA DOS BANHOS DO DOUTOR

A religião cristã, destruiu ou adaptou os edifícios associados ao culto do corpo, em alguns lugares os banhos públicos foram adaptados como locais de culto da mente.

No século XIX, a regeneração do corpo em espaços de banho públicos voltou a ser um hábito entre os homens.

Em Lisboa, “com a chegada dos muçulmanos, a hidroterapia conheceu novo fôlego. Traziam consigo o refinamento do mundo oriental, bebido ao contacto das primeiras civilizações (...), para as quais o banho e a ablução faziam parte dos ritos religiosos e da vida quotidiana. Ninguém como eles para apreciar as virtudes de uma fonte quente, ou alhama, (...)”¹², a intenção é reactivar a fonte como espaço de lazer e de memória.

Nos banhos públicos, as termas, em Lisboa tem como premissa inicial a localização relativamente perto das nascentes, de forma a preservar as características e os efeitos medicinais da água, apesar de se terem tornado menos importante quando se traçaram as redes de adução que possibilitaram outras localizações, tais como, os Banhos de S. Paulo, em que a água era conduzida do Arsenal da Marinha até aos banhos.

O primeiro estabelecimento termal em Lisboa, a Alcaçarias do Duque de Cadaval, instala-se no Terreiro do Trigo por iniciativa de um mercador veneziano no sítio da “casa da água das muralhas”, em 1640, onde nos espaços de banho a água tinha uma temperatura entre 30 e 34°C. Posteriormente surgem, em 1759, as Alcaçarias de Dona Clara, com água a temperatura entre 24 e 28°C, e os Banhos do Doutor (Fernando) nas traseiras do Chafariz de Dentro, com a temperatura da água nos 27°C.

Os banhos tornaram-se locais de regeneração do corpo através da água, mas sempre foram espaços de encontro, de socialização e espaços terapêuticos. Os banhos desde sempre foram espaços em que o homem se valorizou e tornou-os em espaços de convívio social espontâneos.

“Los balneários se convierten en templos del culto al cuerpo (...)”¹³

O corpo torna-se protagonista do espaço de banho, passando a ser definido pelos seus movimentos e pela sua presença na água.

¹² AZEVEDO, Clara; VASCONCELOS, Lucia. *Termas Portuguesas*. Lisboa: Edições INAPA, 1995. ISBN 972-9019-83-5. p. 8.

¹³ UCETA, Enrique Dominguez. España balnearia De las termas a los spas urbanos. *Arquitectura Viva*. Madrid: Arquitectura Viva. ISSN 0214-1256. Nº 127, p. 23. Revista bilingue espanhol – inglês. Tit. Inglês: Thermal Spain From Baths to Urban Spas.



Fig. 41
BANHOS DE S. PAULO . LISBOA



Fig. 42
ALÇAÇARIAS DO DUQUE . LISBOA



Fig. 43
ESPAÇO DE ÁGUA INTERIOR . TERMAS DE VALS

Fig. 44
ACESSO INTERIOR . TERMAS DE VALS

CASO DE ESTUDO
TERMAS DE VALS . PETER ZUMTHOR

O caso de estudo a investigar é as Termas de Vals, do arquitecto Peter Zumthor, por ser uma obra contemporânea mas que o arquitecto tem como referência os banhos da antiguidade clássica e toda a sua atmosfera.

As termas situam-se em Vals, numa pequena vila dos Alpes Suíços que é conhecida pela suas nascentes de água, tendo o arquitecto construído as termas sobre as únicas fontes termais do Cantão de Grisões.

“We wanted to created a place of rest and relaxation for the encounter between the human body and the water issuing from the spring in the movintainside just a few meters above the baths: vigorous, self-contained and rooted in the valley.”¹⁴ Peter Zumthor

Vals, para além das suas nascentes de água, é também conhecida pelos telhados em pedra escura – quartzito ou gnaiss – desta região, que reveste os telhados do pequeno aglomerado de casas da região. Peter Zumthor aproveita esta rocha na construção das termas, partindo da escavação destas pedras, tendo como princípios formais o cheio e o vazio, criando um edifício parcialmente embutido na montanha, como se fosse uma extensão desta, visto que a cobertura das termas é revestida de relva, tal como acontece na montanha onde está implantada.

A partir de uma imagem das Termas de Rudas, em Budapeste, Peter Zumthor vê uma iluminação sobre o espaço de banho que acha perfeita para transmitir a atmosfera do lugar. Na imagem uma cúpula onde existem pequenas aberturas circulares, que permitem a entrada da luz através de pequenas perfurações, os raios vão ser reflectidos na superfície de água levando a uma iluminação natural do espaço.

Para Peter Zumthor, os espaços de banho são lugares para o relaxamento e o descanso do corpo, são lugares de encontro entre o corpo e água, mas principalmente lugares para o bem estar da mente.

¹⁴ RAMOS, Ana Cristina Lopes. *A Piscina de Marés e as Termas de Vlas: Por uma recuperação da experiência*. Coimbra, 2012. 191 f. P. 113. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentado ao Departamento de Arquitectura da FCTUC.

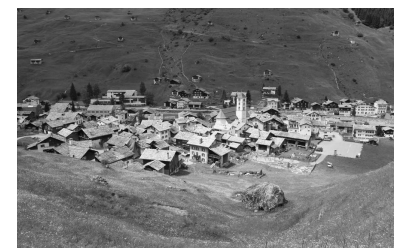


Fig. 45
VILA DE VALS . ALPES SUÍÇOS



Fig. 46
TERMAS DE RUDAS . BUDAPESTE



Fig. 47

INTERIOR DAS TERMAS . TERMAS DE VALS



Fig. 48

PISCINA EXTERNA . TERMAS DE VALS

“Purification. Peace. Serenity. No noisy attraction, no intrusive stimulation, only the sensation of one’s own body undergoing subtle change.” ¹⁵ Peter Zumthor

Os espaços de banho nas Termas de Vals são construídos a partir de blocos, onde cada bloco proporciona uma experiência de banho diferente. Cada bloco diferencia-se dos outros pela sua atmosfera, a partir da cor, da luz, da temperatura, do som ou da materialidade.

“The stone rooms should not compete with the body; they should flatter it and give it space.” ¹⁶ Peter Zumthor

Os diversos espaços de banho das Termas de Vals: o shower stone - uma sala que contém três chuveiros para tomar um duche; a flower bath - uma sala com um chuveiro e uma banheira com água a 33°C; o sounding store - um espaço de água; o cold bath com água a 14°C; o fire bath com água a 42°C; o sweat stone é a sauna; a massage block é o espaço dedicado às massagens no corpo e o rest space um espaço de relaxamento. Todos estes espaços permitem beneficiar das diferentes atmosferas e relaxar o corpo.

Os benefícios da passagem de água quente para água fria, atribuídos ao choque térmico eram considerados o apogeu da saúde e do relaxamento do corpo. A ideia das mudanças do corpo para diferentes temperaturas das águas, vem da época romana, em que as passagens das águas quentes do *caldarium*, para as águas frias do *frigidarium*, traziam ao corpo diversos prazeres.



Fig. 49
ESPAÇO DE DESCANSO . TERMAS DE VALS



Fig. 50
PLANTA DO PISO DOS BANHOS . TERMAS DE VALS

¹⁵ RAMOS, Ana Cristina Lopes. *A Piscina de Marés e as Termas de Vlas: Por uma recuperação da experiência*. Coimbra, 2012. 191 f. P. 133. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentado ao Departamento de Arquitectura da FCTUC.

¹⁶ RAMOS, Ana Cristina Lopes. *A Piscina de Marés e as Termas de Vlas: Por uma recuperação da experiência*. Coimbra, 2012. 191 f. P. 133. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentado ao Departamento de Arquitectura da FCTUC.



Fig. 51
ÁGUA NO ESPAÇO TEATRAL

O espaço teatral é um lugar de representação, um lugar de encontro entre actor e o espectador, em suma, é o lugar onde o corpo e os seus movimentos vão-se relacionar com o espaço e transmitir a sua performance ao espectador.

O século XIX e XX são o ponto de viragem na história da relação entre actor e o espectador, a ruptura de modelos espaciais e formais. Adolphe Appia (1863-1928), arquitecto, cenógrafo e teórico, estuda uma nova forma de representação do palco, que aproxime o actor e espectador, em que o corpo e o cenário sejam os interlocutores entre o espaço onde se está a representar e o público.

Até este momento a tela pintada cria um palco de duas dimensões, na viragem da forma de representação do palco, Adolphe Appia abandona esta dimensionalidade e assume que o cenário deveria ser tridimensional. Segundo ele era a forma de actor e espectador usufruírem do espaço de representação de igual forma, ou seja, o cenário era o elemento que funcionava como elo de ligação entre o público e o actor. O cenário só funciona se existir uma relação do corpo com o espaço e na forma de como este o experiência.

A experiência de Adolphe Appia iniciou-se em 1911, com a construção do Festspielhaus de Hellerau, que era um edifício teatral que contou na sua edificação com os esforços de Jacques-Dalcroze e Heinrich Tessenow, na concepção de uma nova forma de espaço teatral “(...) associada à ideia da plasticidade dos corpos em movimento, como espaço integrado, sem nenhuma barreira entre os interpretes e os espectadores, o palco e a sala.”¹⁷

Para Adolphe Appia, o corpo torna-se protagonista do espaço de representação tal como já referido no espaço de banho, o “(...) confronto entre a arquitectura e o corpo que se revela o sentido sensorial do espaço: o actor mede o espaço com o seu corpo, tornando-o assim apreensível para o público.”¹⁸

¹⁷ RIBEIRO, João de Lima Mendes. *Arquitectura e espaço cénico – Um percurso biográfico*. Coimbra, 2008. 902 f. P. 61. Dissertação de Doutoramento na Área Científica de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.

¹⁸ RIBEIRO, João de Lima Mendes. *Arquitectura e espaço cénico – Um percurso biográfico*. Coimbra, 2008. 902 f. P. 121. Dissertação de Doutoramento na Área Científica de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.

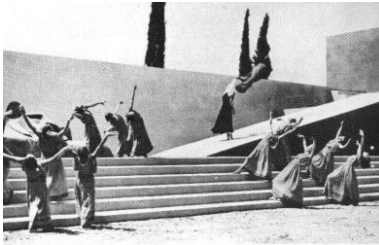


Fig. 52
AS TRAQUÍNAS . ADOLPHE APPIA



Fig. 53
ESPACE RYTHMIQUE . ADOLPHE APPIA

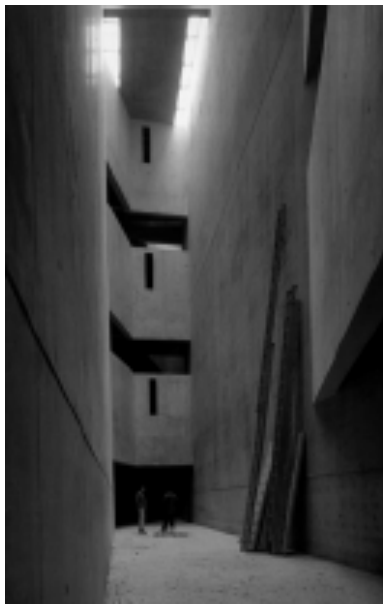


Fig. 54

MUSEU JUDAICO . DANIEL LIBESKIND



Fig. 55

VERMELHOS, NEGROS E IGNORANTES
PEÇA DE TEATRO

No espaço teatral contemporâneo, umas das principais características é o espaço de representação não acontecer só em edifícios de teatro e de se expandir para espaços não convencionais como pedreiras, fábricas, museus, ruínas e espaços públicos. Esta nova forma de representação tem como objectivo aproximar o público do actor.

“ A cenografia é a organização do espaço cénico, com o propósito de uma representação, desde um simples círculo de giz traçado no espaço público, ou um praticável, ou ainda um palco, com um cenário monumental. Trata-se de (re) criar um espaço, capaz de enquadrar, abrigar, dimensionar, caracterizar e expor o actor, a partir de um texto, uma acção, uma partitura ou um propósito.”¹⁹

No espaço cénico, o corpo pode estar ligado com a água, através da cenografia. É a partir da recriação de um espaço utilizando a água como elemento principal da peça, que pretendo explorar a cenografia da peça Pedro e Inês, de Olga Roriz, em que o corpo em contacto com a água, são os protagonista do espaço.



Fig. 56
PEDREIRA COMO CENOGRAFIA



Fig. 57
MARCA D’ÁGUA . PEÇA DE TEATRO

¹⁹ RIBEIRO, João de Lima Mendes. *Arquitectura e espaço cénico – Um percurso biográfico*. Coimbra, 2008. 902 f. P. 29. Dissertação de Doutoramento na Área Científica de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.



Fig. 58
PEDRO E INÉS . PEÇA DE TEATRO

Fig. 59
PEDRO E INÉS . PEÇA DE TEATRO

CASO DE ESTUDO
PEDRO E INÊS . OLGA RORIZ

Na cenografia para a peça Pedro e Inês, da coreografa e bailarina Olga Roriz, explora-se a ideia da interacção do corpo com o plano horizontal do pavimento, recriando em palco um espaço exterior, com um tanque de água e terra, remetendo simbolicamente para a Fonte dos Amores, no jardim da Quinta das Lágrimas, em Coimbra. A peça é baseada na trágica história de amor entre D. Pedro e D. Inês de Castro, contrariada pelo seu pai, o rei D. Afonso IV.

O palco é constituído por dois pavimentos, o primeiro praticável que é o tanque de água e um segundo praticável sobrelevado.

A ideia de Olga Roriz é um palco vazio, onde se pretende explorar a interacção e a relação dos corpos com o plano horizontal da água e a relação que este tem com a luz, reflectindo na água e transformando a forma de ver o espaço cénico.

Este caso de estudo permite fazer um paralelismo com o espaços de banho, onde o corpo através dos seus movimentos na água, torna-se o protagonista do espaço de representação, tal como, o banho que na presença dos corpos na água, transforma toda a atmosfera e torna-o também protagonista do espaço e um lugar, também ele de representação e teatralização.

A presença da água no espaço de representação teatral e nos banhos, é o elemento dominante nas suas atmosferas, através da sua junção com o corpo e dos movimentos do mesmo, permite que se torne o principal interveniente do espaço.



Fig. 60
PEDRO E INÊS . PEÇA DE TEATRO



Fig. 61
PEDRO E INÊS . PEÇA DE TEATRO

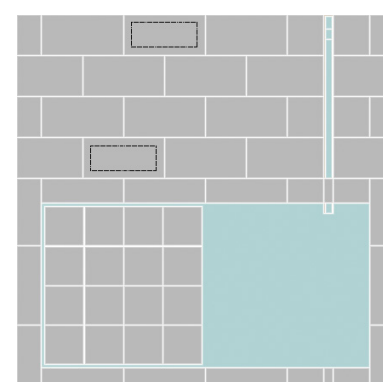


Fig. 62
PLANTA | PEDRO E INÊS

CONCLUSÃO

A investigação sobre a água, associada à cidade, ao espaço público e ao corpo, permitiu um estudo desde a grande escala – a cidade - até a escala do edifício – o banho e o teatro -, observando que a água esteve sempre associada a estes elementos, o que levou o homem a transformar o espaço ao longo do tempo adaptando-o à sua realidade.

A água fonte de vida e símbolo de limpeza está presente desde sempre para o homem. O homem capta-a e transporta-a até a cidade, para o abastecimento da população; o homem incorpora-a no seu espaço público, quer através de chafarizes, quer de superfícies de água para melhorar a qualidade do espaço; o corpo em contacto com a água regenera e o espaço banho/teatro é palco e convívio entre os indivíduos.

A hierarquização, a regeneração, o encontro, o movimento, representam que a água não é apenas um recurso natural, esta faz parte da cidade quando inserida na estrutura do espaço público e do edifício.

Esta reflexão permitiu conhecer a proximidade do homem com a água desde sempre e sua evolução no tempo, e consequentemente sobre a relação que a água pode ter no Bairro da Serafina, local de estudo e de intervenção na parte prática desta dissertação. O Bairro da Serafina desde sempre teve presente no seu traçado, a presença da infra-estrutura que abastecia de água a cidade, o aqueduto, mas nunca usufruiu desta água. É a partir da memória do aqueduto, da sua função e da sua presença, que pretendo intervir no espaço público do bairro, criando superfícies de água e propondo edifícios, em que a água juntamente com o corpo sejam os protagonistas do espaço.

“A realidade na arquitectura é o concreto, o que se tornou forma, massa e espaço, o seu corpo. Não existe nenhuma ideia, excepto nas coisas.”²⁰ Peter Zumthor

²⁰ RIBEIRO, João de Lima Mendes. *Arquitectura e espaço cénico – Um percurso biográfico*. Coimbra, 2008. 902 f. P. 98. Dissertação de Doutoramento na Área Científica de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.

CIDADE | AQUEDUTO | BAIRRO

UMA INTERVENÇÃO EM MONSANTO



O projecto proposto nesta dissertação tem como local de implantação o Parque Florestal de Monsanto e a relação deste com a cidade de Lisboa, tendo como premissa a possibilidade de ligação entre o parque e a cidade, através de uma estratégia a grande escala e a implantação de equipamentos que dinamizem e reestruturem um ponto do parque.

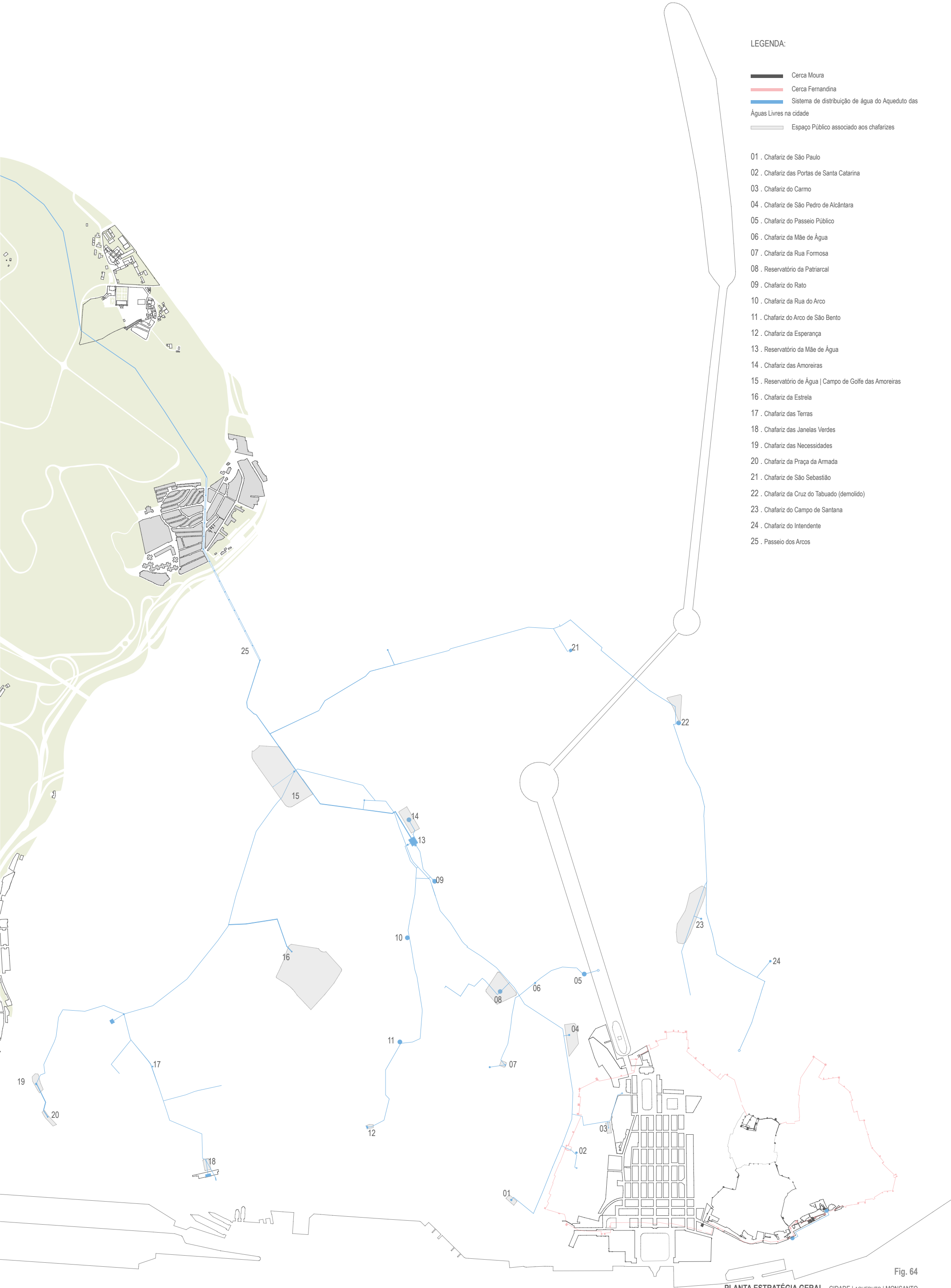
O Parque Florestal de Monsanto é o maior espaço verde da cidade consolidada de Lisboa e, também, um grande vazio urbano que precisa de ser organizado através de ligações com a cidade e de programas que dinamizem o espaço. Este espaço é um lugar privilegiado da cidade, onde se pode observar a sua malha urbana e o rio. Neste “pulmão verde” da cidade é possível observar toda uma paisagem diversificada, quer a nível da flora, quer da fauna.

O Aqueduto das Águas livres que pretendia responder às necessidades de abastecimento de água à cidade de Lisboa durante o século XVIII, transformou a cidade, interferindo no seu traçado urbano e em especial no espaço público.

Esta infra-estrutura introduziu na cidade diversos espaços públicos com presença de água, através dos chafarizes, que pretendiam resolver o problema de falta de água que a cidade apresentava naquela época e tornar estes espaços pontos de encontro e socialização.

O espaço público e a água, são elementos que estruturam a cidade, transformando-os em lugares de encontro, de observação e em lugares de excepção na cidade. A partir da relação entre o espaço público e o aqueduto, e a sua possível ligação entre a cidade e o Parque Florestal de Monsanto, propõe-se intervir no Bairro da Liberdade e da Serafina, situado numa das encostas do parque, onde a presença do aqueduto através da sua “rua coberta” é o elemento dominante e ponto de encontro dos moradores do bairro.



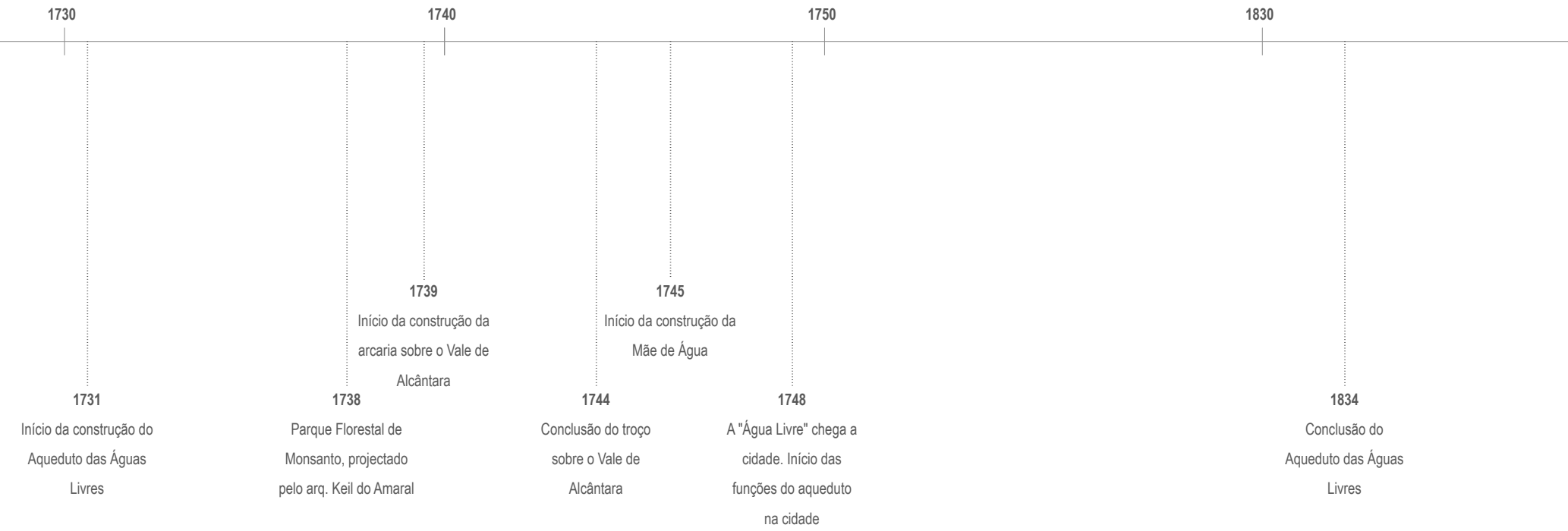


LEGENDA:

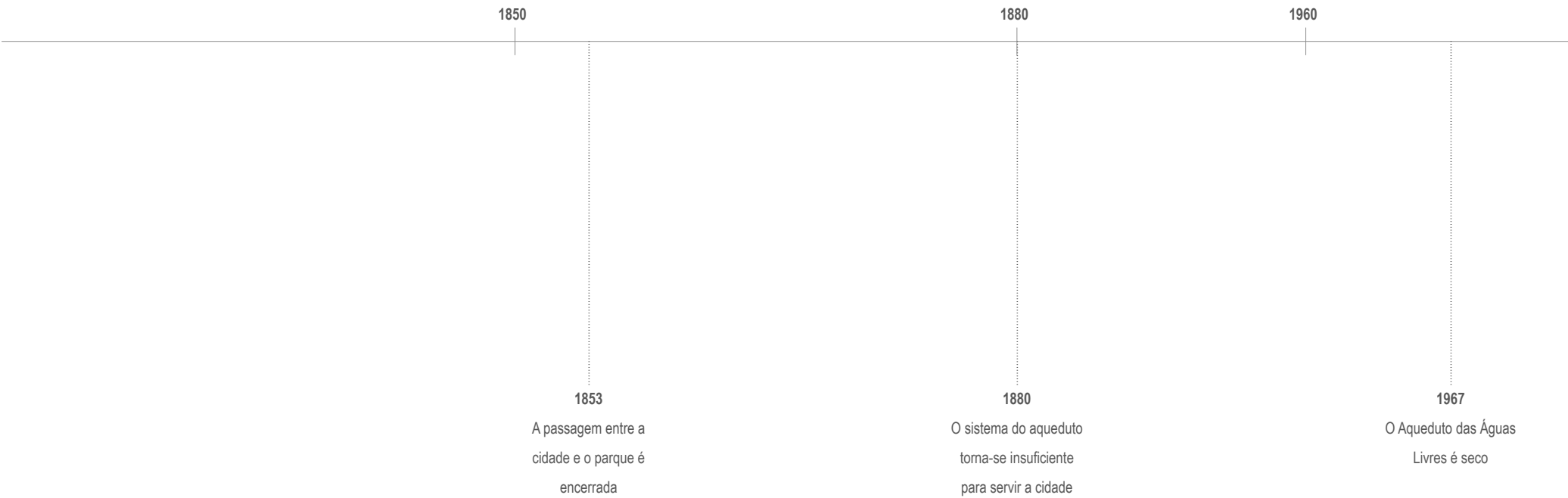
- Cerca Moura
- Cerca Fernandina
- Sistema de distribuição de água do Aqeduto das Águas Livres na cidade
- Espaço Público associado aos chafarizes

- 01 . Chafariz de São Paulo
- 02 . Chafariz das Portas de Santa Catarina
- 03 . Chafariz do Carmo
- 04 . Chafariz de São Pedro de Alcântara
- 05 . Chafariz do Passeio Público
- 06 . Chafariz da Mãe de Água
- 07 . Chafariz da Rua Formosa
- 08 . Reservatório da Patriarcal
- 09 . Chafariz do Rato
- 10 . Chafariz da Rua do Arco
- 11 . Chafariz do Arco de São Bento
- 12 . Chafariz da Esperança
- 13 . Reservatório da Mãe de Água
- 14 . Chafariz das Amoreiras
- 15 . Reservatório de Água | Campo de Golfe das Amoreiras
- 16 . Chafariz da Estrela
- 17 . Chafariz das Terras
- 18 . Chafariz das Janelas Verdes
- 19 . Chafariz das Necessidades
- 20 . Chafariz da Praça da Armada
- 21 . Chafariz de São Sebastião
- 22 . Chafariz da Cruz do Tabuado (demolido)
- 23 . Chafariz do Campo de Santana
- 24 . Chafariz do Intendente
- 25 . Passeio dos Arcos

Fig. 64



TIME LINE





Este vazio urbano na cidade foi na memória desta um lugar importante, porque nos seus limites foram sendo implantadas quintas, atraídas pela paisagem que este lugar tinha e pelas suas características agrícolas.

Nos anos quarenta, o parque é alvo de um projecto do arquitecto Keil do Amaral (1910-1745), onde este propõem valorizar este lugar, introduzindo equipamentos lúdicos. Este projecto que ao longo dos anos foi sendo esquecido, quer pela falta de recursos, dinheiro, quer pela falta de interesse que a cidade demonstra neste lugar, não havendo qualquer mobilidade desde a cidade até ao parque.

O Parque de Monsanto é dividido em duas partes através da auto-estrada (A5), o que faz com que existam dois momentos distintos; o lado virado para o rio, mais dinamizado e com mais equipamentos públicos, onde se encontra o projecto do arquitecto Keil do Amaral (1910-1745), e o outro lado virado para Benfica, onde não existem muitos equipamentos lúdicos.

O problema de Monsanto em relação à cidade de Lisboa prende-se com o facto deste se encontrar com um limite construído a partir das vias de trânsito, sendo a sua acessibilidade, a partir da cidade consolidada, realizada apenas de carro e não pedonal.

Como é que à grande escala a cidade se liga com Monsanto?

A estratégia de intervenção, a grande escala, passa por ligar a cidade ao Parque de Monsanto, através da reutilização da maior infra-estrutura da cidade, o aqueduto.

Pretende-se assim, que a porta de entrada da cidade no parque seja através do Reservatório da Mãe de Água (1729-1748), que está associado à um espaço público, o Jardim das Amoreiras, e que a partir deste possamos percorrer toda a infra-estrutura até à sua chegada ao Parque Florestal de Monsanto, tendo diversos espaços públicos da cidade associados a este percurso, o reservatório de água situado no campo de golfe das Amoreiras e a Calçada da Quintinha, em Campolide.

À chegada ao parque propõem-se implantar dois equipamentos que o valorizem e transformem, as Termas e o Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente.



Fig. 66
JARDIM DAS AMOREIRAS



Fig. 67
RESERVATÓRIO DE ÁGUA
CAMPO DE GOLFE DAS AMOREIRAS



Fig. 68
CALÇADA DA QUINTINHA . CAMPOLIDE



Fig. 69
PASSEIO DOS ARCOS . LIGAÇÃO ENTRE A CIDADE E O PARQUE



A estratégia de intervenção, a pequena escala, passa por dinamizar o Bairro da Liberdade e da Serafina, através da reestruturação e repavimentação de alguns eixos de circulação dos bairros, a Rua dos Arcos das Águas livres e a Rua Padre Domingos Maurício dos Santos, tendo como principal edificado os Balneários Públicos, a Escola “Externato Popular” e o Aqueduto das Águas Livres.

Os bairros localizam-se numa das encostas do parque e são separados da cidade por duas infra-estruturas, a linha ferroviária e o pelo eixo n/s. A primeira ocupação deste lugar data do final do século XIX, início do século XX, onde alguns trabalhadores do Aqueduto das Águas Livres vêm habitar cavidades naturais, grutas, usando-as como forma de alojamento, sendo que, posteriormente, este lugar viria a dar origem ao Bairro dos Arcos, devido à presença dos arcos do aqueduto no seu espaço público.

O Bairro da Liberdade surge no século XX e resultou da fragmentação dos terrenos de uma antiga estrutura rural, a Quinta da Mineira e a Quinta do Cardim, em pequenas parcelas e a unificação do conjunto habitacional que surge junto à Estação Ferroviária de Campolide e o Bairro dos Arcos. O bairro vai acompanhando o processo de industrialização da cidade, tendo na época o Vale de Alcântara como um dos pontos importantes no desenvolvimento da cidade, coincidindo com a chegada de imigrantes para a industrialização do Vale de Alcântara.

O Bairro da Serafina surge em 1938, construído durante o Estado Novo e tendo como responsável o arquitecto Paulino Montez, onde todas as habitações são um estudo sobre a casa económica em Portugal. Este bairro difere do bairro da Liberdade pela sua implantação numa zona plana do parque e com uma vista sobre o estuário do Tejo.

O primeiro edifício proposto são as termas no remate da Rua dos Arcos das Águas Livres e da chegada do aqueduto ao parque, e no eixo principal dos bairros, a Rua Padre Domingos Maurício dos Santos, o remate do eixo com uma praça, tendo um elemento de água associado e posteriormente uma ligação ao teatro proposto implantado numa das várias pedreiras existentes em Monsanto, a Pedreira da Serafina.



Fig. 71
1904 - 1911 | CARTOGRAFIA DO BAIRRO DA SERAFINA .
SILVA PINTO

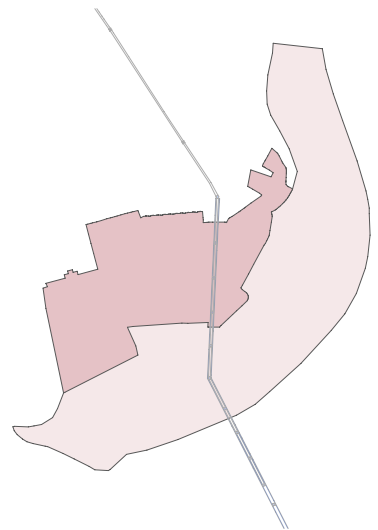


Fig. 72
DIAGRAMA
BAIRRO DA SERAFINA
BAIRRO DA LIBERDADE

EIXO DE INTERVENÇÃO

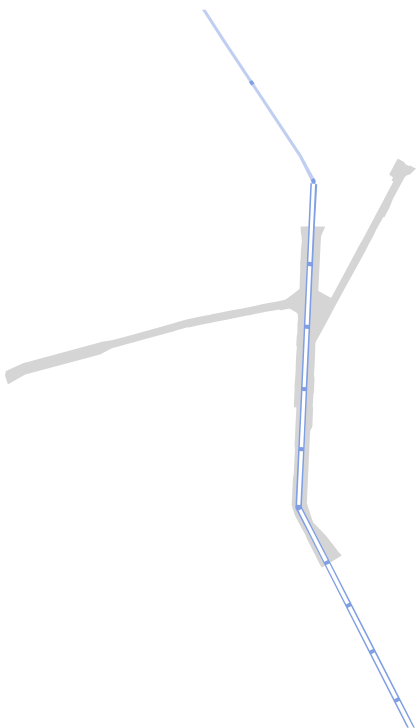


Fig. 73

EIXO DE INTERVENÇÃO
RUA PADRE DOMINGOS MAURÍCIO DOS SANTOS
RUA ARCOS DAS ÁGUAS LIVRES

EIXO DE CIRCULAÇÃO DO AUTOCARRO

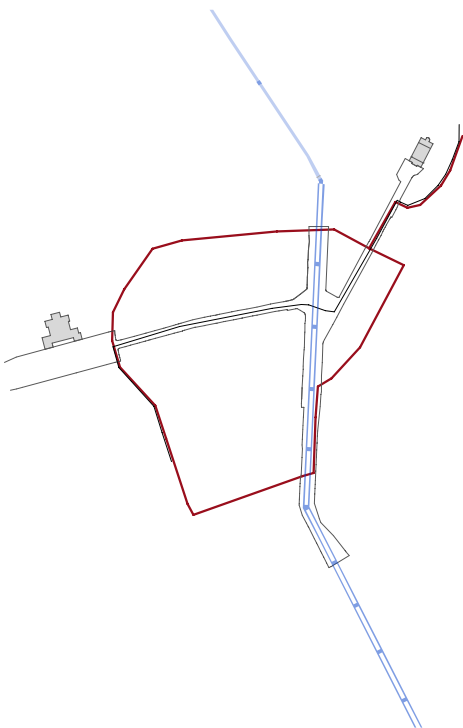


Fig. 74

EIXO DE CIRCULAÇÃO DO AUTOCARRO
— EXISTENTE
— PROPOSTO

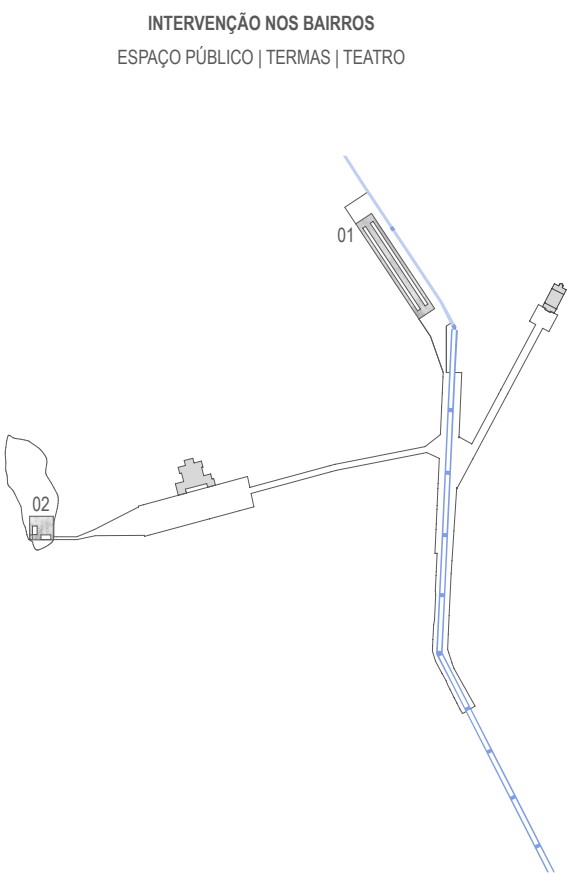
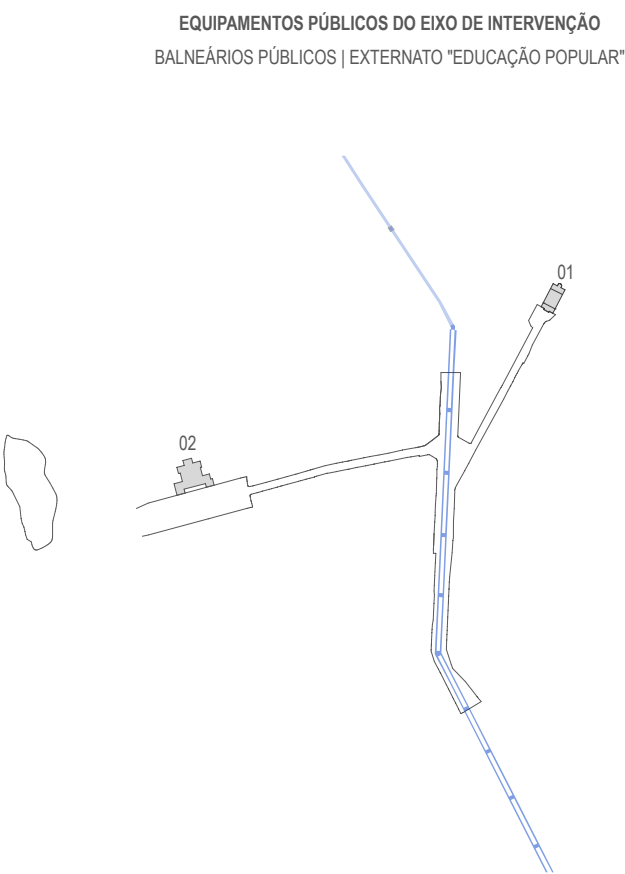


Fig. 75
EQUIPAMENTOS PÚBLICOS NO EIXO DE INTERVENÇÃO
01 . BALNEÁRIOS PÚBLICOS
02 . EXTERNATO "EDUCAÇÃO POPULAR"

Fig. 76
INTERVENÇÃO NO BAIRRO
01 . TERMAS
02 . TEATRO

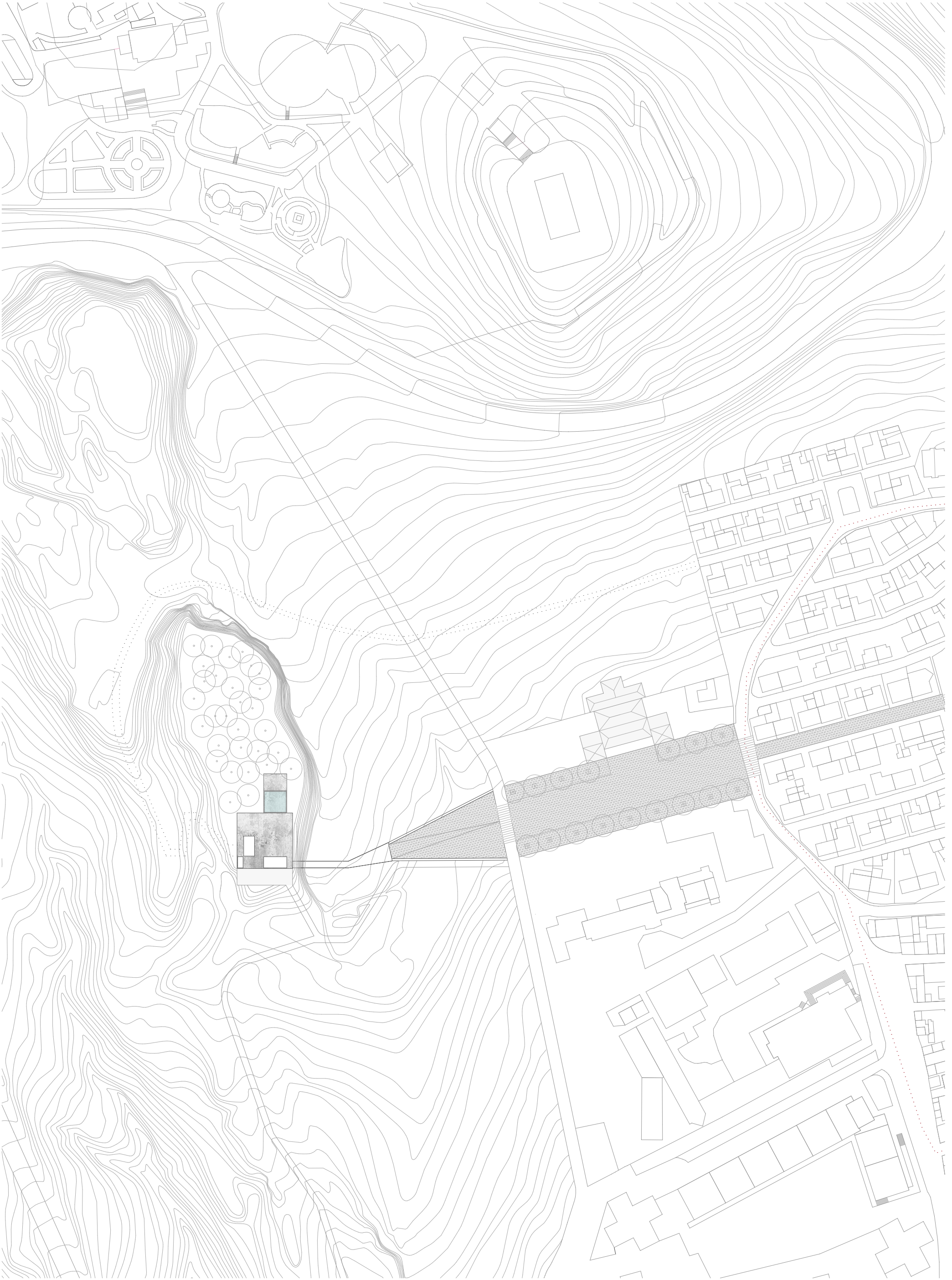




Fig. 77

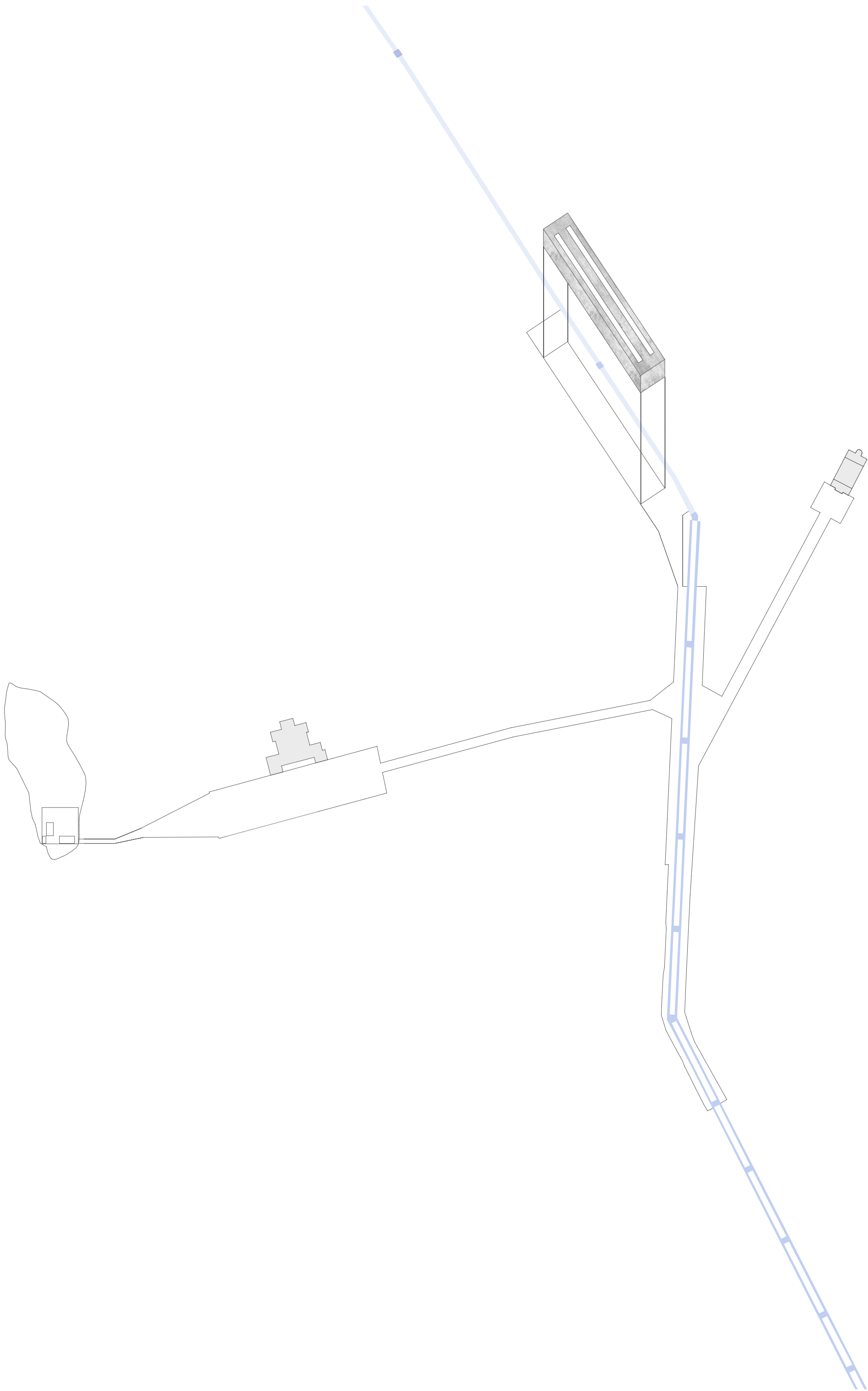
PLANTA DE INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO

BAIRRO . TERMAS . TEATRO

..... percurso proposto de circulação do autocarro



ÁGUA | TERMAS | TEATRO | **CORPO**



As termas são desde sempre uma prática no quotidiano do indivíduo, representando uma ocupação do seu tempo livre, mas também são lugares de regeneração e purificação do corpo e da mente.

As termas implantadas no Parque Florestal de Monsanto são um lugar de exceção na cidade, relembrando os lugares de banhos que existiam em Lisboa, onde o indivíduo se deslocava não só para regeneração do corpo mas também para a socialização.

Os banhos públicos em Lisboa tem como premissa a sua localização perto de nascentes e é a partir desta premissa que se pretende implantar na chegada do aqueduto ao parque, invocando a memória do aqueduto, visto que todas as termas eram abastecidas a partir de aquedutos.

O programa consiste num grande espaço de água central (*tepidarium*) e em diversos módulos que albergam os outros programas complementares a este grande espaço: balneários, salas de relaxamento e tratamento, um espaço de água quente (*caldarium*) e um espaço de água fria (*frigidarium*).

Cobertura

Módulos:

- Balneários
- Salas de Relaxamento
- Caldarium
- Frigidarium

Piso 0

- Acesso ao Tanque Principal

Piso -1

- Áreas Técnicas

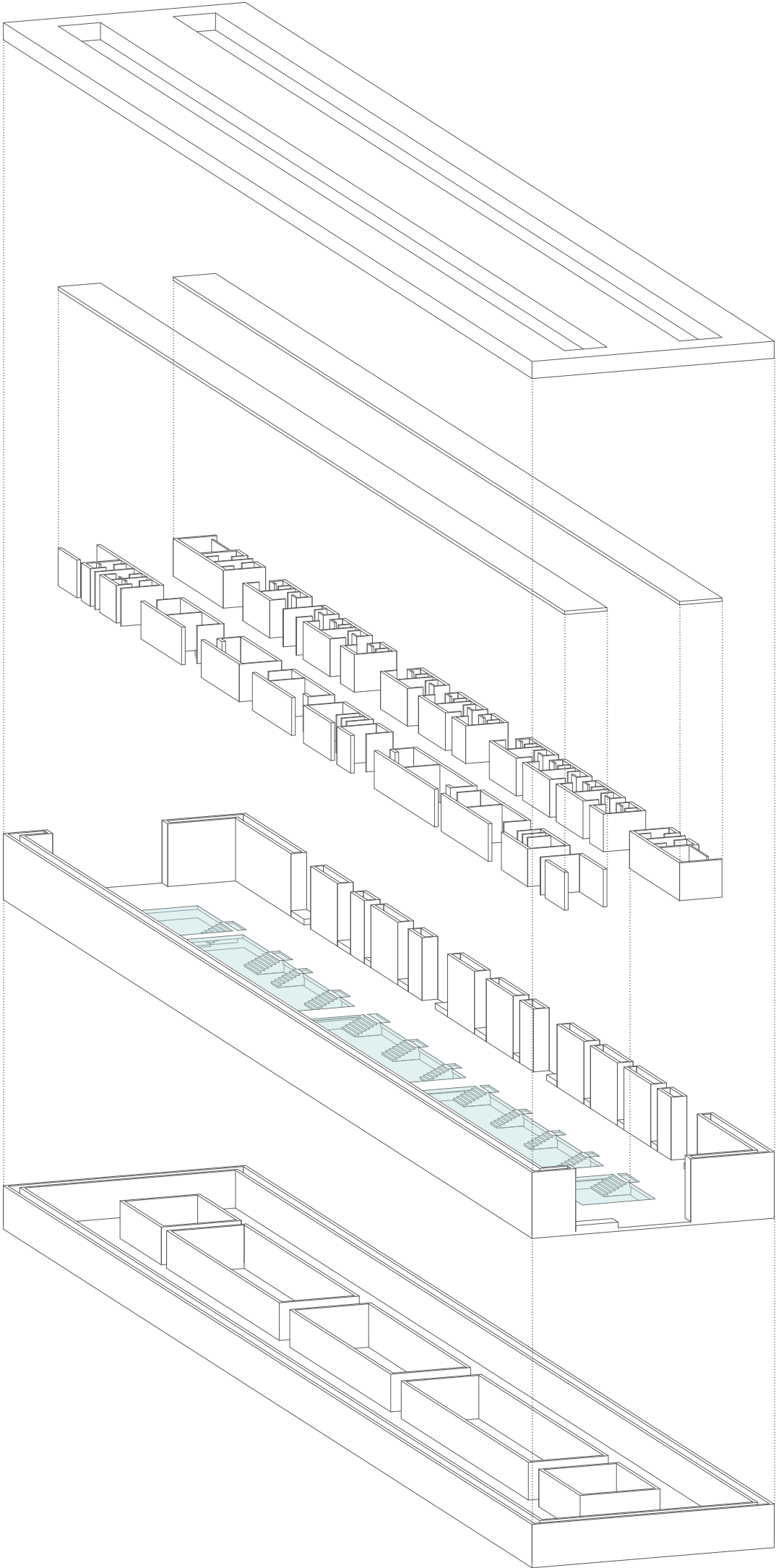


Fig. 79
AXONOMETRIA

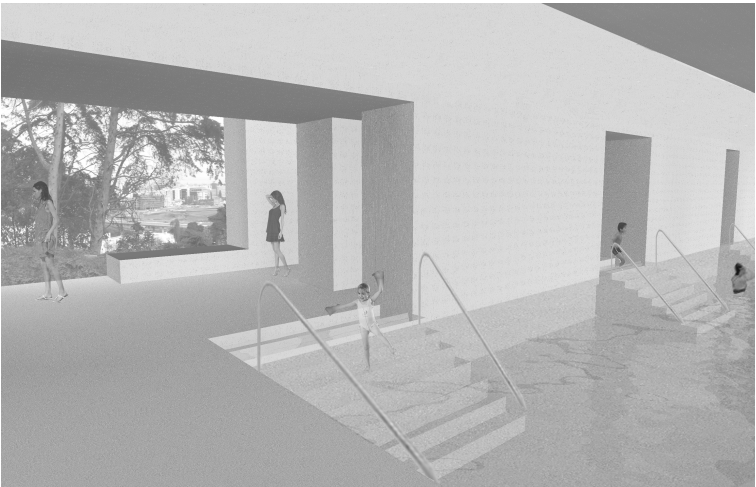
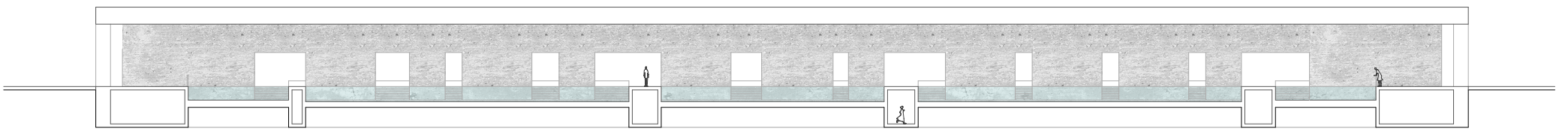
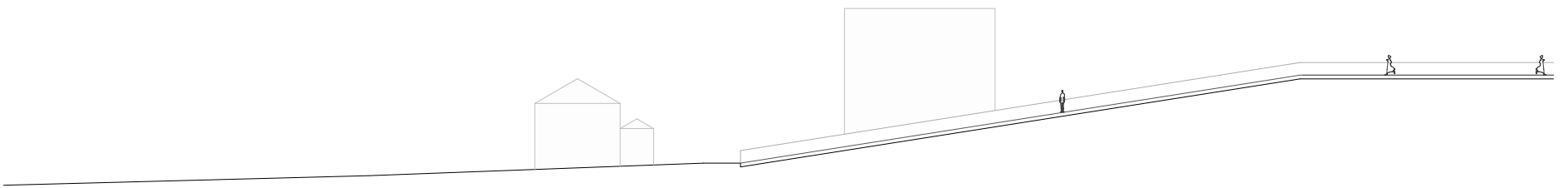
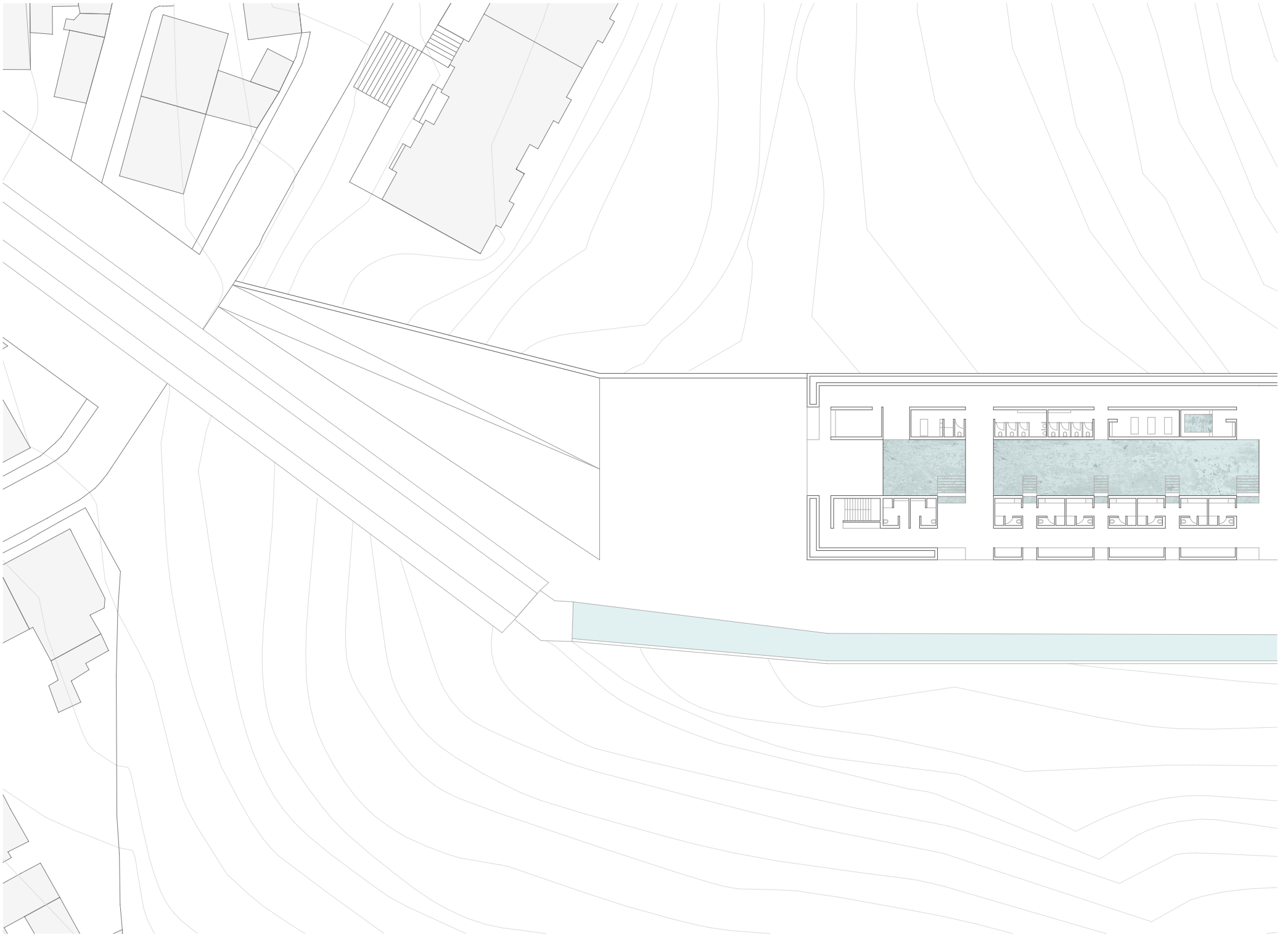


Fig. 80
FOTOMONTAGEM



Fig. 81
FOTOMONTAGEM



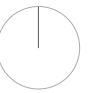
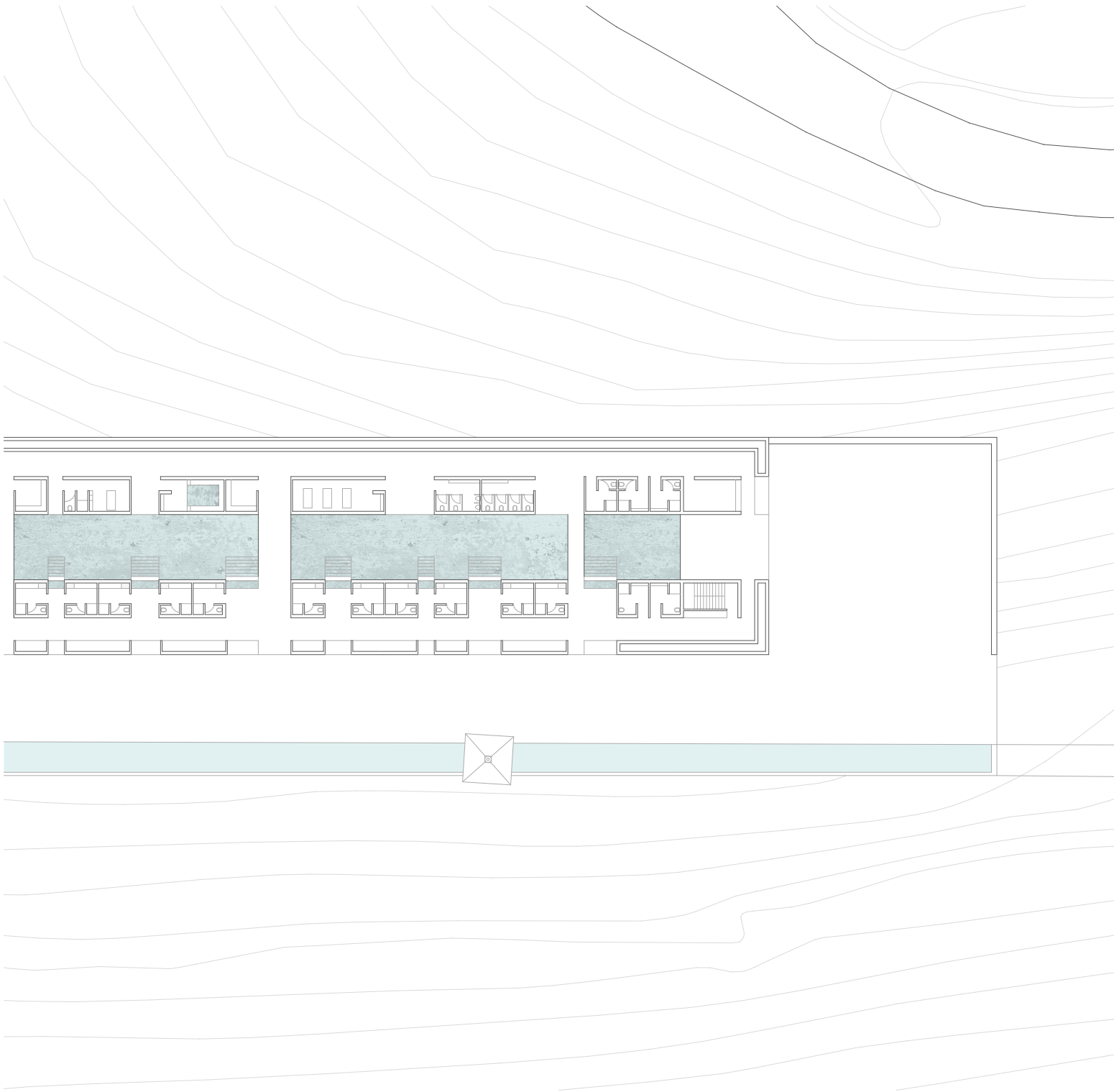


Fig. 82
PLANTA | TERMAS DO PARQUE
PISO 0 . ESC. 1/500

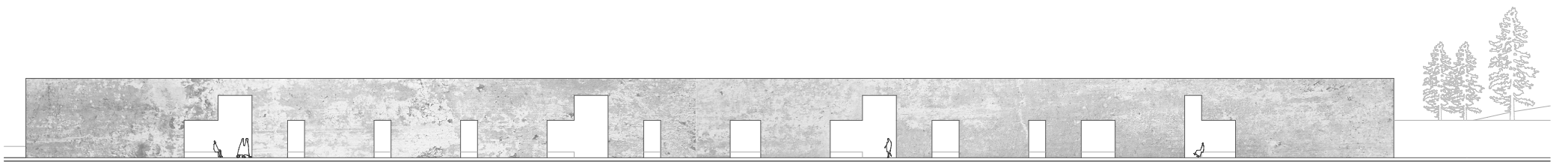


Fig. 83
ALÇADO | TERMAS DO PARQUE
ESC. 1/500

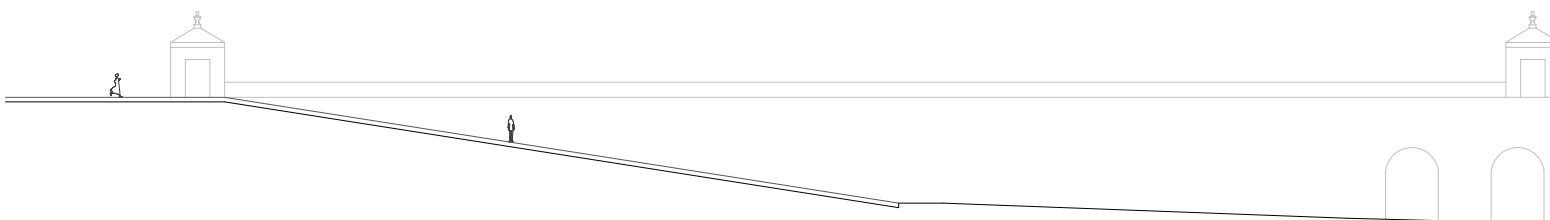
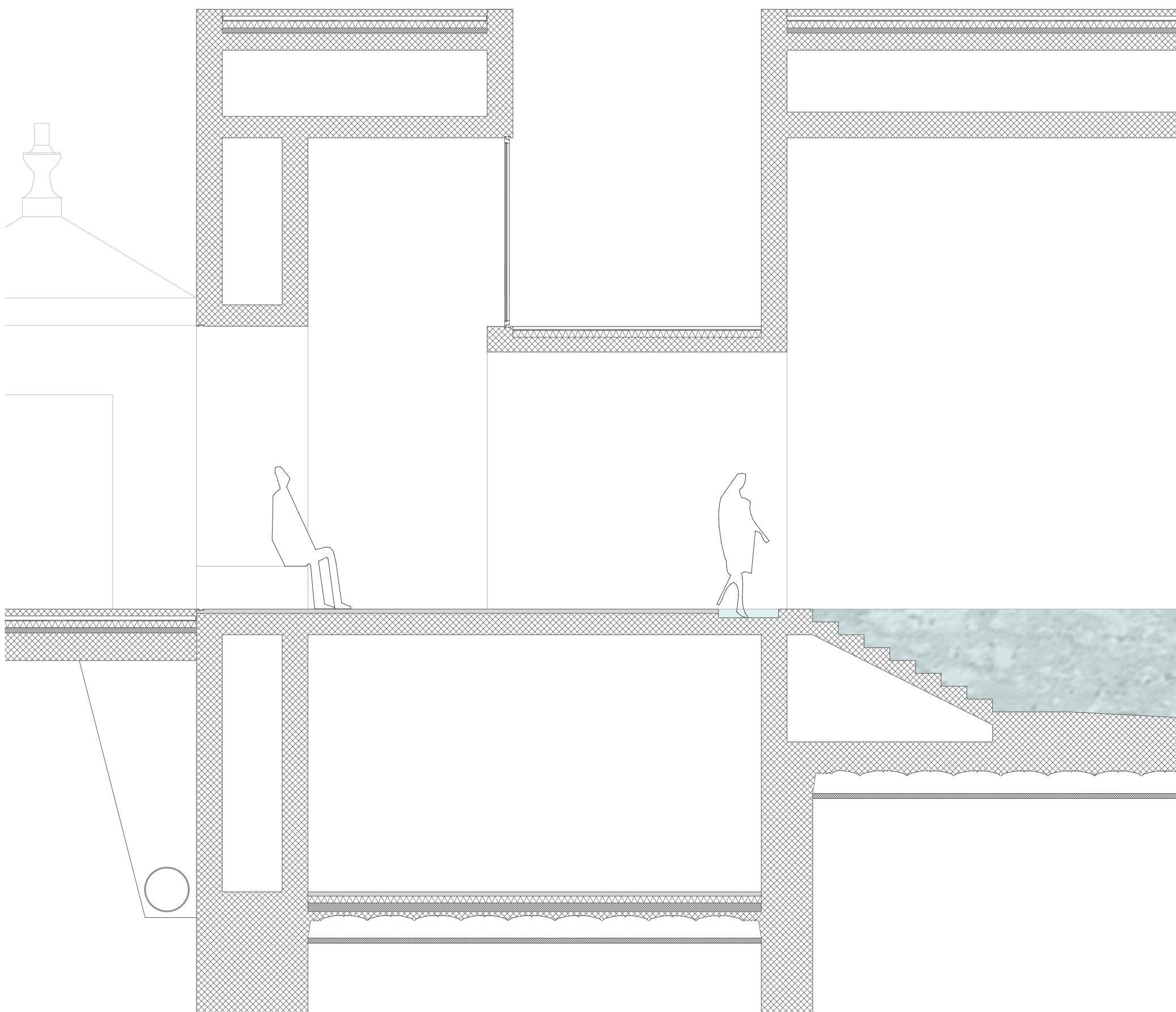


Fig. 84
CORTE | TERMAS DO PARQUE
CORTE PELOS TANQUES DE ÁGUA . ESC. 1/500



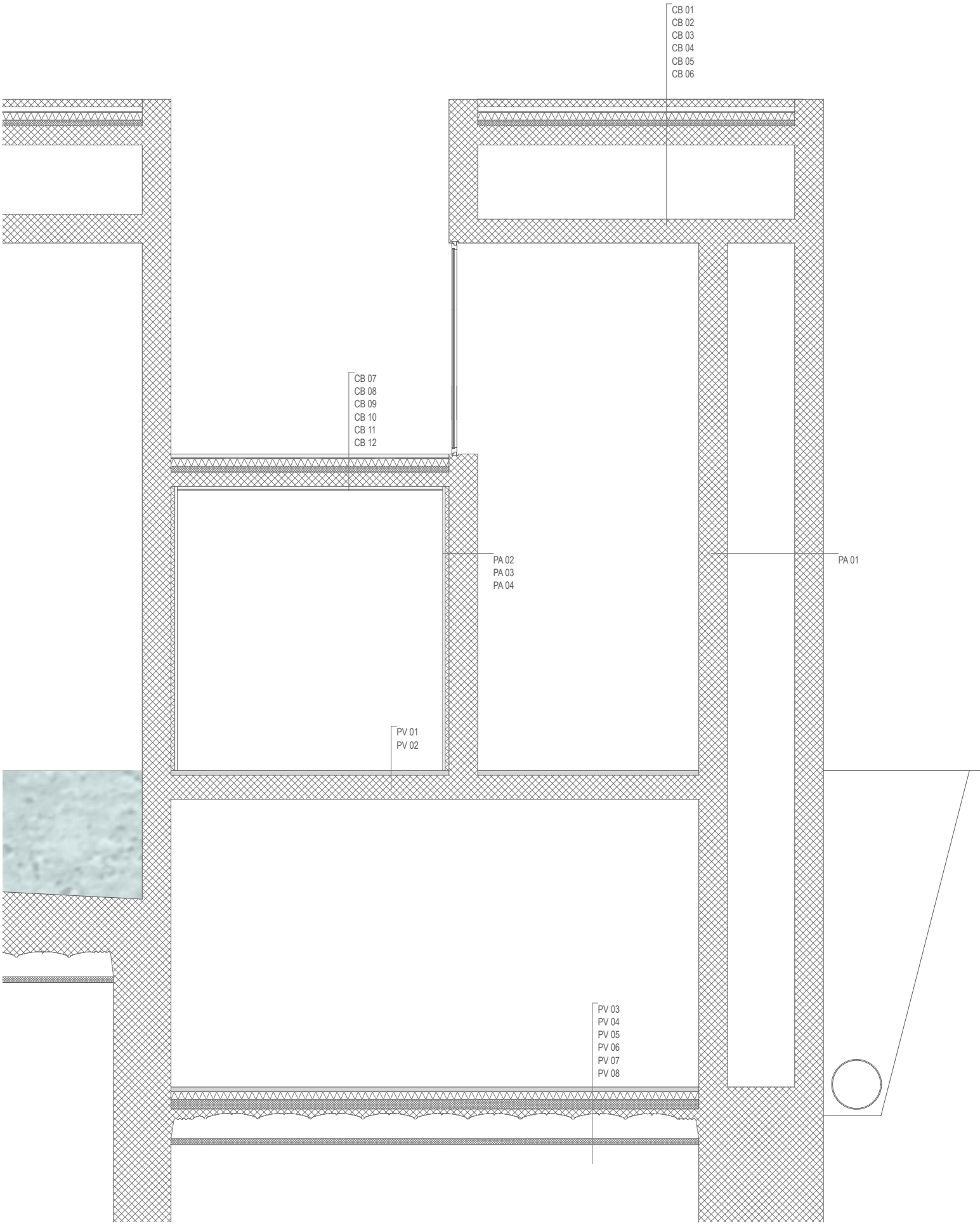


Fig. 85
CORTE | TERMAS DO PARQUE
SISTEMA CONSTRUTIVO . ESC. 1/50

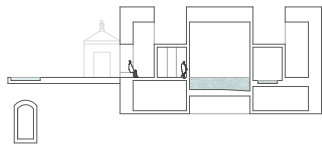


Fig. 86
CORTE | BALNEÁRIO . TANQUE (TEPIDARIUM) . CALDARIUM

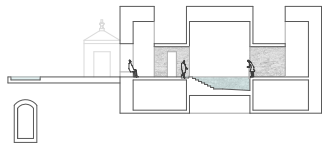


Fig. 87
CORTE | ACESSO AO TANQUE PRINCIPAL (TEPIDARIUM)

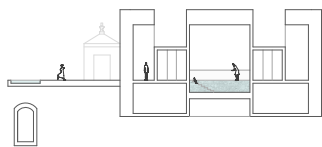


Fig. 88
CORTE | BALNEÁRIO . TANQUE (TEPIDARIUM) . BALNEÁRIO

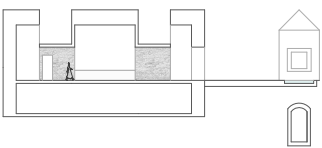


Fig. 89
CORTE | PASSAGEM SOBRE OS TANQUES

LEGENDA DO CORTE CONSTRUTIVO:

- COBERTURA
- CB 01 . LAJE DE BETÃO . 80 MM
- CB 02 . BUZON PEDESTAL
- CB 03 . IMPERMEABILIZAÇÃO COM TELAS BETUMINOSAS, CADA 8 MM
- CB 04 . ISOLAMENTO TÉRMICO . FLOORMATE . 80 MM
- CB 05 . CAMADA DE FORMA E REGULARIZAÇÃO, COM PENDENTE DE 2%
- CB 06 . LAJE ESTRUTURAL DE BETÃO ARMADO, COM COFRAGEM PERDIDA
- CB 07 . ÁGUA
- CB 08 . IMPERMEABILIZAÇÃO COM TELAS BETUMINOSAS, CADA 8 MM
- CB 09 . ISOLAMENTO TÉRMICO . FLOORMATE . 80 MM
- CB 10 . CAMADA DE FORMA E REGULARIZAÇÃO, COM PENDENTE DE 2%
- CB 11 . LAJE ESTRUTURAL DE BETÃO ARMADO, COM TRATAMENTO DE PROTECÇÃO PELO INTERIOR DE FILMES DE SILICONE
- CB 12 . PLACA DE GESSO CARTONADO 15 MM COM ESTRUTURA METÁLICA
- PAVIMENTO
- PV 01 . MICRO BETÃO AFAGADO
- PV 02 . LAJE ESTRUTURAL DE BETÃO ARMADO
- PV 03 . MICRO BETÃO AFAGADO
- PV 04 . ISOLAMENTO TÉRMICO . FLOORMATE . 80MM
- PV 05 . CAMADA DE FORMA E REGULARIZAÇÃO, COM PENDENTE DE 2%
- PV 06 . VAZIO SANITÁRIO . TIPO CUPOLEX
- PV 07 . BETÃO DE LIMPEZA
- PV 08 . TOUT VENANT
- PAREDE
- PA 01 . PAREDE DE BETÃO ARMADO COM COFRAGEM PERDIDA
- PA 02 . PLACA DE GESSO CARTONADO . 2 * 12,5 MM
- PA 03 . ISOLAMENTO TÉRMICO . FLOORMATE . 40MM
- PA 04 . PAREDE DE BETÃO ARMADO

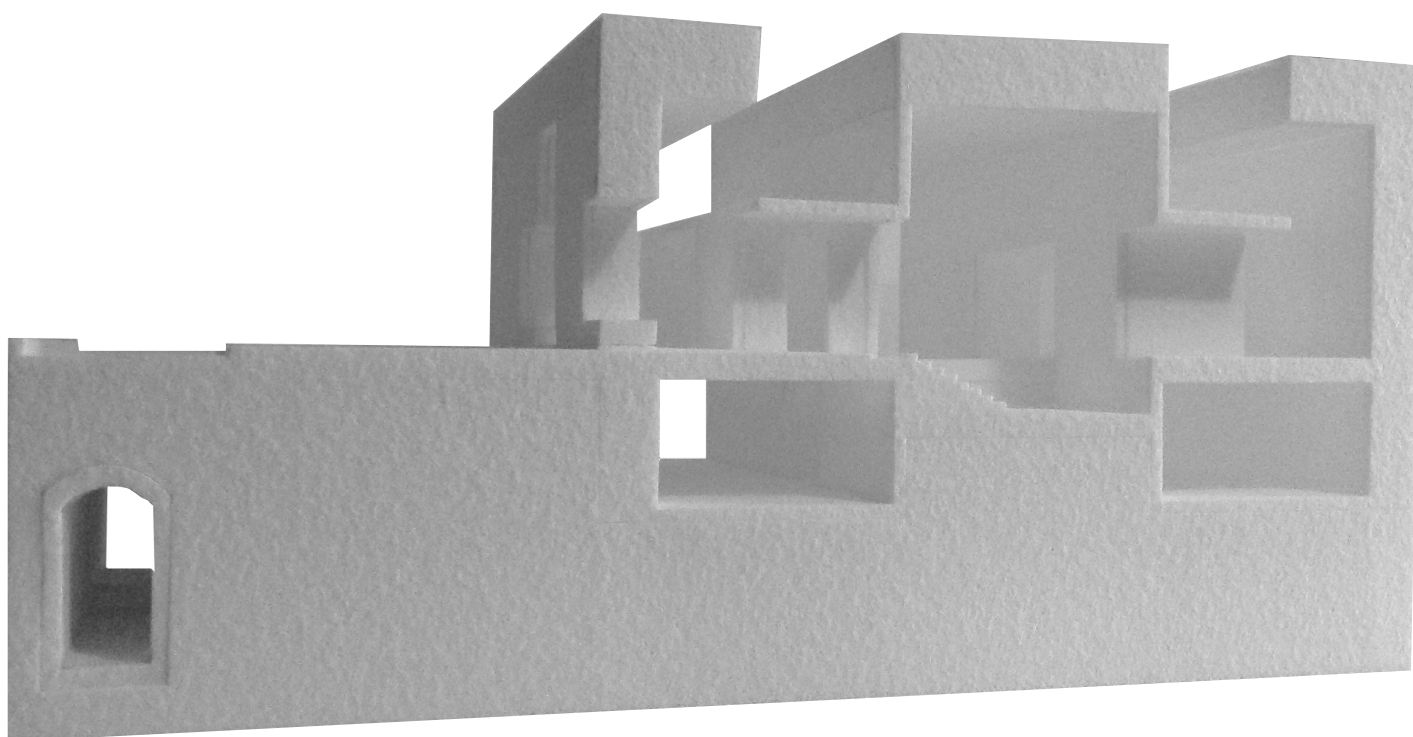
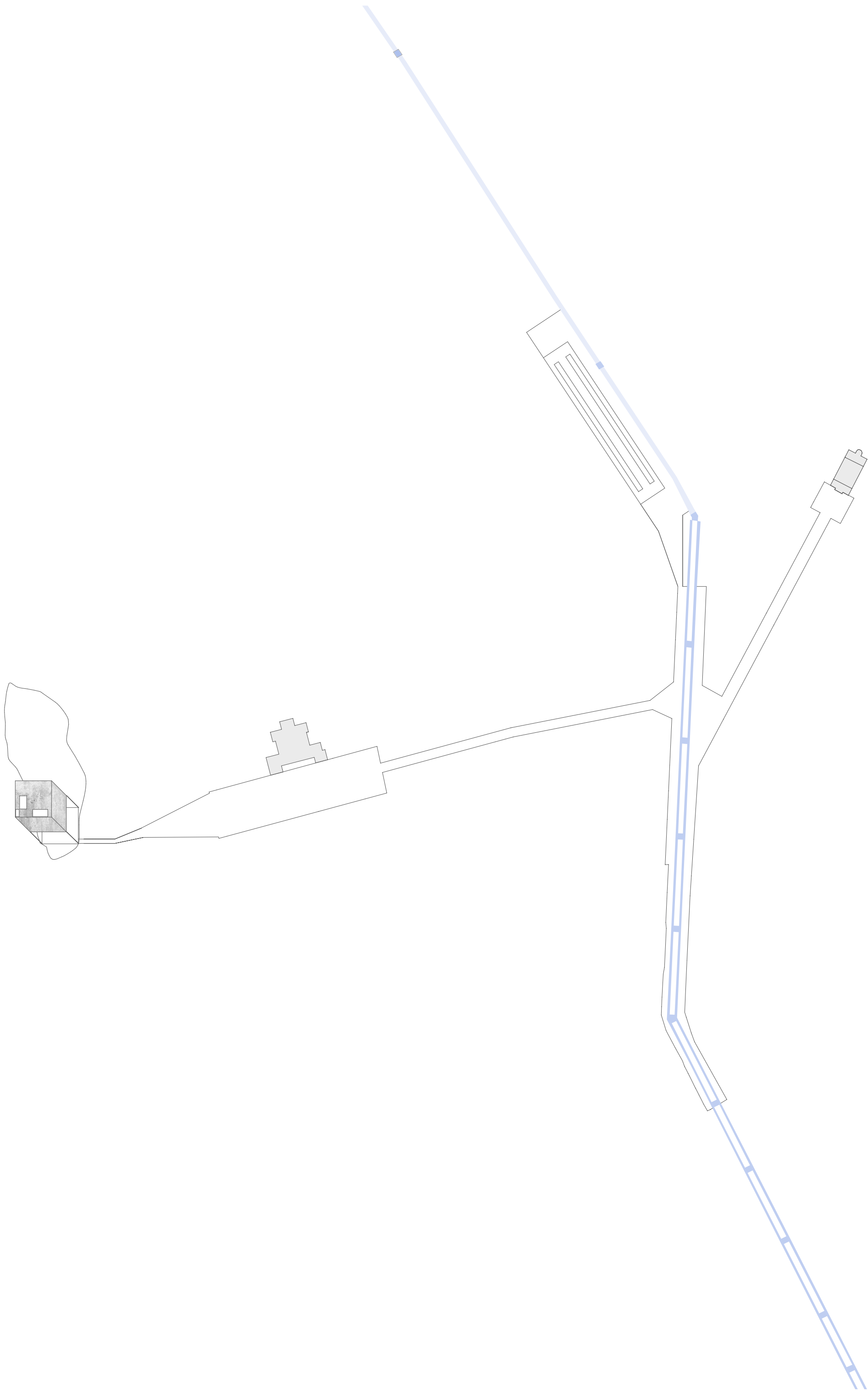


Fig. 90
FOTOGRAFIA DA MAQUETA



O Centro de Experimental Teatral Gil Vicente é um lugar ideal para a experimentação do ensino das artes cénicas e que permite a utilização do espaço de variáveis formas. Trata-se de um espaço para pesquisa e apresentação de propostas resultantes de abordagens inovadoras nas artes do palco, nas artes cénicas.

Pretende-se que o teatro proposto se defina entre o cenário, o actor e o público.

O cenário da pedreira, a cenografia, como um elemento visual que tem uma relação com a pedreira e que em diversos momentos muda, consoante o tempo, o ambiente, ou seja, não é um cenário permanente.

O programa consiste numa black-box, como o espaço central do teatro; dois espaços de trabalho teatral; um espaço oficial de cenografia e adereços, espaço oficial luz e som, espaço oficial de figurinos apoiados com depósitos, um espaço de investigação em open space, espaços de apoio (camarins com balneários) e um espaço de representação exterior.

Pretende-se que o modelo de funcionamento do centro de experimentação seja feito através de workshops com duração média de seis semanas para profissionais, actores em formação e amadores, e duas criações anuais, co-produções com o Teatro Nacional D. Maria II, ou o Teatro Nacional de S. João, ou companhias subsidiadas.

Cobertura

Piso 3

Sala de trabalho teatral
Espaço de investigação

Piso 2

Sala de trabalho teatral
Espaço de exposição
Acesso ao teatro através da praça

Piso 1

Sala de trabalho teatral
Espaço de exposição

Piso 0

Foyer
Espaço de representação teatral interior | exterior

Piso -1

Áreas Técnicas
Camarins
Espaços oficiais

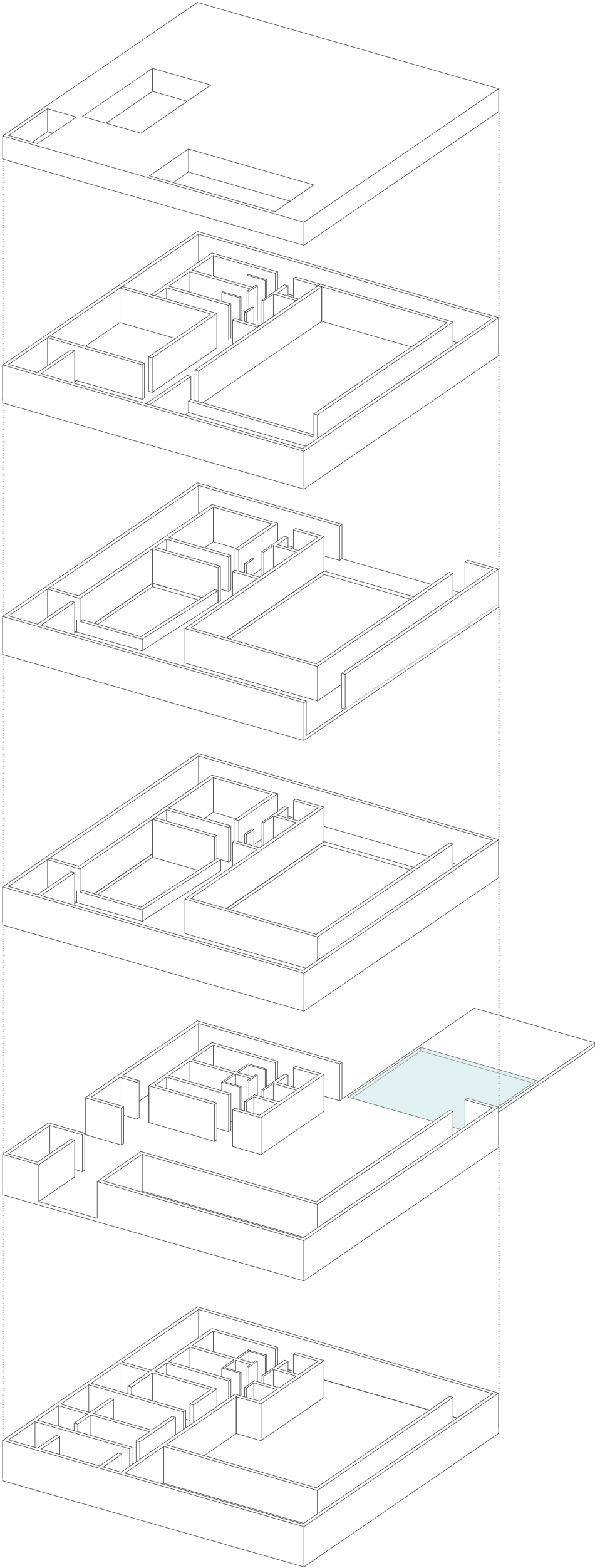


Fig. 92
AXONOMETRIA



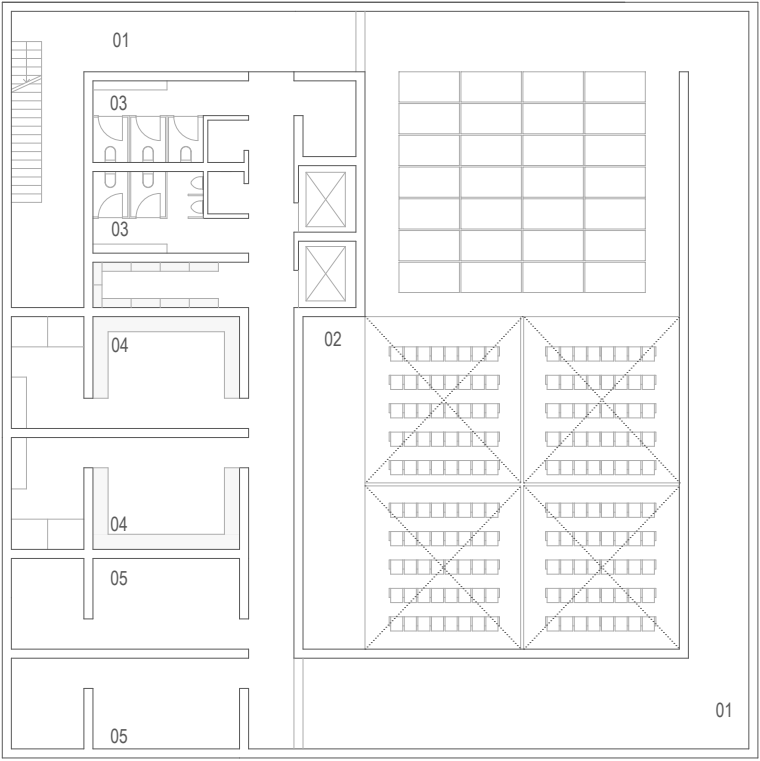
Fig. 93
FOTOMONTAGEM . ESPAÇO DE TRABALHO



Fig. 94
FOTOMONTAGEM . FOYER

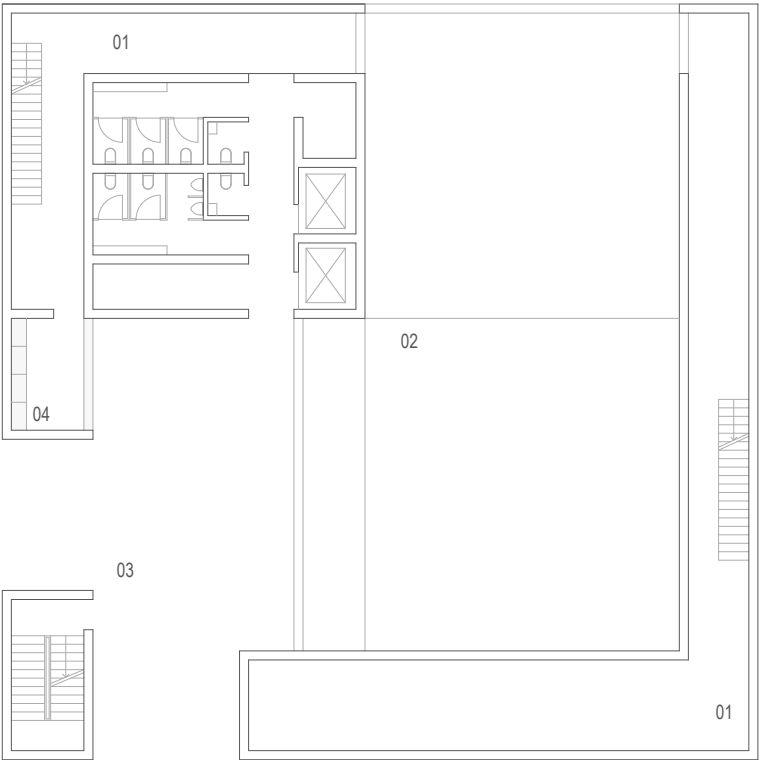
- Circulação . 01
- Fosso do espaço de representação . 02
- Instalações Sanitárias . 03
- Camarins com balneários . 04
- Espaços oficiais . 05

Fig. 95
PLANTA | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
PISO -1 . ESC. 1/250



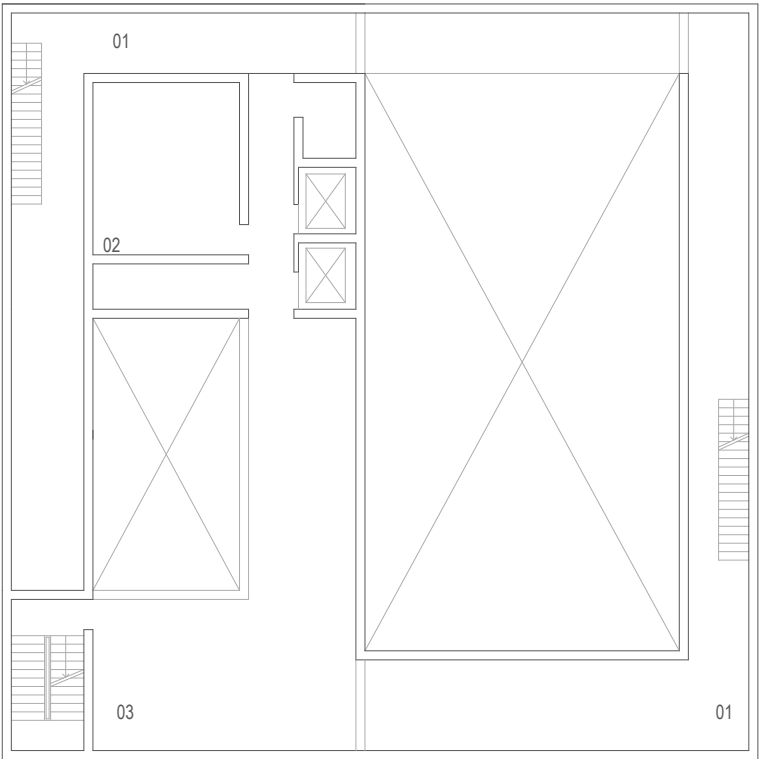
- Circulação . 01
- Espaço de representação teatral . 02
- Foyer . 03
- Recepção . 04

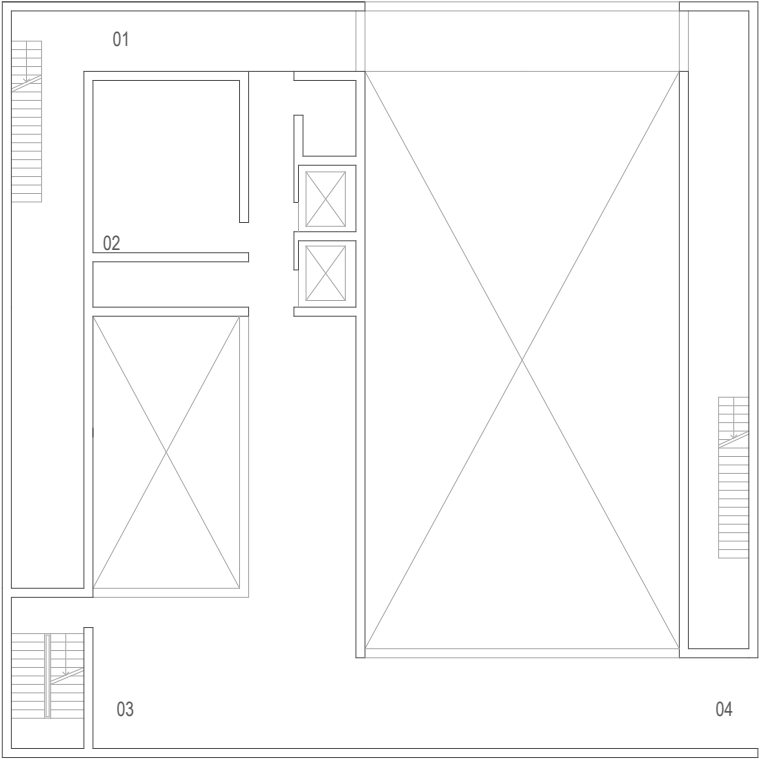
Fig. 96
PLANTA | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
PISO 0 . ESC. 1/250



- Circulação . 01
- Sala de trabalho teatral . 02
- Espaço de exposição . 03

Fig. 97
PLANTA | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
PISO 1 . ESC. 1/250

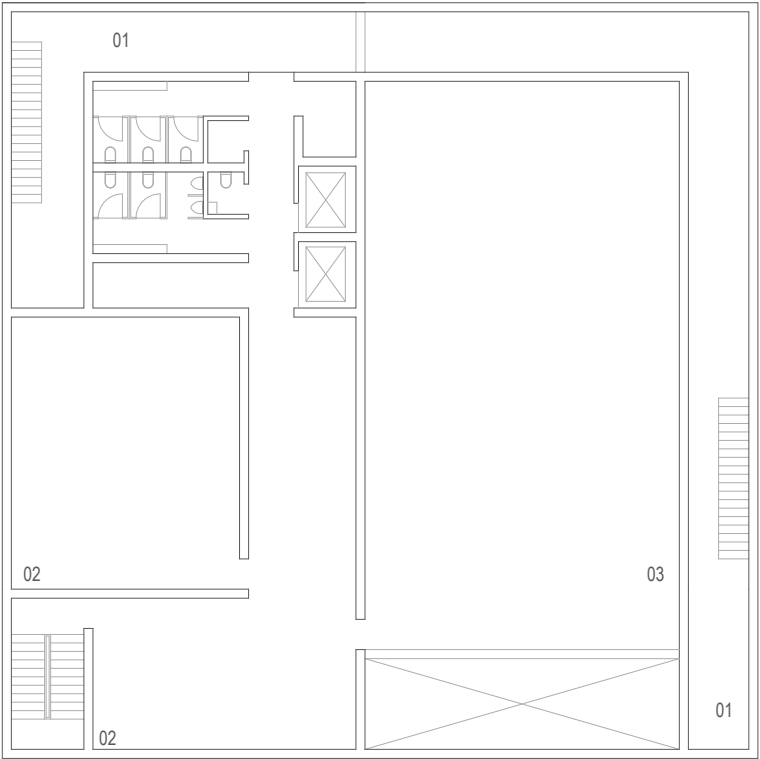




Circulação . 01
Sala de trabalho teatral . 02
Espaço de exposição . 03
Acesso ao teatro através da praça . 04

Fig. 98

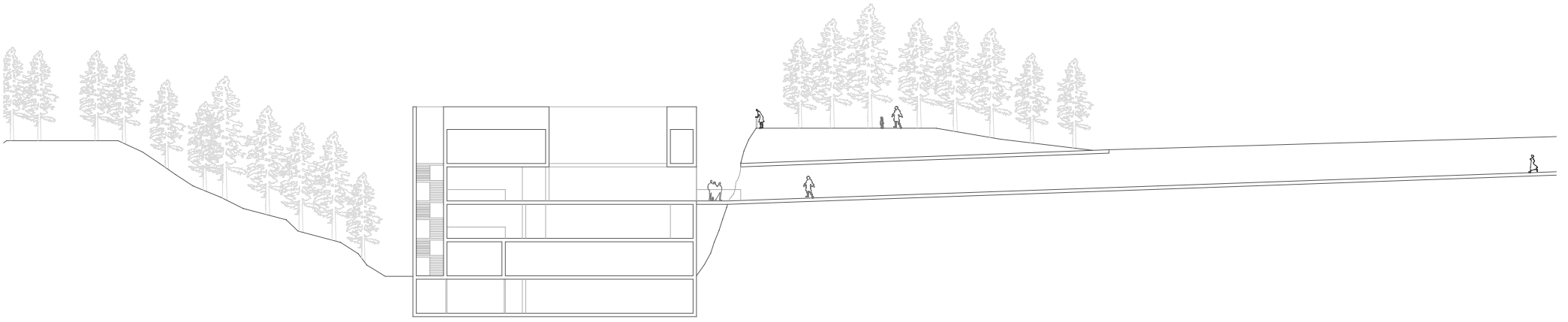
PLANTA | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
PISO 2 . ESC. 1/250



Circulação . 01
Sala de trabalho teatral . 02
Espaço de investigação . 03

Fig. 99

PLANTA | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
PISO 3 . ESC. 1/250



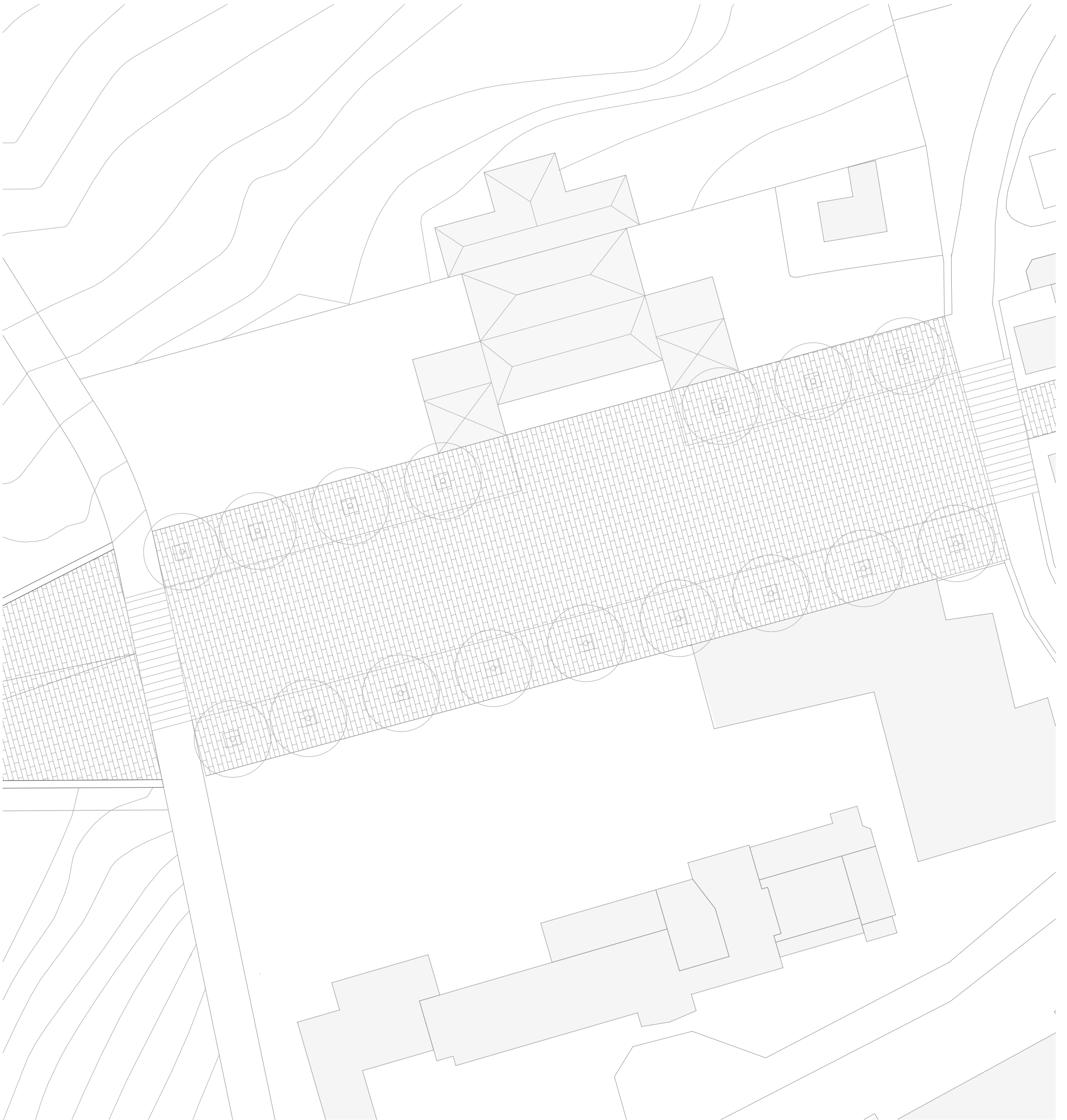


Fig. 100

PLANTA | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
ACESSO AO TEATRO A PARTIR DA PRAÇA . ESC. 1/500

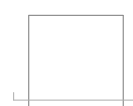
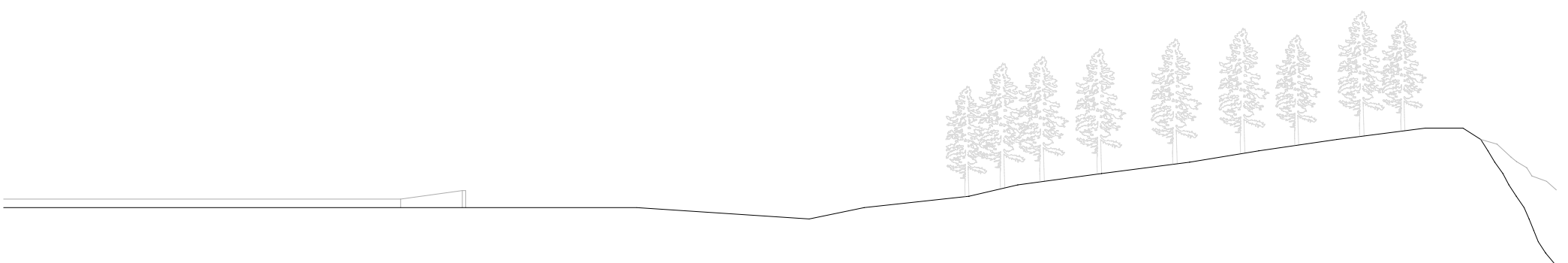
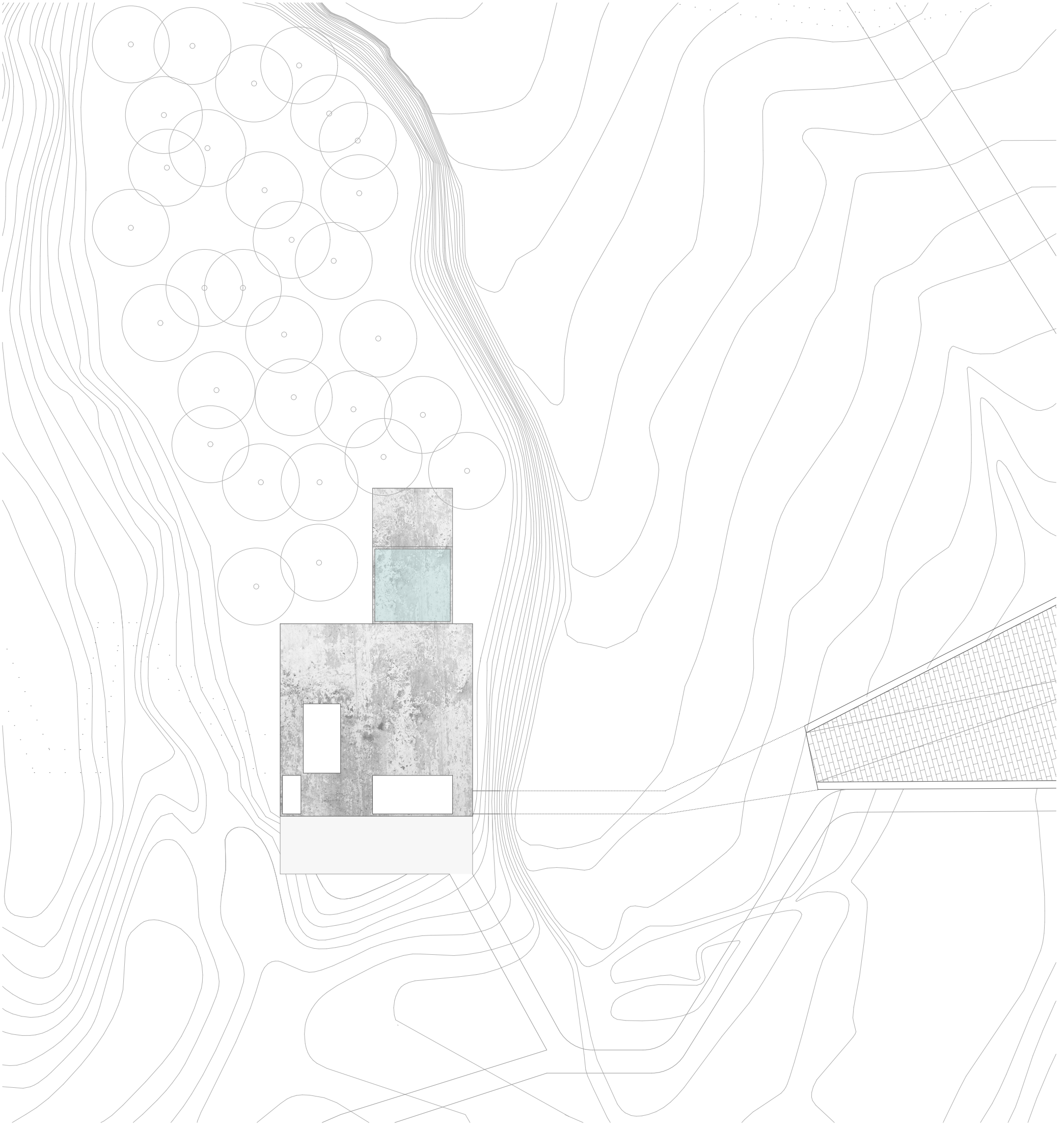


Fig. 101

CORTE | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
CORTE PELO ACESSO A PRAÇA . ESC. 1/500



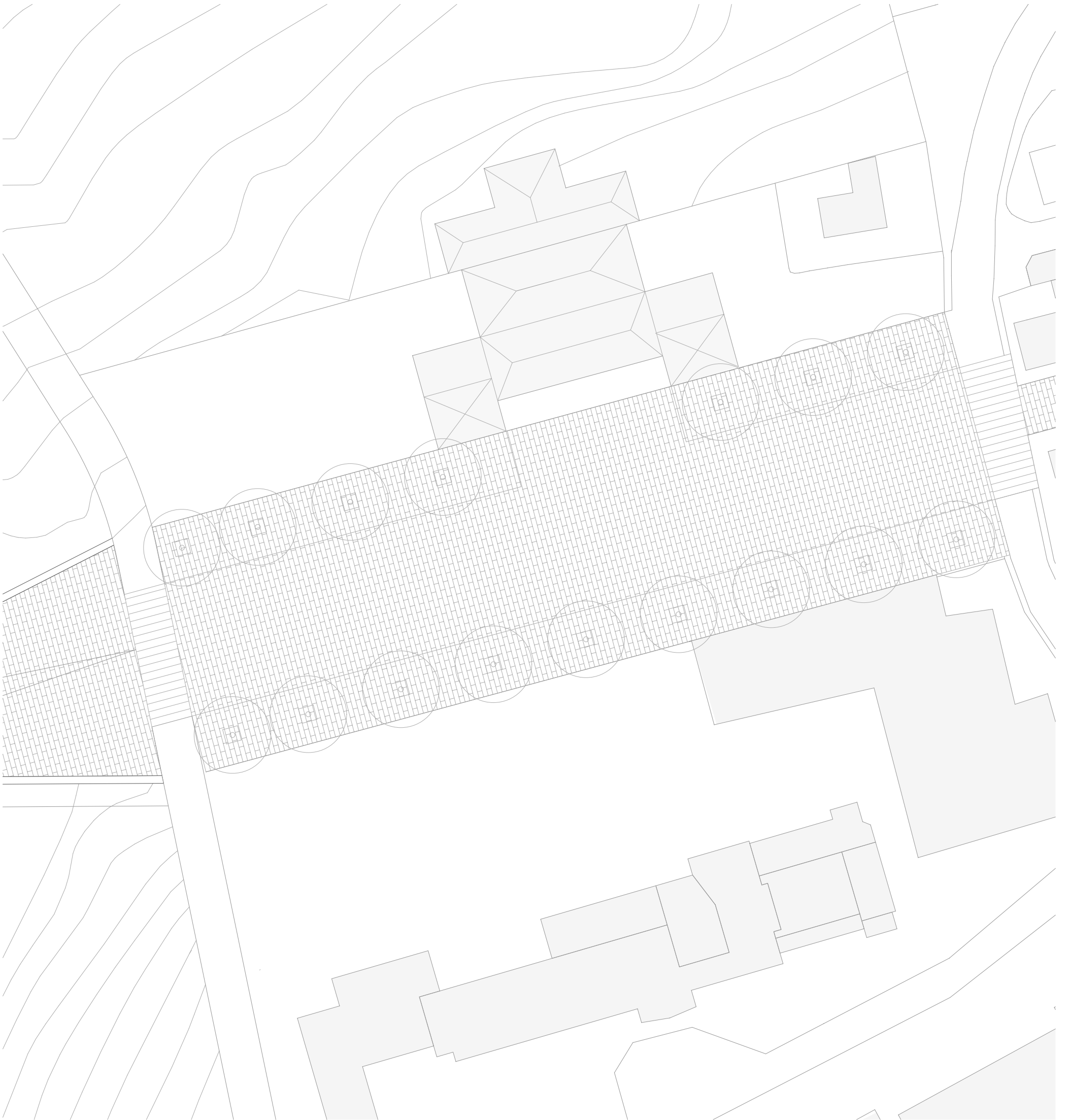


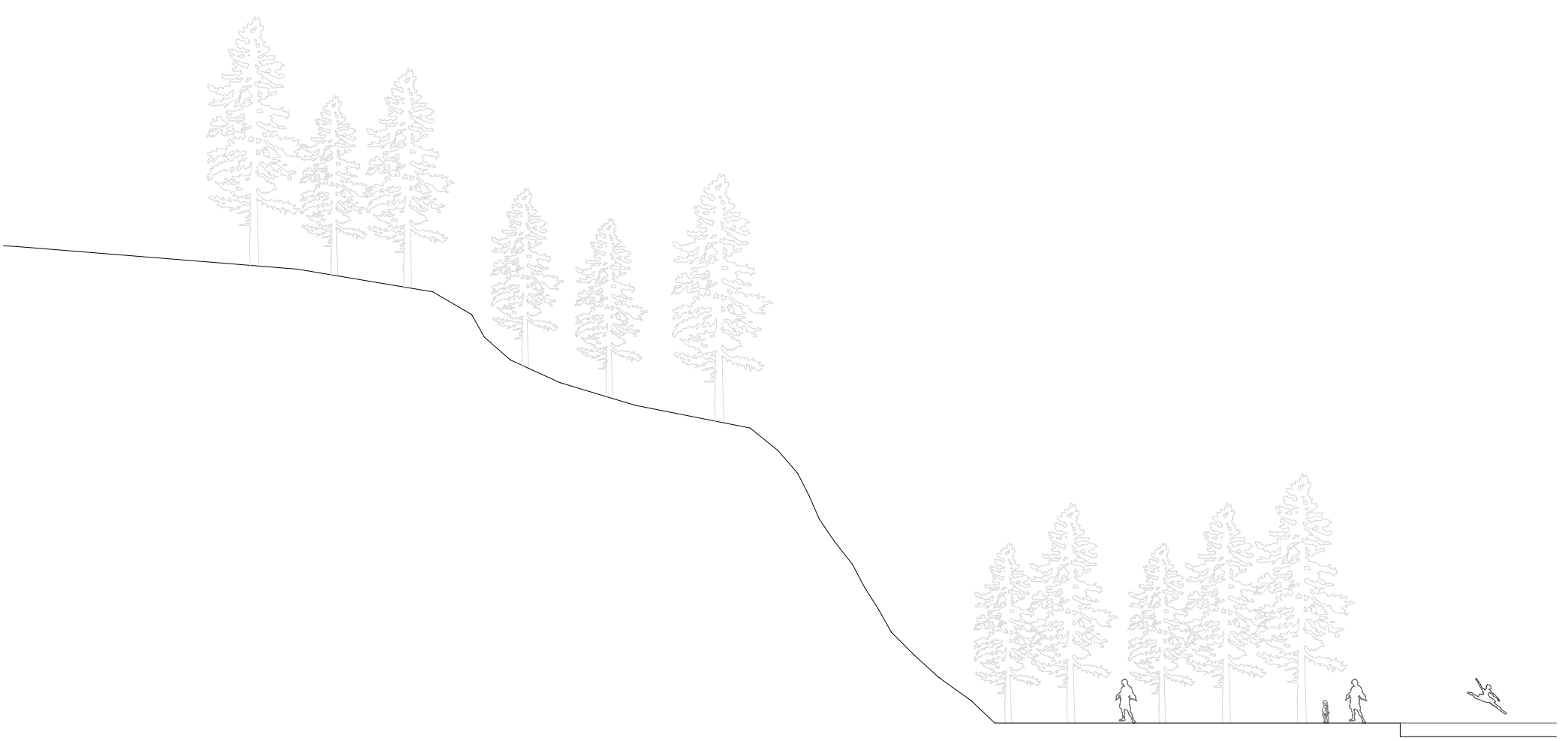
Fig. 102

PLANTA | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
COBERTURA . ESC. 1/500



Fig. 103

ALÇADO | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
ESC. 1/500



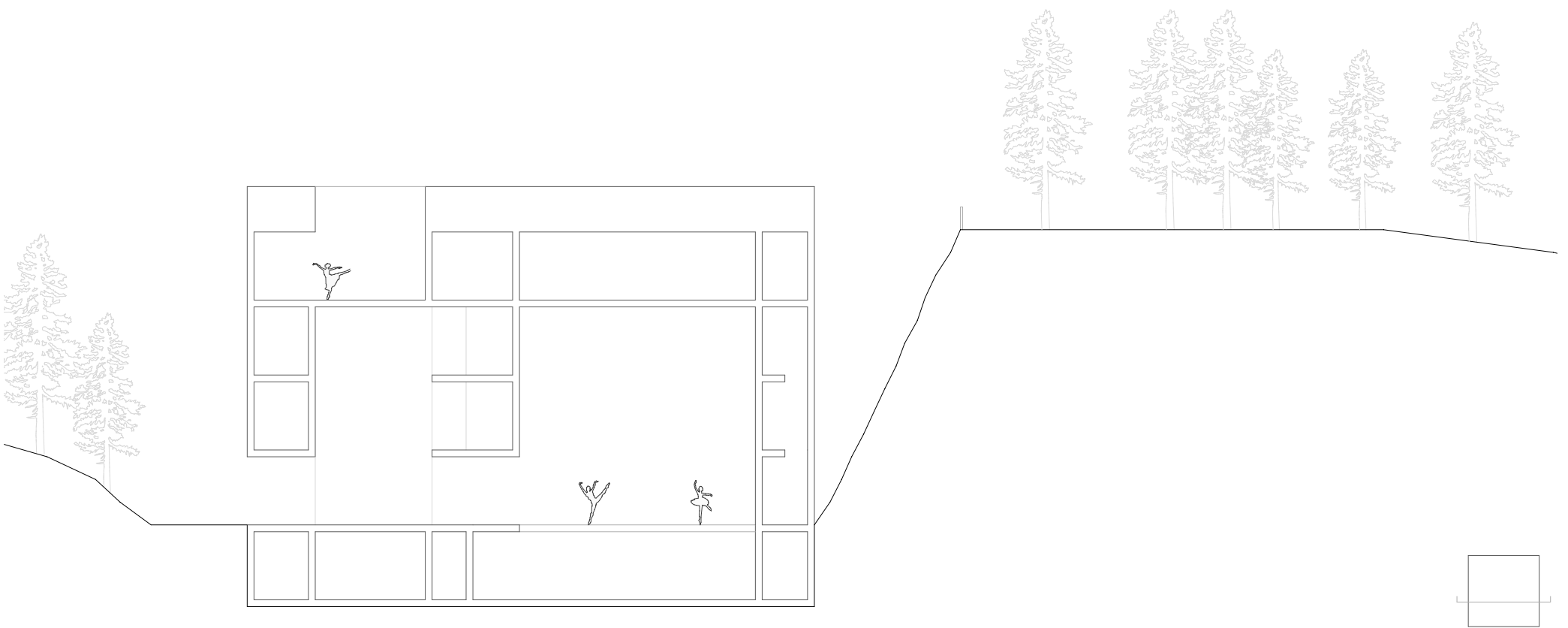


Fig. 104

CORTE | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
FOYER E ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO . ESC. 1/250

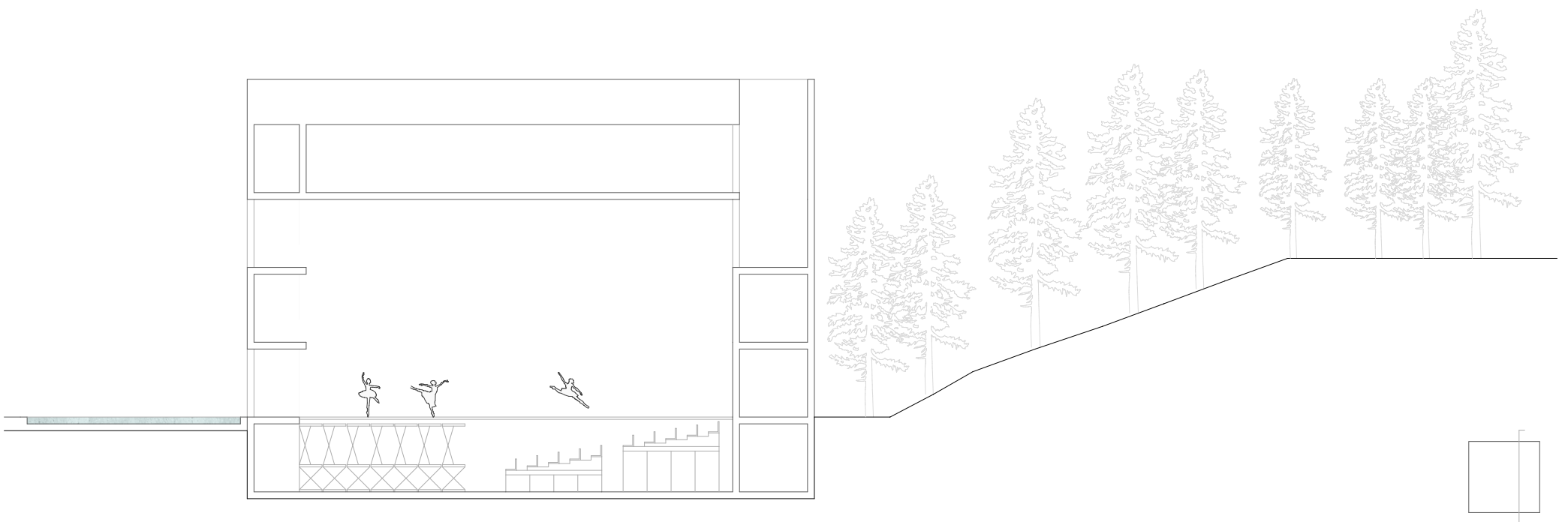
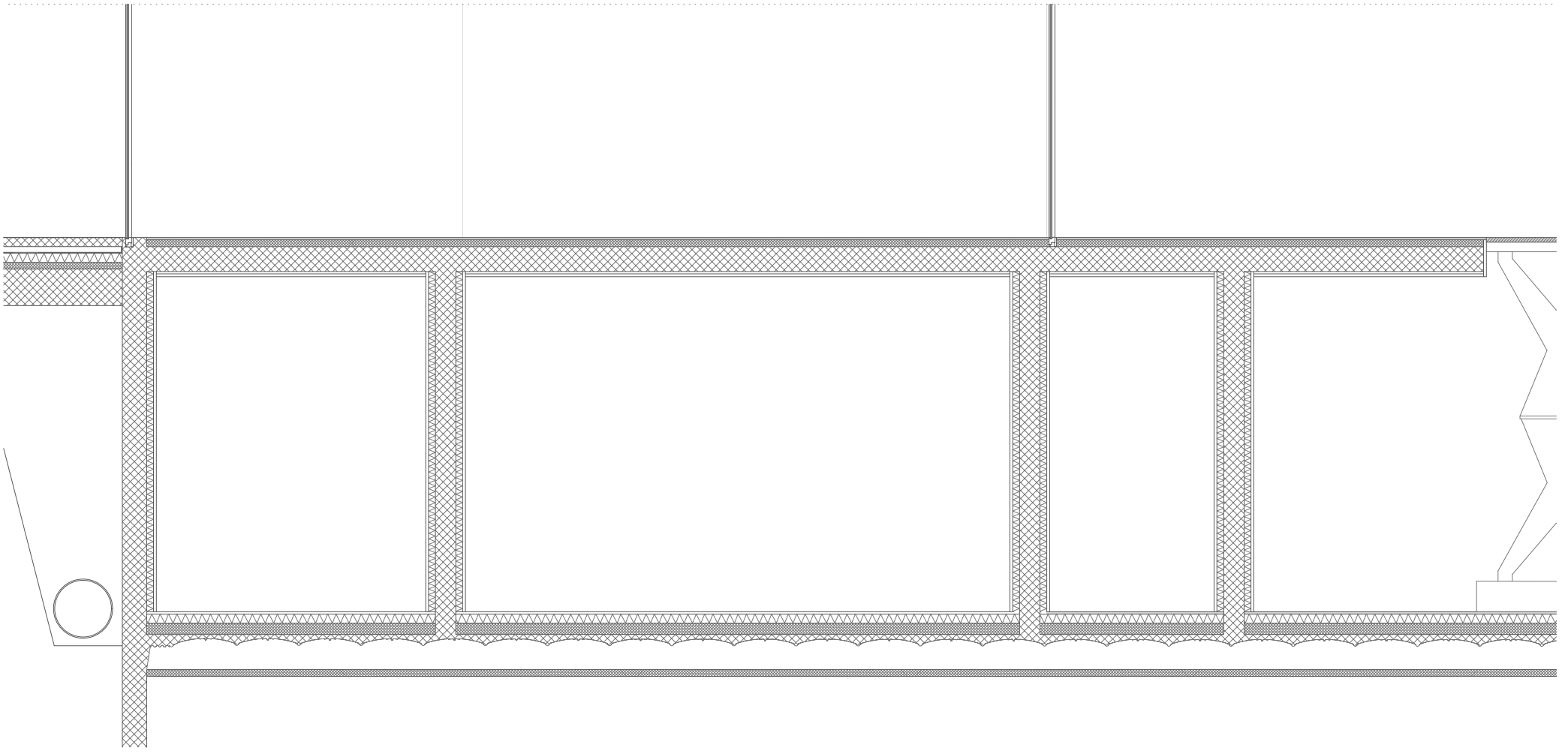
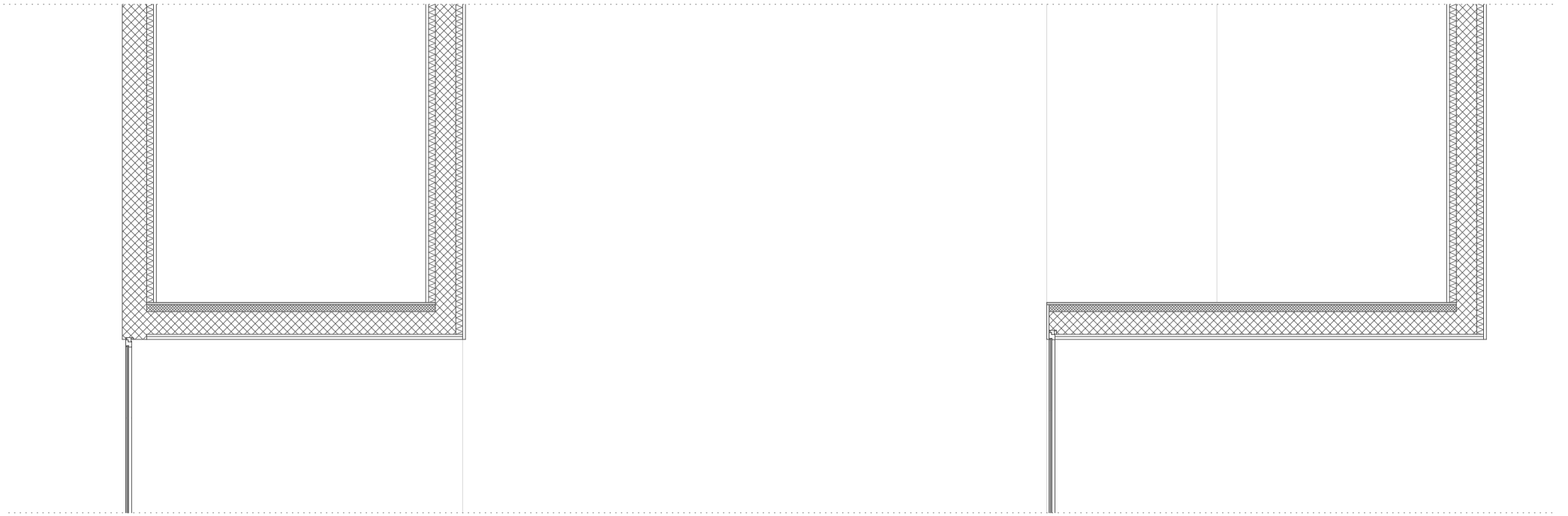
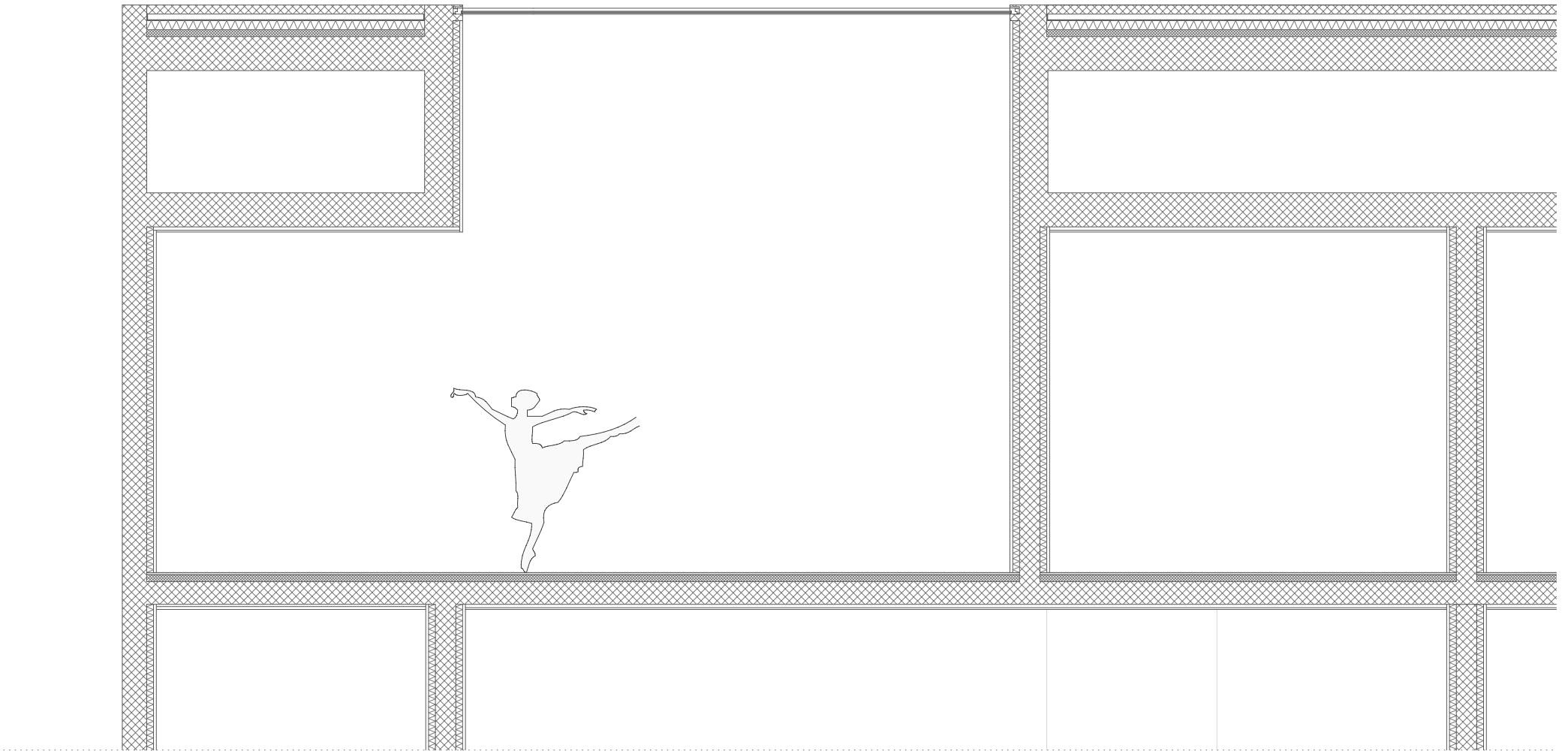


Fig. 105

CORTE | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO INTERIOR E EXTERIOR . ESC. 1/250



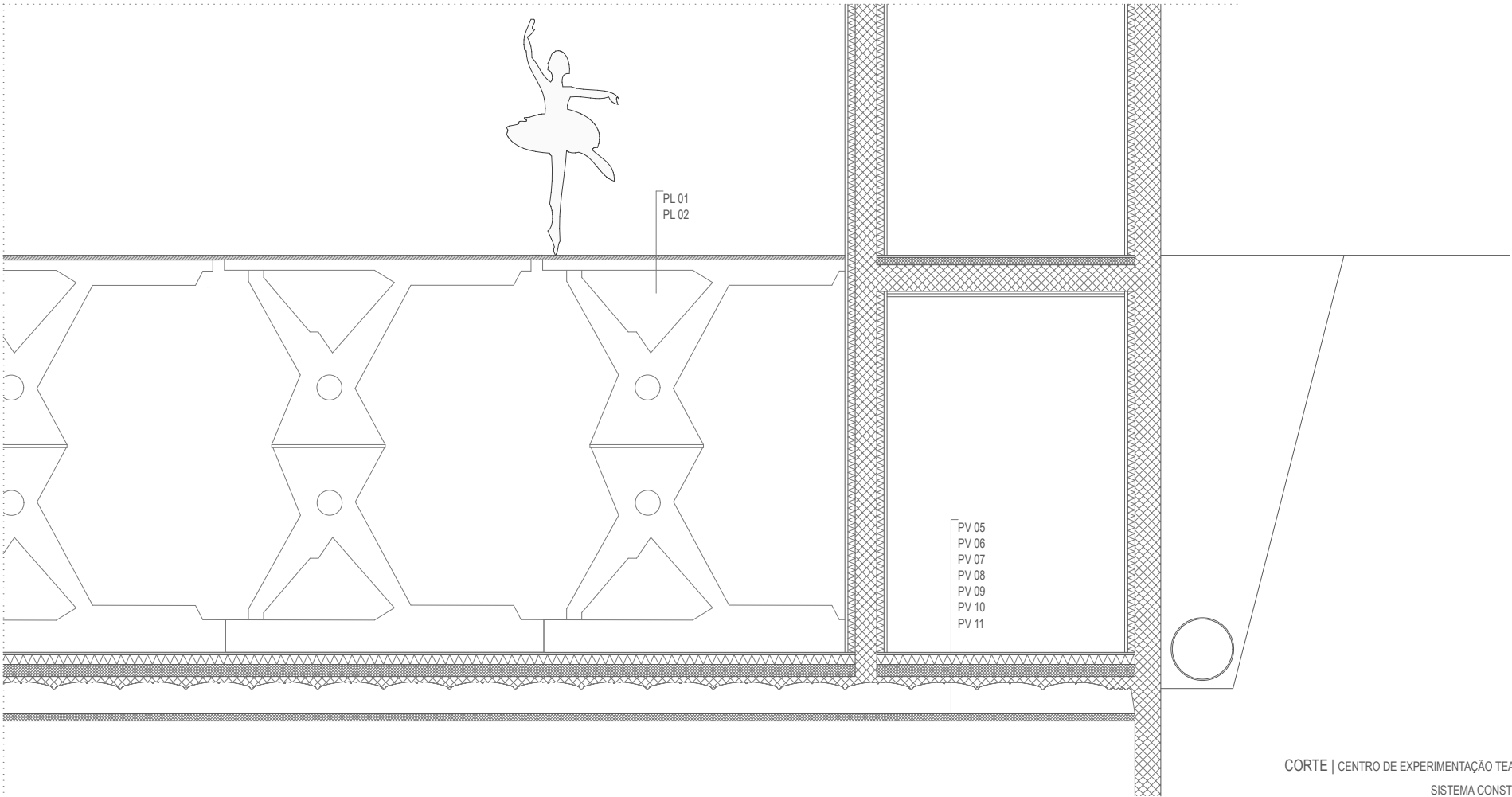
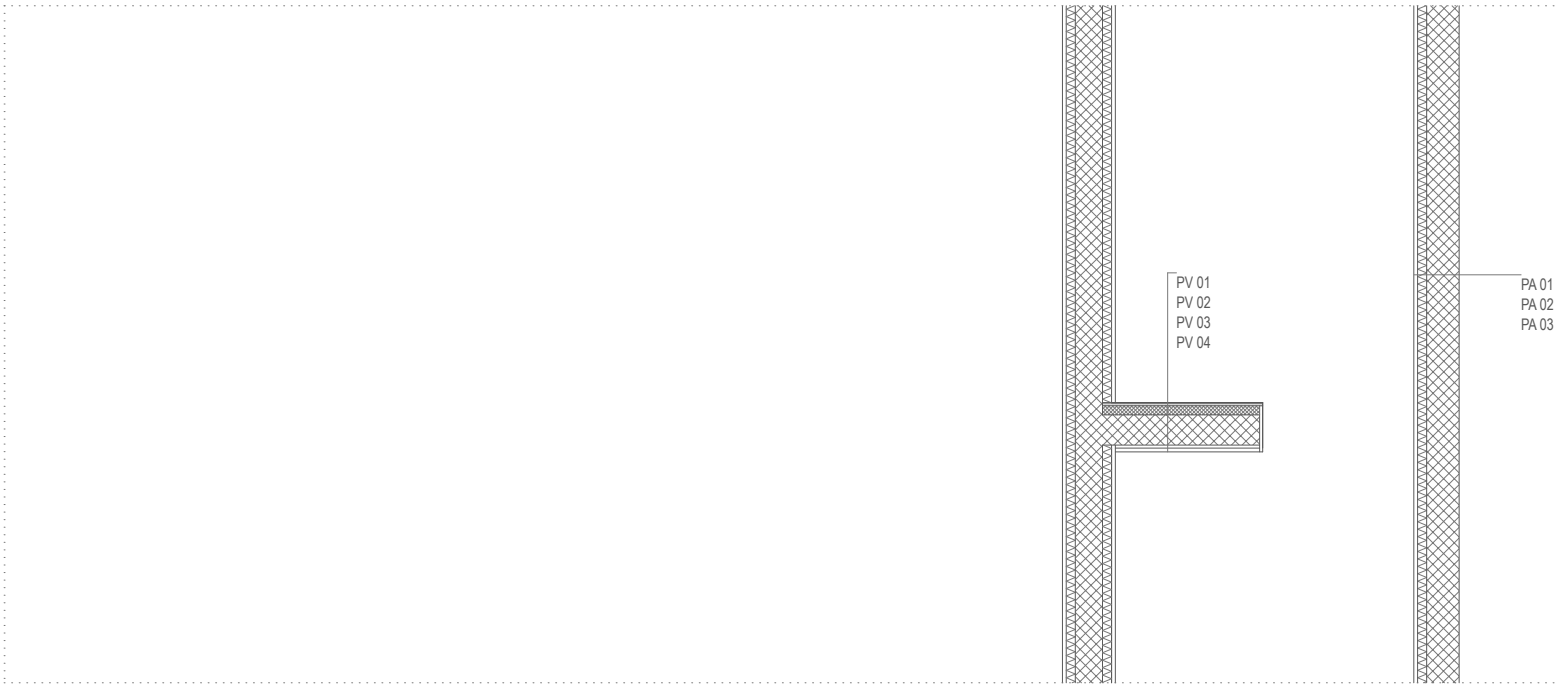


Fig. 106
CORTE | CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO TEATRAL GIL VICENTE
SISTEMA CONSTRUTIVO . ESC. 1/50

LEGENDA DO CORTE CONSTRUTIVO:

- COBERTURA
- CB 01 . LAJE DE BETÃO . 80 MM
- CB 02 . BUZON PEDESTAL
- CB 03 . IMPERMEABILIZAÇÃO COM TELAS BETUMINOSAS, CADA 8 MM
- CB 04 . ISOLAMENTO TÉRMICO . FLOORMATE . 80 MM
- CB 05 . CAMADA DE FORMA E REGULARIZAÇÃO, COM PENDENTE DE 2%
- CB 06 . LAJE ESTRUTURAL DE BETÃO ARMADO, COM COFRAGEM PERDIDA
- CB 07 . LAJE ESTRUTURAL DE BETÃO ARMADO, COM TRATAMENTO DE PROTECÇÃO PELO INTERIOR DE FILMES DE SILICONE
- CB 08 . PLACA DE GESSO CARTONADO 15 MM COM ESTRUTURA METÁLICA
- PAVIMENTO
- PV 01 . MICRO BETÃO AFAGADO
- PV 02 . CAMADA DE FORMA E REGULARIZAÇÃO, COM PENDENTE DE 2%
- PV 03 . LAJE ESTRUTURAL DE BETÃO ARMADO
- PV 04 . PLACA DE GESSO CARTONADO 15 MM COM ESTRUTURA METÁLICA
- PV 05 . MICRO BETÃO AFAGADO
- PV 06 . ISOLAMENTO TÉRMICO . FLOORMATE . 80MM
- PV 07 . CAMADA DE FORMA E REGULARIZAÇÃO, COM PENDENTE DE 2%
- PV 08 . LAJE ESTRUTURAL DE BETÃO ARMADO
- PV 09 . VAZIO SANITÁRIO . TIPO CUPOLEX
- PV 10 . BETÃO DE LIMPEZA
- PV 11 . TOUT VENANT
- PAREDE
- PA 01 . PLACA DE GESSO CARTONADO . 2 * 12,5 MM
- PA 02 . ISOLAMENTO TÉRMICO . FLOORMATE . 40MM
- PA 03 . PAREDE DE BETÃO ARMADO
- PALCO
- PL 01 . PAVIMENTO DE MADEIRA
- PL 02 . HIDRÁULICO DE ELEVAÇÃO

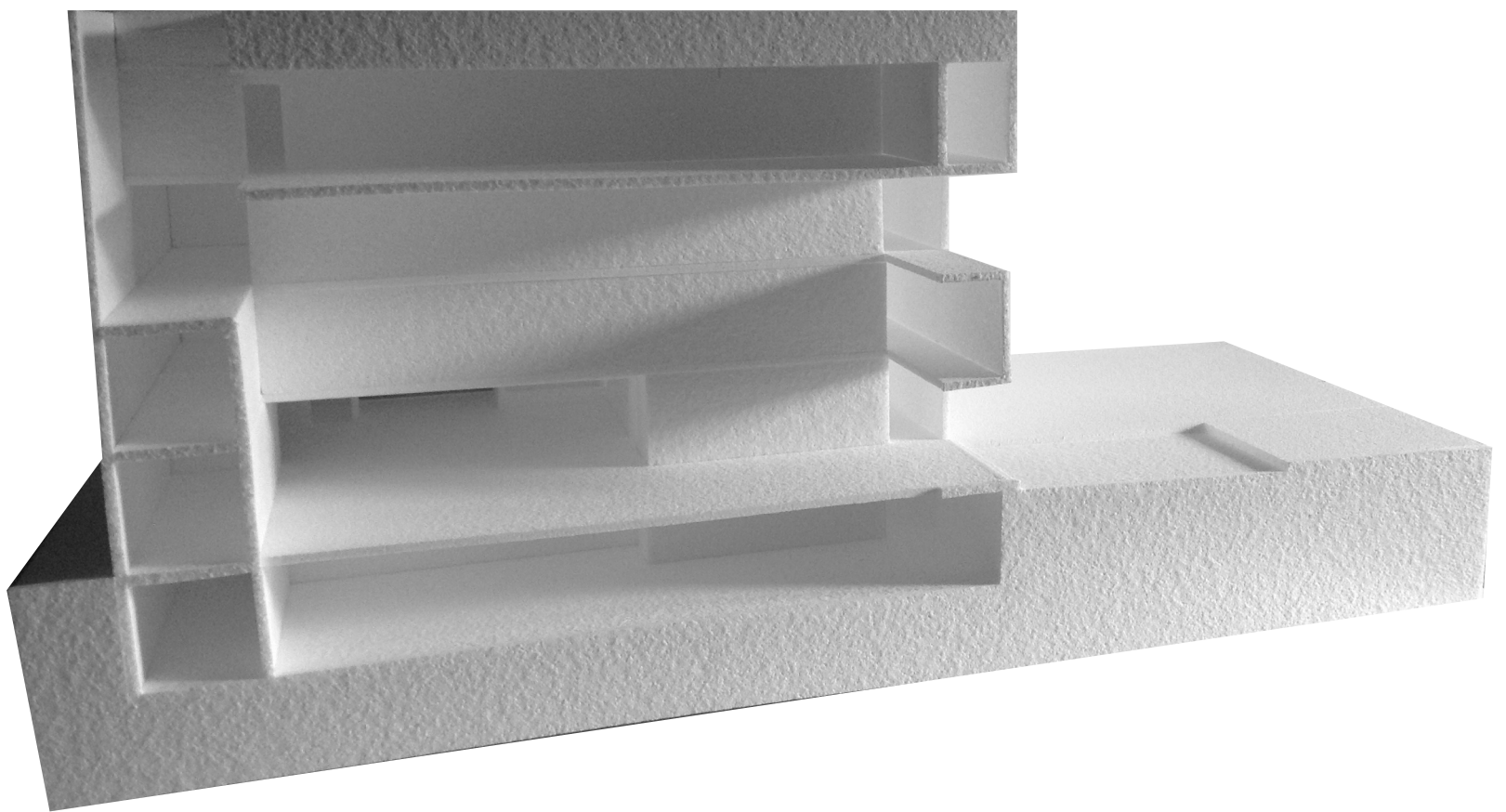


Fig. 107
FOTOGRAFIA DA MAQUETA

ÍNDICE DE IMAGENS

016 Fig. 01 | José Rosa . Lisboa e o Tejo . Lisboa, 2010 . Pintura em aguarela . Disponível em <http://jrosafotos.blogspot.pt/2010/06/lisboa-e-o-tejo.html>

018 Fig. 02 | Paulo Guedes . O Passeio dos Arcos do Aqueduto das Águas Livres . Lisboa, 1912. Retirado de Lisboa e o Aqueduto . Lisboa, 1997 . P. 81.

020 Fig. 03 | Autor desconhecido . Interior do Aqueduto Aqua Appia . Roma, 2010. Disponível em <http://www.espiraistempo.com.br/2010/04/arquitetura-romana-o-aqua-appia.html>

020 Fig. 04 | Renata Cabrera Frozi . Aqueduto de Segóvia . Espanha, 2010 . Disponível em http://www.flickr.com/photos/re_bep/5367356640/sizes/o/in/photolist-9bi78J-x77to-4i9wpf-7Z42zC-7o2cFK-bbrT4H-bbrSSk-bbrSMr-bbrSEg-bbrSxB-5oLa5T-aGnRpx-aGnQax-aGnPVR-aGnRE4-aGnQor-aGnPPZ-aGnQYn-aGnQgr-aGnRWT-aGnRMB-aGnNxn-aGnPbv-aGnNGH-aGnNua-aGnNqn-aGnRHK-aGnRS8-aGnPFD-aGnPoZ-aGnS1k-aGnRjD-aGnP7c-aGnR2H-aGnQCg-aGnQUt-aGnNCa-aGnQsH-aGnPT8-aGnQGc-aGnQQK-aGnQjk-aGnQK8-aGnNkK-aGnNL8-aGnRfM-aGnQy2-aGnPiX-aGnRag-aGnPze-aGnRy2/

020 Fig. 05 | Adilson Faltz . Aqueduto de Segóvia . Espanha, 2007 . Disponível em http://www.flickr.com/photos/adilson_faltz/1132035905/sizes/o/in/photolist-2J2YQr-2J2LXk-2J2RQZ-5yAy7-4RtBvK-5ov8rx-9g4EwZ-9g4Esz-9g7LEW-9g7Mi5-9g7LL7-9g4Epk-9g4Eig-r8gPR-aH7Sei-eCXPP-9mzeHV-YBXwy-4RtaRi-4RtbxM-drxZ7M-3auEu4-5oLaWV-6zewyk-4EUaYu-7BQSuc-7BUDiL-8KLuCJ-e4f6rR-d43Z1-7FHwyZ-5oL8TM-5ozAUJ-38bRPR-38bVVn-38bLYp-5ozKSy-5oQywn-5oQaZ1-4pKU7-5ovx1H-5ovjjT-7kFL1u-7kFPUC-7kFMeY-7kBRNH-vgts7-XGQBs-8Zz1VX-5oKRqa-5oKShH/

021 Fig. 06 | Marta Rodrigues . Aqueduto de Pegões . Tomar, 2006 . Disponível em <http://www.flickr.com/photos/martazeitona/3295347584/sizes/o/in/photolist-62cw2E/>

021 Fig. 07 | António Passaporte . Aqueduto da água de Prata . Évora, 1940/1960. Disponível em <http://viverevora.blogspot.pt/2012/08/evora-perdida-no-tempo-aqueduto-da-agua.html>

022 Fig. 08 | Ana Catarina Graça . Água Livre em Belas . Lisboa, 2013.

023 Fig. 09 | Autor desconhecido . Panorâmica de Lisboa . Olissipo, 1598. Gravura Dimensão 360 mm X 470 mm . Disponível em <http://www.museudacidade.pt/Colecoes/Gravura/Paginas/Panoramica-de-Lisboa.aspx>

023 Fig. 10 | Autor desconhecido . Traçado das muralhas de Lisboa . Lisboa, 1892 . Disponível em <http://purl.pt/1524/3/>

024 Fig. 11 | Eduardo Portugal . Chafariz d’El Rei . Lisboa, 1951 . Disponível em <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=1333>

024 Fig. 12 | Joshua Benoliel . Aguadeiros no Chafariz de Dentro . Lisboa, 1907 . Arquivo Municipal de Lisboa . Disponível em http://revelarlx.cm-lisboa.pt/fotos/gca/1231941428a21712dentro_sml.jpg

024 Fig. 13 | Pedro Caetano . Aqueduto da Amoreira . Elvas, 2008 . Disponível em <http://www.flickr.com/photos/pedrocaetano/3750000196/sizes/o/in/photolist-6HnJpN-5xdWAD-7ZpZXE-cdFeab-dwCF2U-dHW4nt-6qhCAw-exQnE-7gBHxm-6Sj6An-6qdtNe-dy6JPm-dfy7in-gCMS9-ce8Kqs-eWsvhM-3qvKZx-3qzR9N-8sSxLW-dmwMoN-eWEe3j-7gBHyY-3qvFCp-eXk7P5-7gxLNk-aHAurg-dZiyxA-6JKuZX-3bSJqB-7pDNfF-8T8JXm-cr7uAS-cr7ugC-cr7tys-7yErSJ-8Ajzw8-8AjzW8-8AnDDA-dZbrfZ-covrKy-dZhbJE-6ejoQh-4c9W1B-eNKuWw-8AjwPZ-8Ajxq8-8AnBg7-KRB5f-KRM1v-6CL9S7-NZ7Yx/>

026 Fig. 14 | Carlos Mardel . Planta das Amoreiras . Retirado de D. João V e o Abastecimento de Água Lisboa. Lisboa, 1990. P. 70.

026 Fig. 15 | Carlos Mardel . Planta da Mãe de Água . Retirado de D. João V e o Abastecimento de Água Lisboa. Lisboa, 1990. P. 76.

030 Fig. 16 | Adrià Goula . Praça Major . Espanha, Banyoles, 2012. Disponível em http://3.bp.blogspot.com/-CBQ2sWdp6to/UIKkBnaxgqI/AAAAAAAIJQ/IO7L-CCwNcU/s1600/pla%25C3%25A7a+major_4.jpg

032 Fig. 17 | Joshua Benoliel . Chafariz da Esperança . Lisboa, 1907 . Disponível em <http://tintinae.blogspot.pt/2013/05/falta-dinheiro-mas-agua-nao.html>

034 Fig. 18 | Ana Catarina Graça . Chafariz d’El Rei . Lisboa, 2013.

034 Fig. 19 | Joshua Benoliel . Chafariz d’El Rei . Lisboa, 1907 . Disponível em http://c3.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/bd50469d7/7022067_cU5Y5.jpeg

035 Fig. 20 | Adrià Goula . Chafariz Praça do Teatro . Espanha, Banyoles, 2012 . Disponível em http://3.bp.blogspot.com/-rN6g2YBnmDE/UIKj1miavul/AAAAAAAIHw/0ZuYNEMXZro/s1600/pla%25C3%25A7a+del+teatre_1.jpg

036 Fig. 21 | Marina Fernandes . Aqueduto de Segóvia . Espanha, 2008 . Disponível em <http://www.flickr.com/photos/marinafs/2359850988/sizes/o/in/photolist-4AwRu1-doiBzA-4YbzRj-6h4HW9-6UVEVD-KsTLw-aSvF4B-f2SieG-27A4Dm-8ZC7Nu-4Aszit-sWEFH-6KxYZk-4ajLgQ-au5mJ5-63GowR-21PDne-4591DP-8Zz1tt-5xKDfw-4wFVDz-9fNSQu-9KdnYL-o2hEC-21PDmt-8Bk9ZS-7Yuh9r-8Bk9ZL-9PFKkU-63LDHY-vJR73-vJRom-vJRtT-vJQUC-63GoPX-63Gpy4-63LD5s-63LCQ3-63LCMA-63Gp3V-63GokD-63Gp7k-63LD2b-63LCBs-63LDDG-63LCwY-63LDyf-63Gohn-6xedCf-63GoAz-63LCys/>

038 Fig. 22 | Alison e Peter Smithson . “Urban Re-Identification . Aix-en-Provence, 1953 . Disponível em <http://schatkamer.nai.nl/en/projects/stedelijke-heridentificatie>

038 Fig. 23 | Ana Catarina Graça . Habitar o Aqueduto . Lisboa, 2013.

039 Fig. 24 | Inês . Aqueduto da Água de Prata . Évora, 2010 . Disponível em <http://www.flickr.com/photos/53207007@N00/5252785332/sizes/o/in/photolist-91aU5m-dM9UoK-d85dCU-dM9Uyz-MfyEc-aixbDs-MfyEv-Jp47e-dM9UU2-dM9UCT-cRcUFL-cRcZ2q-cRcZi1-4uWyVr-4v1E9w-4uWAsX-4uWByk-4uWzcD-4uWAhF-4uWB5F-4v1Fih-4uWzMH-czyC73-4v1ERd-4v1CGA-4v1DRY-4v1Dqh-4v1BzL-4v1D17-4uWA2P-4v1FcG-4uWxHc-4uWAAR-4uWAJK-4uWypD-4v1Fqf-4v1BYo-4uWziB-4v1Cwo-4v1DzA-4uWxPR-4uWBGD-4v1Cbh-9joqv5-e7D3uN-4v1Azj-4uWxpD-4uWwFk-4v1AaY-4uWwoX-4uWwh6/>

039 Fig. 25 | Andrea Gropello . Planta Geral de Évora e da Malagueira . Retirado de Álvaro Siza: Bairro de la Malagueira, Évora . Barcelona, 1997. P. 20.

039 Fig. 26 | Autor desconhecido . El Recorrido porticado del sector norte . Évora . Retirado de Álvaro Siza: Bairro de la Malagueira, Évora . Barcelona, 1997. P. 27.

040 Fig. 27 | Adrià Goula . Praça Major . Espanha, Banyoles, 2012. Disponível em <http://www.ondiseno.com/proyecto.php?id=1864>

040 Fig. 28 | Adrià Goula . Praça da Fonte . Espanha, Banyoles, 2012. Disponível em http://2.bp.blogspot.com/-4263ypb-i3Q/UIKj1gxFFSI/AAAAAAAAIHs/gI2XsHmJf0c/s1600/pla%25C3%25A7a+de+la+font_4.jpg

041 Fig. 29 | Josep Miàs . Planta de localização e intervenção . Espanha, Banyoles . Disponível em <http://parq001.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/06/1307550807-banyoles-site-plan-01-1000x706.jpg>

041 Fig. 30 | Adrià Goula . Praça Major . Espanha, Banyoles, 2012. Disponível em http://3.bp.blogspot.com/-4sa7VU4awgM/UIKj_8r6YfI/AAAAAAAAIJA/ZKe9MupjzBw/s1600/pla%25C3%25A7a+major_2.jpg

041 Fig. 31 | Adrià Goula . Praça Major . Espanha, Banyoles, 2012. Disponível em <http://hicarquitectura.com/2012/10/4835/>

041 Fig. 32 | Adrià Goula . Praça da Fonte . Espanha, Banyoles, 2012. Disponível em <http://hicarquitectura.com/2012/10/4835/>

044 Fig. 33 | Pina . Água e Corpo . 2011 . Documentário . Disponível em http://www.empirebio.dk/Files/Billeder/Pina/PIN_7434.jpg

046 Fig. 34 | Lawrence Alma – Tadema . “Favourite Custom” . 1909 . Óleo sobre tela, Dimensão 66,1 X 45 cm . Disponível em <http://www.wikipaintings.org/en/sir-lawrence-alma-tadema/a-favourite-custom-1909#close>

047 Fig. 35 | Paulo Ossião . Meninas no Café . 2004 . Aguarela, Dimensão 39 X 29 cm . Disponível em http://www.palpura.pt/docs/exposicoes_obra.php?ordemQuadroExpo=712

048 Fig. 36 | Autor desconhecido . Termas de Caracalla . Disponível em <http://www.viajejet.com/wp-content/viajes/Plano.jpg>

049 Fig. 37 | Cinthya . Hamman Al Andalus . Granada, 2012 . Disponível em <http://consultoriodeafrodite.blogspot.pt/2012/01/hammam-o-tradicional-banho-arabe.html>

049 Fig. 38 | Jean – Léon Gérôme . Grande piscine de Brousse . Óleo sobre tela, Dimensão 70 X 96,5 cm1885 . Disponível em <http://www.epdlp.com/cuadro.php?id=2286>

050 Fig. 39 | Autor desconhecido . Planta do “Balneário Público” das “Alcaçarias do Duque” das Alcaçarias do Duque . Lisboa, 1984. Disponível em http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2010_05_01_archive.html

050 Fig. 40 | Autor desconhecido . Planta do “Balneário Público” dos “Banhos do Doutor” . 1894 . Disponível em http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2010_05_01_archive.html

051 Fig. 41 | Mário Novais . Banhos de São Paulo . Lisboa, não datada . Disponível em <http://www.flickr.com/photos/biblarte/3024922470/sizes/o/in/photostream/>

051 Fig. 42 | Eduardo Portugal . Alcaçarias do Duque . Lisboa, 1951 . Disponível em http://aps-ruasdelisboacomhistreria.blogspot.pt/2010_05_01_archive.html

052 Fig. 43 | Tiago Oliveira . Espaço de água no interior . Vals, 2007. Disponível em <http://www.flickr.com/photos/olotini/465105584/sizes/o/in/photolist-H6MFN-H6Tr8-H6GyL-dSxZfD-dSDxoJ-7knoSq-bkUSqA-7knpaN-6CAqhS-7kiv2K-6CwbiV-314aPR-314bGR-318J7L-emYYto-4hEocz-65rXWF-5ECiJ9-H6TH2-7oz2r9-auvtFx-5Zy5ik-dQeRkK-318KCm-4rwsfR-4pjXFT-4FUJvn-4FUJAV/>

052 Fig. 44 | Autor desconhecido . Acesso interior . Vals, 2010 . Disponível em <http://pensaforadacaixa.blogspot.pt/2010/03/termas-de-vals.html>

053 Fig. 45 | Martin Loretz . Vila de Vals . Alpes Suíços . Disponível em <http://en.graubuenden.ch/region/vals-summer.html?actSeason=1>

053 Fig. 46 | Rudas Thermal Bath. 1550 . Retirado de A Piscina de Marés e as Termas de Vlas: Por uma recuperação da experiência. Coimbra, 2012. P. 118.

054 Fig. 47 | Autor desconhecido . Interior das termas . Disponível em <http://fotos.sapo.pt/blogsapo/fotos/?uid=bK6FYpZV2zlPCViHURQQ#grande>

054 Fig. 48 | Igor Fracalossi . Piscina Externa . Vals, 2011 . Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/termas-de-vals-peter-zumthor/1721170689_outdoor-pool2/

055 Fig. 49 | Tiago Oliveira . Espaço de Descanso . Vals, 2007 . Disponível em <http://www.flickr.com/photos/olotini/465088128/sizes/o/in/photolist-H6GuQ-H6MWy-H6Gcy-H6J46-H6N4W-H6NdL-H6Pq2-H6SjL-H6HG2-H6GrG-H6G7m-H6GfQ-H6MNo-H6HKe-H6MKo-H6N2w-H6MFN-H6Tr8-H6GyL-dSxZfD-dSDxoJ-7knoSq-bkUSqA-7knpaN-6CAqhS-7kiv2K-6CwbiV-314aPR-314bGR-318J7L-emYYto-4hEocz-4pp17Y-65rXWF-5ECiJ9-H6TH2-7oz2r9-auvtFx-5Zy5ik-7H5hJM-dQeRkK-6QZFfi-318Kcm-4rwsfR-4pjXFT-4FUJvn-aWUAXx-aWUzHX-aWUA7T-aWUBjx-aWUAwn/>

055 Fig. 50 | Igor Fracalossi . Planta do piso dos Banhos . Disponível em http://www.archdaily.com.br/br/01-15500/classicos-da-arquitetura-termas-de-vals-peter-zumthor/15500_15775

056 Fig. 51 | Pina . Água no espaço teatral . 2011 . Documentário . Disponível em http://www.empirebio.dk/Files/Billeder/Pina/PIN_6240.jpg

057 Fig. 52 | Adolphe Appia . As Traquínias . 1933 . Disponível em http://2.bp.blogspot.com/_Wi_Id3qShhY/Sk0NXUcdv-I/AAAAAAAAAO0/IMzSXVCIUZs/s1600-h/siracusa.JPG

057 Fig. 53 | Adolphe Appia . Espace Rythmique . Retirado de Arquitectura e espaço cénico – Um percurso biográfico. Coimbra, 2008 . P. 121.

058 Fig. 54 | Daniel Libeskind . Museu Judaico . Retirado de Arquitectura e espaço cénico – Um percurso biográfico. Coimbra, 2008 . P. 130.

058 Fig. 55 | Autor desconhecido . Museu Judaico de Daniel Libeskind . Vermelhos, Negros e Ignorantes . Edward Bond, encenação de Paulo Castro . Porto, 1998. Retirado de Arquitectura e espaço cénico – Um percurso biográfico. Coimbra, 2008 . P. 130.

059 Fig. 56 | Autor Desconhecido . Pedreira como Cenografia . “Divina Comédia” . Peça de Teatro . Vila Viçosa, 2012. Disponível em <http://www.radiocampanario.com/r/images/dins.jpg>

059 Fig. 57 | Marca D’Água . Peça de teatro escrita por Mauricio Arruda de Mendonça e Paulo de Moraes . São Paulo, 2013. Disponível em http://www.escriitoriodearterio.com.br/blog/wp-content/uploads/2013/01/marca_dagua-2.jpg

060 Fig. 58 | Alceu Bett . Pedro e Inês . Cenografia e arquitectura de João Mendes Ribeiro . Lisboa, 2012 . Disponível em http://adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/07/1341632278_03_pedro_e_in_s_alceu_bett.jpg

060 Fig. 59 | Alceu Bett . Pedro e Inês . Cenografia e arquitectura de João Mendes Ribeiro . Lisboa, 2012 . Disponível em http://adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/07/1341632249_02_pedro_e_in_s_alceu_bett.jpg

061 Fig. 60 | Alceu Bett . Pedro e Inês . Cenografia e arquitectura de João Mendes Ribeiro . Lisboa, 2012 . Disponível em http://adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/07/1341632231_01_pedro_e_in_s_alceu_bett.jpg

061 Fig. 61 | João Mendes Ribeiro . Pedro e Inês . Cenografia e arquitectura de João Mendes Ribeiro . Lisboa, 2003 . Retirado de Arquitectura e espaço cénico – Um percurso biográfico. Coimbra, 2008 . P. 330.

061 Fig. 62 | Autor Desconhecido . Planta . Pedro e Inês . Cenografia e arquitectura de João Mendes Ribeiro . Lisboa, 2003 . Retirado de Arquitectura e espaço cénico – Um percurso biográfico. Coimbra, 2008 . P. 515.

068 Fig. 63 | Ana Catarina Graça . Cidade | Aqueduto . Lisboa, 2013.

070 Fig. 64 | Ana Catarina Graça . Planta Estratégia Geral . Lisboa, 2013.

074 Fig. 65 | Ana Catarina Graça . Planta de Estratégia - Grande Escala . Lisboa, 2013.

075 Fig. 66 | Ana Catarina Graça . Jardim das Amoreiras . Lisboa, 2013.

075 Fig. 67 | Teresa Sousa . Reservatório de Água . Lisboa, 2011. Disponível em <http://daua4urbe.blogspot.pt/2011/12/campo-de-golfe-das-amoreiras.html>

- 075** Fig. 68 | Ana Catarina Graça . Calçada da Quintinha . Lisboa, 2013.
- 075** Fig. 69 | Ana Catarina Graça . Passeio dos Arcos . Lisboa, 2013.
- 078** Fig. 70 | Ana Catarina Graça . Planta da Estratégia – Pequena Escala. Lisboa, 2013.
- 079** Fig. 71 | Silva Pinto . Planta topográfica de Lisboa. Lisboa, 1904-1911. Retirada de Bairro da Liberdade: Uma abordagem sobre Habitação Degradada e Realojamento. Lisboa, 2010. P. 19.
- 079** Fig. 72 | Ana Catarina Graça . Diagrama . Lisboa, 2013.
- 080** Fig. 73 | Ana Catarina Graça . Eixo de Intervenção . Lisboa, 2013.
- 080** Fig. 74 | Ana Catarina Graça . Eixo de circulação do autocarro . Lisboa, 2013.
- 081** Fig. 75 | Ana Catarina Graça . Equipamentos Públicos no Eixo de Intervenção . Lisboa, 2013.
- 081** Fig. 76 | Ana Catarina Graça . Intervenção no Bairro . Lisboa, 2013.
- 082** Fig. 77 | Ana Catarina Graça . Planta de Intervenção no Espaço Público . Lisboa, 2013.
- 086** Fig. 78 | Ana Catarina Graça . Diagrama | Intervenção nos Bairros . Termas . Lisboa, 2013.
- 088** Fig. 79 | Ana Catarina Graça . Axonometria . Lisboa, 2013.
- 089** Fig. 80 | Ana Catarina Graça . Fotomontagem . Lisboa, 2013.
- 089** Fig. 81 | Ana Catarina Graça . Fotomontagem . Lisboa, 2013.
- 090** Fig. 82 | Ana Catarina Graça . Planta | Termas do Parque . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.
- 090** Fig. 83 | Ana Catarina Graça . Alçado | Termas do Parque . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.
- 090** Fig. 84 | Ana Catarina Graça . Corte | Termas do Parque . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.
- 092** Fig. 85 | Ana Catarina Graça . Corte | Termas do Parque | Sistema Construtivo . Esc.1/50 . Lisboa, 2013.

- 093** Fig. 86 | Ana Catarina Graça . Corte | Balneário . Tanque . Caldarium . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.
- 093** Fig. 87 | Ana Catarina Graça . Corte | Acesso ao Tanque Principal . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.
- 093** Fig. 88 | Ana Catarina Graça . Corte | Balneário . Tanque . Balneário . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.
- 093** Fig. 89 | Ana Catarina Graça . Corte | Passagem sobre os tanques . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.
- 095** Fig. 90 | Ana Catarina Graça . Fotografia da Maqueta . Lisboa, 2013.
- 096** Fig. 91 | Ana Catarina Graça . Diagrama | Intervenção nos Bairros . Teatro . Lisboa, 2013.
- 098** Fig. 92 | Ana Catarina Graça . Axonometria . Lisboa, 2013.
- 099** Fig. 93 | Ana Catarina Graça . Fotomontagem . Espaço de Trabalho . Lisboa, 2013.
- 099** Fig. 94 | Ana Catarina Graça . Fotomontagem . Foyer . Lisboa, 2013.
- 100** Fig. 95 | Ana Catarina Graça . Planta | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Piso -1 . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.
- 100** Fig. 96 | Ana Catarina Graça . Planta | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Piso 0 . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.
- 100** Fig. 97 | Ana Catarina Graça . Planta | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Piso 1 . Esc. 1/500
- 101** Fig. 98 | Ana Catarina Graça . Planta | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Piso 2 . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.
- 101** Fig. 99 | Ana Catarina Graça . Planta | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Piso 3 . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.

102 Fig. 100 | Ana Catarina Graça . Planta | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Acesso ao Teatro a partir da praça . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.

102 Fig. 101 | Ana Catarina Graça . Corte | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Corte pelo acesso a praça . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.

104 Fig. 102 | Ana Catarina Graça . Planta | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Cobertura . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.

104 Fig. 103 | Ana Catarina Graça . Alçado | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.

106 Fig. 104 | Ana Catarina Graça . Corte | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Foyer e Espaço de representação. Esc. 1/500 . Lisboa, 2013.

106 Fig. 105 | Ana Catarina Graça . Corte | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente . Espaço de representação interior e exterior . Esc.1/500 . Lisboa, 2013.

108 Fig. 106 | Ana Catarina Graça . Corte | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente | Sistema Construtivo . Esc.1/50 . Lisboa, 2013.

111 Fig. 107 | Ana Catarina Graça . Fotografia da Maqueta . Lisboa, 2013.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Douglas Vieira de. Alma Espacial. *ARQtexto* Em Linha. Nº 3-4 (2003), p. 84-91. Consult. 24 Jun. 2013. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/22153>

AGUIAR, Douglas Vieira de. Espaço, Corpo e Movimento: notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitectura. *ARQtexto* Em Linha. Nº 8 (2006), p. 74-95. Consult. 24 Jun. 2013. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/22238>

ANTONIO, Victor Sá Ramalho. *O Fenómeno dos Banhos Públicos e os Casos Pompeianos* Em Linha. p. 1-13. Consult. 10 Jun. 2013. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dh/leir/marenostrum/marenostrum-v1-2009/marenostrum-ano1-vol1-p99-111.pdf>

Autor Desconhecido. *Arquitectura Romana*. Lisboa: Paralelo Editora, Lda. Colecção Manuais PET. 93 p. ISBN 972-707-367-0.

AZEVEDO, Clara; VASCONCELOS, Lucia. *Termas Portuguesas*. Lisboa: Edições INAPA, 1995. ISBN 972-9019-83-5. P. 5-22.

BARONE, Ana Cláudia Castilho. *Team 10: arquitectura como crítica*. Brasil: ANNABLUTIE EDITORA, 2002. 199 p. ISBN 85-7419-273-2.

CABRAL, Cláudia Piantá Costa. Arquitectura, Arte, Espaço Público: o projecto como reconstrução do lugar. *ARQtexto* Em Linha. Nº 8 (2006), p. 42-57. Consult. 24 Jun. 2013. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/22236>

CASTELO – BRANCO, Fernando. *Lisboa Seiscentista*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. ISBN 972-24-0793-7. P. 97-103.

DUDEQUE, Norton. O Drama Wagneriano e o papel de Adolphe Appia em suas transformações cênicas. *FAP* Em Linha. Nº 1, vol. 4 (2009), p. 1-16. Disponível em http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos2009/Pesquisa/Rev_cientifica4/artigo_Norton_Dudeque.pdf

FRAMPTON, Kenneth. Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica. Trad. André Martins Barata. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. 78 p. Tít. Orig.: *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in the Nineteenth and Twentieth Century*. ISBN 972-8305-62-1.

GIEDION, Sigfried. *Mechanization Takes Command, a contribution to anonymous history*. New York: Oxford University Press, 1948. ISBN 0-393-00489-9. P. 628-714.

GRAÇA, Isabel. *Marcial e os Banhos em Roma* Em Linha. p. 1-13. Consult. 10 Jun. 2013. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas56/07_-_Isabel_Grac_a.pdf

HOLANDA, Francisco de. VI: Da Água Livre. In: *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984. P. 24-25.

HOUAISS, António.; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2005. p. 767, 7093.

MARAT-MENDES, Teresa. Do Aqueduto de Lisboa aos novos Vazios, in Seminário Estudos Urbanos, *Vazios Úteis*. Lisboa, 2007.

MARTINS, João. *Bairro da Liberdade: Uma abordagem sobre Habitação Degradada e Realojamento* Em Linha. Lisboa: ISCTE, 2010. Tese de mestrado. Consult. 10 Jun. 2013. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/2030>

MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Maria do Carmo; BAPTISTA, José Meireles. *As termas públicas de Bracara Augusta e o abastecimento de água da cidade romana* Em Linha. p. 1-33. Consult. 10 Jun. 2013. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/16168/1/05%20Braga.pdf>

MOITA, Irisalva. *D. João V e o Abastecimento de Água Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990. 1v, 373 p.

MOITA, Irisalva. *D. João V e o Abastecimento de Água Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990. 2v, 276 p.

MOLTENI, Enriço. *Álvaro Siza: Bairro de la Malagueira, Évora*. Barcelona: Edicions UPC, cop. 1997. 136 p. ISBN 84-8301-223-5.

OCHOA, Rita. *Cidade e Frente de Água: Papel articulador do espaço público*. Barcelona, Novembro 2011. Tese apresentada para a obtenção do grau de doutor.

PEREIRA, Cristóvão Valente. *Chafarizes de Lisboa – Monumento e função prática a importância das funções dos equipamentos e mobiliário urbano para a sustentabilidade do espaço público* Em Linha. p. 1-27. Consult. 14 Jun. 2013. Disponível em http://www.academia.edu/895036/CHAFARIZES_DE_LISBOA_-_MONUMENTO_E_FUNCAO_PRATICA

RAMALHO, Elsa Cristina; LOURENÇO, Maria Carla. *As águas de Alfama – Memórias do passado da cidade de Lisboa* Em Linha. p. 1-17. Consult. 14 Jun. 2013. Disponível em <http://www.lneg.pt/download/3834/23.pdf>

RAMOS, Ana Cristina Lopes. *A Piscina de Marés e as Termas de Vlas: Por uma recuperação da experiência*. Coimbra, 2012. 191 f. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentado ao Departamento de Arquitectura da FCTUC.

RIBEIRO, João de Lima Mendes. *Arquitectura e espaço cénico – Um percurso biográfico*. Coimbra, 2008. 902 f. Dissertação de Doutoramento na Área Científica de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre.

SARAIVA, José Cunha. *O Aqueduto das Águas Livres e o arquitecto Ludovice*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1938. 31 p.

SILVA, Victor Córias. Água e património construído. *Pedra e Cal*. Lisboa: GECORPA. Ano V, nº 18 (Abr./Mai./Jun.), p. 4-42.

UCETA, Enrique Dominguez. España balnearia De las termas a los spas urbanos. *Arquitectura Viva*. Madrid: Arquitectura Viva. ISSN 0214-1256. Nº 127, p. 21 - 24. Revista bilingue espanhol – inglês. Tit. Inglês: Thermal Spain From Baths to Urban Spas.

VITRÚVIO. *Tratado de Arquitectura*. Trad. M. Justino Maciel. Lisboa: IST PRESS, 2006. 454 p. Tít. Orig.: *De Architectura de Vitruvius*. ISBN 972-8469-43-8.

